

Roger González Margalef

A REVOLUÇÃO DOS PINGUINS

Ficha técnica

Título: A Revolução dos Pinguins

1ª Edição

Autor: Roger González Margalef

© 2021: Autor

Coordenador Editorial: Alex Barga

Revisão Linguística: Miguel Ouana

Capa: Revelino Sengo

Maquetização: Cremildo Bié

Impressão: Editora e Tipografia Prelo Clássico, Lda.

Endereço: Av. Julius Nyerere, Rua da Beira, n° 8

Maputo - Moçambique

Contactos: 84 729 5964/ 82 477 4050

E-mail: tipografiapreloclassico@hotmail.com

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-9055-11-7

Tiragem: 500 Exemplares

Colecção: Xikalavitu n° 12

E-mail: colecao.xikalavitu@gmail.com

O inconformismo é o caminho para a mudança!

Alex Barga

What we call the beginning is often the end.

Thomas Stearns Eliot (1888 – 1965)

Ar puro e ambiente calmo, como normalmente neste cotovelo do mundo, num domingo de manhã. Pássaros circulam, sabendo-se e sentindo-se donos da estrada aérea onde não há fronteiras nem barreiras de portagens. Também não se divisam peões. No chão, muitos restos de copos plásticos partidos em pedaços, e alguns copos inteiros com vários cigarros queimados sem acabar alojados dentro, herança de uma noite de celebração de sábado. De tanto silêncio e quietude, quem quiser aparecer e levar toda a vila, podia fazê-lo rápida e limpamente, sem deixar indícios, e ninguém se iria aperceber do saqueio até muito mais tarde ou até nunca mais. Destaca-se na vila um pequeno pavilhão gimnodesportivo, que estava coberto por um tecto de chapa simples nos primeiros cinco anos após a sua construção; mais tarde, ficou descoberto forçosamente por causa de dois dias de bombardeios intensos que, de acordo com os perpetradores, tinham sido danos colaterais, erros imprevistos e imprevisíveis, ainda bem que não morreu nem se

feriu ninguém; e, finalmente, na actualidade, volta a mostrar um tecto, desta vez, brilhante e feito de materiais sintéticos que o fazem retráctil em função das condições climáticas. A edilidade explicou num famoso comunicado público que os materiais tinham sido adquiridos a um preço muito elevado, que uma empresa parceira, de um familiar do edil, tinha reduzido quase à metade, para poupar as finanças dos concidadãos. Este foi o último escândalo que se recorda na vida pública da vila. Corrupção agora parece que é algo que os praticantes podem anunciar que estão a cometer, talvez para limpar a sua imagem no dia em que fossem descobertos, pelo menos dizer que avisaram, porque tu, caro concidadão, não fizeste nada quando eu declarei que o meu cunhado estava a encher os bolsos de trás, de frente e dos lados? Para além do pavilhão, o Kuiper, o pequeno e adorável local de reunião, comidas e bebedeiras com alguma retransmissão desportiva, música ao vivo ou simples conversas entre convizinhos. Ao redor deita-se uma extensão de campos de cultivo que nunca tinham protagonizado campanhas muito abundantes, mas eram o orgulho dos mais velhos, pena que as novas gerações já não queiram cuidar das machambas. Nem dá para acreditar, se vinte anos atrás alguém dizia que a vila iria contratar mão-de-obra estrangeira temporária para poder extrair algumas caixas de cebolas, pimenta, alho, batatas, enquanto os jovens daqui andam por aí fora, nas escolas superiores da cidade, em empresas

têxteis, lojas de roupa pertencentes a essas mesmas empresas têxteis, ou em restaurantes das vilas que estão alinhadas na estrada que vai para a cidade.

Sentado numa das mesas de fora do Kuiper, Haumea degusta um café com leite para começar este dia. Pensa, silencioso. Contempla a vida e renova a sensação da decisão bem tomada, um ano e meio atrás, de deixar a cidade para instalar-se aqui. Tem um jornal nas mãos, mas já leu os destaques da primeira página e não está com vontade de deixar cair os olhos num papel impresso enquanto pode elevá-los ao mais além e avistar lindas paisagens repovoadas de árvores, que um tempo atrás, apesar de que ele ainda não morava cá, sabe que foram brutalmente queimadas por caçadores furtivos.

– Esse jornal vai voar, acho que aqui já não estás a ler, não é? – Dona Aure, a dona do Kuiper, dirige-se com confiança e afabilidade ao seu único cliente.

– Não, ainda quero espreitar os destaques da página traseira.

Numa das suas viagens de trabalho, quando começou a trabalhar numa Organização Não Governamental de gestão, conservação e melhoramento da utilização de espaços verdes, tinha aprendido a não ler um livro (ou jornal) apenas pela capa. Pelo menos, se queria ter uma mínima ideia do material, devia fazer o esforço de ler a capa e a contracapa. Respeitava isso

sempre, sem excepção, eis a razão de não permitir a remoção do jornal. Na contracapa, anuncia-se uma exposição intitulada *Making off the Shapes* de um escultor do país vizinho que estava a promover uma nova variante de criar formas, e, como ainda devia circular por mais países lá fora, unificou o título da exposição na língua inglesa. Coisas da globalização. A tal exposição, que iria ser inaugurada em poucos dias na capital da província, fez Haumea recordar uma outra exposição que estava em andamento na vila, precisamente no dia em que a sua senhora Makemake e ele chegavam para ficar. Sem lembrar-se exactamente da temática da exposição daquele dia do ano anterior, Haumea era bem capaz de sentir, como se fosse agora mesmo, que aquele dia da chegada tinha sido, com muita diferença, o momento de maior actividade dentro daquela vila. Silenciosa, agradável, segura, mas muito escassa em eventos sociais. Não apta para jovens, pensariam muitos, mas não ele. A decisão de vir até aqui tinha sido muito bem considerada pelo casal, num acordo comum que iria dar uma reviravolta de cento e oitenta graus nas suas vidas. Deixou o dinheiro da consumição, mais uma pequena gorjeta, no pratinho da chávena do café já consumido.

Num conto infanto-juvenil que Ceres gostava de mencionar sempre que ficava meio grosso, um grupo de pré-adolescentes se conhece na turma e forma uma equipa de traficantes de ideias, cujos

membros devem correr riscos como atravessar fronteiras entre países em guerra ou enviar cartas anónimas a ameaçar certos professores de escola para que facilitassem as perguntas do próximo exame. Makemake acha engraçada a história, mas cada vez que pedia o título do conto, Ceres alegava que o tinha esquecido, está na ponta da língua, se ontem mesmo o deixei na mesinha ao lado da cama, mas de facto esta forma tão crónica de esquecer um simples título começava a indicar que a tal aliança de jovens traficantes de ideias seria uma fabulação de Ceres. Éris é professora da escolinha local, e não quer nem imaginar que um dia poderá receber uma carta de ameaça vinda dos seus alunos, se bem que ela só tem crianças, que ainda não dominam essas más artes, felizmente, e por muito que eu faça por não lhas ensinar, acabarão por aprendê-las, como os palavrões. Mas tanto no caso das más artes como no dos palavrões, posso ensinar as crianças a não utilizá-los. Nota-se que Éris trabalha com muito orgulho e paixão pelos meninos, ela que ainda não é mãe mas se comporta como uma mãezinha de família alargada. Plutão é empregado de uma loja de aparelhos tecnológicos na capital da província. Tinha sido atleta de alto rendimento, mas sem sorte nos momentos chave da juventude, e agora tem um trabalho que o faz passar muitas horas de pé e apenas lhe permite a prática desportiva ocasional e amadora, mas ainda é jovem e mantém uma certa regularidade. Ceres é um intelectual, já trabalhou

numa alta posição dentro do Ministério da Cultura, em vários museus como comissário de exposições, como corrector e tradutor de textos em várias línguas e tinha viajado mais que todos os outros membros do grupo, se bem que Haumea e Plutão não ficam curtos de trajetória. Ceres adora ler, assistir filmes e peças teatrais, e, sobretudo, falar, falar e falar, mostrar erudição e que os outros o escutem.

Hau e Make são um casal muito querido em toda a vizinhança. São jovens dentro da plenitude laboral, chegados à vila apenas um ano e meio atrás, não provocam problemas, transmitem paz, alegria, bem-estar, ajudam os outros e já tiveram algumas iniciativas para consolidar-se na comunidade, como os sábados abertos (que quase sempre acabam passando para os domingos) em que lideram caminhadas pelas montanhas circunvizinhas e, depois, oferecem um almoço popular, por uma contribuição simbólica e com a inestimável ajuda de dona Aure, no fornecimento de arroz, cebola de várias cores, pepino, repolho, tomate, pimenta, alho, décimos de peixe garoupa e pedaços de frango e porco para todos os participantes.

Haumea é o marido, Makemake é a senhora. Os amigos, familiares e colegas de serviço na editorial chamam-na Make, mas única e exclusivamente o seu marido Hau é que pode chamá-la Mak. O Kuiper não é um local extremamente concorrido, no geral. Clientes habituais, alguns do café e chá, outros do

pão com manteiga e queijo, e uma minoria para o menu completo, almoço ou jantar. Uns vinte e tal consumidores por dia. Ninguém na vizinhança sabe qual a forma mais conforme de designá-lo: bar, pousada (não tinha acomodação, mas foram tantas as vezes em que alguns bêbados desamparados passaram a noite debaixo das mesas, indecorosos de se apresentarem nas respectivas famílias naquele estado indecente), casino, sociedade recreativa, restaurante, salão de festas, espaço multiusos, casa de jogos, miniestádio, templo do pecado. Em definitivo, o Kuiper é um local em nada luxuoso, mas com uma gerência que sabe aproveitar os escassos metros quadrados para que os clientes usufruam à vontade e a arrecadação seja alta, na medida das possibilidades que pode dar de si um local de uma vila remota, razoavelmente fria no inverno e, no verão, desesperadamente quente.

A gerente, dona Aure, não defende a mentalidade de desleixo comercial, o que equivale a não inovar porque, como o local é o único espaço de consumo na vila, ninguém irá solevar os clientes habituais; pelo contrário, sabendo que a maioria de clientes habituais já tem, a cada dia que passa, um pouco mais perto o cemitério, e os jovens podem deslocar-se cada vez mais facilmente para as localidades próximas ou à capital da província em prol de sua satisfação do lazer, dona Aure é plenamente consciente que deve tratar esquisitamente bem a

todos. O problema é que ela e o seu marido Horte sozinhos não têm o potencial para reverter a situação do negócio familiar, já na quarta geração, e que tinha adquirido o nome de Kuiper pela paixão que o pai da dona Aure sentia pelas ciências planetárias, facto este que levou a modernizar o nome anterior de “Casa da Vila” para Kuiper.

A vila fica a uma cinquentena de quilómetros da cidade capital da província, pelo que a falta de frequentadores do Kuiper não pode ser apenas uma questão de distância física. A movimentação de pessoas parece que só acontece numa única direcção, da vila para a cidade, mas dona Aure não ia dar o seu braço a torcer tão facilmente; devia-se fazer de tudo por tudo de forma a reverter a circulação, para que os da cidade venham para cá sentir as experiências do eco, bio, rural, natural e autêntico. Em conversas extraprofissionais, dona Aure parece maldizer o facto de ter herdado o negócio familiar, ao mesmo tempo que se vê nos seus olhos que ela não estaria melhor em nenhuma outra actividade diária que não fosse aquela. Tinha boas mãos mesmo. O marido dela, a quem todos chamam Horte, tinha adquirido da sua mãe Hortência a paixão pela agricultura até que uma insuficiência respiratória (ele que nunca tinha chupado cigarro, nem charuto, nem pipa, nem tabaco, nem ervas) o afastou da machamba, que estava localizada bem ao lado de um rio receptor de todas as imundícies imagináveis do mundo

capitalista. Como podiam nadar, mesmo sem asas nem braços, mais de quarenta quilómetros aqueles resíduos da cervejeira TonnaH? Microscópicos plásticos coloridos, camisinhas desdobradas e generosamente impregnadas de conteúdo seminal pelos dois lados, fibras de vidro, vidros grandes e cortantes, papéis nojentos sobre os quais, anos atrás, se havia promulgado e rubricado alguma política empresarial ou um contrato de trabalho, papel de despacho, papel higiénico de várias tonalidades, toalhinhas refrescantes já sem nenhuma essência, pedaços de utensílios e ferramentas como pratos, copos, chávenas partidas, panos e roupas rasgadas.

O regueiro imundo não dava trégua. Objectos físicos que nalgum momento teriam sido de grande valor e utilidade, alguns mais e outros menos, claro que não vamos comparar um contrato de trabalho com umas folhas de papel de defecar, mas que, no fim do seu processo vital, acabam no mesmo sítio e com a mesma categoria à do lixo. Horte, já recuperado por meio de terapia caseira da insuficiência respiratória, mas com estritas restrições sanitárias no seu dia-a-dia, limita-se a cooperar com dona Aure na gerência do Kuiper, sem pisar a horta. Ele, entretanto, vai-se recordando vivamente como o seu pai, já na última velhice, lhe contava a história do último réu condenado à pena capital e executado na vila, ali mesmo perto donde hoje se engarrafa o monte de lixo flutuante.

O rio tem nome? Costumava interromper Horte ao seu pai, cada vez que este insistia em que não conseguia recordar-se qual era o crime que o condenado tinha cometido para acabar sendo convertido em lei e ordem num resto humano. Deve ter um nome o rio; sim, sempre, nunca vais ver um mapa onde aparece um rio, uma vila, uma cidade ou montanha sem nome, mas é claro também que cada qual com sua mania...

– O quê? – Clamou o moço pela primeira vez que ouviu esta última frase.

– Quero dizer-te, filho, que haverá um nome oficial, verdadeiro, que aparece nos mapas. Esses mapas que ensinam nas escolas onde há paredes nas quais se podem pendurar mapas, letras ou desenhos. Se estivéssemos na África, Ásia ou América, dir-te-ia que os colonos lhe deram o nome xis ou ípsilon, mas aqui nem colonos temos tido, nem árabes ou egípcios, fenícios, nem gregos ou romanos, assírios, chineses, nem soviéticos ou nazis. Nada, ninguém jamais passou por aqui. Só sabemos porque eu ainda era jovem e recordo-me de que tivemos guerra bem perto (dizem os livros que no mesmo país) e que os bandos usaram a nossa terra desde aquela zona de campos onde nunca cresceu nada além de alho, pimenta, cebola e batata, até o rio que, às vezes corria, com água vermelha, às vezes, preta, poucas vezes, azul verdejante e, agora, é cinzenta quase preta. E como se não bastasse, os poucos que aqui moramos nem

somos capazes de pormo-nos de acordo em um nome ao rio, nem que seja um qualquer sem graça.

O pai de Horte fica cabisbaixo e interrompe a fala, como numa profunda reflexão, e, de repente, faz aceno de se pronunciar, mas nem levanta o olhar dos pés do menino. Finalmente, de forma solene e certamente premonitória, expecta que os mais novos como Horte e as gerações vindouras provavelmente nem iriam ver rio nenhum e, portanto, o espaço por onde uma vez circulava água e se executavam purgas de guerra, e que, num futuro próximo, acabaria sendo uma lixeira ou um cemitério, por inércias da história, ou ambas coisas. Devia ter feito a carreira de profeta. De facto, ousaria pensar anos mais tarde Horte, o rio pode chamar-se TonnaH, se bem que é a empresa com este nome quem está a formatar o aspecto do ex-rio, da mesma forma como em tantas cidades do mundo uma praça, uma rua, um centro de conferências ou uma avenida leva o nome de uma pessoa ou data histórica, que contribui para que essa praça, essa rua, esse centro de conferências ou essa avenida tenham o aspecto que têm, se bem que a pessoa que é honrada por atribuir-se o seu nome a uma praça, rua, centro de conferências ou avenida, na maioria dos casos, já não está entre os vivos e não pode experimentar a glória e orgulho de ver o seu nome estampado num local público bem conservado, assim como também não deve suportar,

por sorte, ver o seu nome associado a um espaço deteriorado, sujo ou contaminado, se assim estiver.

Num arrepio cumulativo de sensações, de vez em quando, Horte formula interiormente todas as perguntas que nunca conseguiu fazer ao seu pai, quer por medo, falta das palavras certas a colocar, ou porque simplesmente aceitava as palavras do pai como “aquilo que deve ser escutado”. Hoje, acumula-as com todo o detalhe na sua memória, e decide que é o momento de tomar uma decisão.

A partir do primeiro passo, tudo vai fluir, se fosse tão fácil para as poluídas águas do rio, mas aqui entram em jogo as ideias, as formas de modificar as mentes das pessoas com perguntas provocadoras. Nesse terreno, Horte é consciente de dois factos reais: o primeiro, que é bom nisso por natureza e que, de alguma forma, devia aproveitar a herança do pai, conhecido pela sua sabedoria; o segundo, a Make, esta senhora que alguns dias aparenta ser uma menina recém-saída da adolescência pela forma visionária como observa a sociedade e o mundo. A Make, esta menina recém-saída da adolescência que, alguns dias, fala como uma professora catedrática emérita que tem à sua volta tantas coisas e a quem todos devem consultar antes de dar algum passo. A Make seria a sua melhor aliança e decide que deve procurar sentar com ela, um dia qualquer, no Kuiper, como se fosse um encontro espontâneo e não preparado.

Make chega, telefone na orelha, e senta-se com um breve gesto de desculpas pelo atraso ao seu marido Hau e aos seus amigos Éris, Ceres e Plutão. Despede a colega do serviço pelo aparelho e tira o casaco e o estende no encosto da cadeira, como se estivesse a vestir um busto humano perfeitamente proporcionado, deixando ver os seus braços fortes. Será de fazer muito exercício com as panelas, escrever ou treinar nas máquinas do ginásio? Porém, como na vila não há ginásio, quem tivesse curiosidade pela morfologia dos braços da Make deveria descartar a terceira opção e pensar nas duas primeiras. Horte acha melhor deixá-la fazer seja o que for, se entreter com os amigos que a esperam e descontraír depois do trabalho ou sabe-se lá o que ela tivesse estado a fazer durante aquela jornada laboral. Leva o cabelo recolhido, as unhas pintadas na semana passada ainda bastante bem conservadas, e umas calças que destacam a longitude das suas pernas.

Dona Aure aproxima-se à mesa do grupo, papel na mão esquerda e caneta na direita, pergunta à recém-chegada se quer uma refeição ou uma bebida.

– Uma infusão só, ainda não estou com fome – responde Make.

Dona Aure esconde o papel e a caneta no bolso de marsupial que a sua bata branca oferece. Por baixo da bata, usa uma camisola cor de laranja despintada, calças frouxas que lhe escondem as gorduras que,

com certeza, deve querer não mostrar ao público, por questões estéticas. Também era daquelas mulheres que tinha crescido com as ideias fixas sobre não mostrar as carnes em público, apenas o marido na intimidade é quem pode ver e tocar, mais nada faltaria, com tantas pessoas que passam por aqui e alguns até ficam grossos, não vale a pena oferecer nem fazer pensar nada a nenhum desalmado.

Nesse mesmo instante, Makemake recebe uma mensagem de whatsapp do seu marido, hoje felizmente sentado ao seu lado com o telemóvel na mão, mas que, frequentemente, fica ausente por saídas laborais da ONG. Duas simpáticas caras de pinguins, habituais indicadores, pelo menos de segunda a sexta-feira, de que o dia laboral já está à disposição de ser armazenado no arquivo histórico da memória passageira. Ao chegar a casa, uma outra mensagem com um passarinho, uma tartaruga, uma cara amarelada com os olhos acoraçados ou simplesmente mais um pinguim indicam o recolhimento dentro dos muros domésticos. É assim como tinham forjado a sua particular revolução aos tempos que corriam, de estar juntos com recurso às tecnologias para vencer as distâncias físicas. Um casal capaz de viver remotamente sustentado por uns impertérritos, desobedientes e sublevados pinguins virtuais. Uma verdadeira revolução.

Horte recorda as conversas com o seu pai. Ele advertiu-lhe que, nesta vida, meu filho, as pessoas

que te querem muito sempre fixarão as suas atenções naquilo que fazes mal, por minúsculo que seja o erro, enquanto as pessoas que apenas estão de passagem serão as primeiras a felicitar-te por qualquer coisa. Assim, te esquecem mais facilmente, porque como nunca terá havido espaço para a fricção, crítica ou colisão, todos felizes.

Eu já vivi isso várias vezes em casa quando era menino, na escola, com os amigos, e também na juventude e quando me fiz adulto. O mais curioso é o sentimento de reconforto de saber que errei. Eu devia andar pelos dezoito anos de idade, e estava a trabalhar como assistente de cozinha. Fiquei por um período de seis meses colado ao meu chefe, que era o director de todos os outros jovens e não jovens que circulavam por aí, umas quinze pessoas. Normalmente, sem contar os primeiros três ou quatro dias, eu tinha a minha própria mesa de trabalho independente e o chefe passava pelas outras mesas onde se faziam trabalhos mais complexos. Nunca se afastava muito de mim nem desaparecia do meu alcance visual, e, depois de fazer a ronda de controlo geral, voltava à mesa dele, contígua à minha. Deixava-me fazer, pois, os primeiros três dias tinham sido bem intensos, recordo-me dele a colocar a sua mão direita por cima da minha e juntos pegarmos numa faca enorme para cortar tomates, cebolas, batatas, cenouras, alface e muitas outras coisas, uma vez por semana, inclusive fatias de bolo. Aquilo que eu cortava já de forma

independente ia para as mesas seguintes, tal era uma cadeia industrial de produção de comida para os trabalhadores de uma companhia de montagem de automóveis, das primeiras empresas do ramo que tivemos no país, que veio parar à nossa província. Mas eu apenas cozinha, nada de entrar na zona da empresa propriamente dita. Reconheço, meu filho, que aprendi muito aí, e não falo de aprender a cortar vegetais, mas aprender a entender os processos das coisas. Nesta vida tudo começa num determinado ponto e deve acabar, mais cedo ou mais tarde, num outro ponto. É assim, e com as pessoas também: nascemos, passamos daqui para lá, fazemos umas e outras coisas e, finalmente, alguns, mais cedo, outros, mais tarde, vamos embora do mundo.

– Pai, são horas de voltar para casa, estou com fome. De tanto falar de comida, quero agora mesmo esse tomate, cebola e alface, com pão ou arroz, tanto faz.

– Sim, estamos a largar já mesmo, meu filho. O mais importante que quero que te lembres disso tudo, mas tu também terás que viver as tuas experiências e cometer os teus erros, não é que as minhas palavras vão livrar-te disso. As hortaliças que eu cortava naquela cozinha industrial seguiam para os fogões, se for para cozer, ou directamente para as bandejas se fosse para servir como salada fresca, mas em todo caso nenhum pedaço de tomate ou cebola ou alho ou pepino entrava na panela ou na bandeja sem uma supervisão de tamanho e forma.

Tinha que ser perfeito, igual ao que o chefe me tinha instruído. Pelos primeiros cinco meses, tudo correu bem, porque eu sempre dava com a forma e tamanho perfeito daquilo que cortava, até que chegou o dia fatidicamente feliz. Nos cinco meses prévios, nenhuma vez ouvi “obrigado”, “excelente forma”, “brilhante tamanho”, “tens uma mão de ouro”, “tanto dominas a faca que vamos chamar-te o Pelé dos vegetais”. Nunca me tinham dito que fiz algo bem até ao momento em que errei. E nem sequer errei; fiz de propósito. Experimentei a capacidade deles para controlar-me, já sabes, por uma questão de provocar, eu era jovem e sentia que devia tentar. Há uma frase nos livros de direito, muito usada por polícias, que diz assim: *Quis custodiet ipsos custodes?* Quem controla ao controlador? Quem supervisiona o supervisor? Quem dirige o director? Logo que as cebolas deformadas chegaram à zona de entrada às panelas, todo o pessoal virou-se para mim, como se o mundo fosse cair por esgotamento e burrice. Quem levantou a voz foi, por questões de categoria, o meu chefe.

– Se sempre tens feito este trabalho, por mais de cinco meses tão bem, o que se passou agora, miúdo? Tens estado durante cinco meses, desde que eu te ensinei a pegar a faca, a cortar os tomates, cebolas, alface e até as fatias de bolo de forma excelente, com um tamanho brilhante, que aqui alguns já dizem

que tens uma mão de ouro e que tanto dominas a faca que poderíamos chamar-te o Pelé dos vegetais.

– Agora, entendo, pai – reclama indirectamente Horte de novo para voltar para a casa, já está a anoitecer.

– Agora, percebes, não é? Me disseram todas aquelas palavras bonitas somente no dia em que errei, mas, de todos eles, ninguém sabia que errei de propósito para assim poder ouvi-las. Foi um enorme prazer ouvir o meu chefe a falar coisas boas de mim, depois de cinco meses de sacrificio escravo.

Agora, Horte compreendeu o verdadeiro sentido dessa oração de sapiência do pai. Porquê, diz lá, meu puto, se todos os dias consegues arrumar a cama e dobrar a roupa perfeitamente, hoje, tiveste que fazer tudo às correrias; o resultado é péssimo, sinceramente. Não quero pensar no dia em que terás tanta pressa para aparar as barbas. Inconsciente ainda que um dia, mais cedo ou mais tarde, os pelos iriam aparecer na sua cara, Horte arregaçou as mangas e apertou o cinto decidido a tomar uma decisão. Vale mais a pena que ninguém fale de ti mesmo, porque, quando falam bem, é porque falhaste, e, se falam mal, é porque só te querem corrigir e privar-te a liberdade. Eu vou morrer um dia, já aceitei a realidade. Tu e todos também irão morrer algum dia. Por isso, quero que não te esqueças das tuas raízes. Tu nasceste nesta vila e, neste local, há coisas que a gente teima falar delas. As últimas palavras do pai, naquele dia,

foram uma aula de história, muito breve e sintética. Meu filho, esta companhia cervejeira chamada TonnaH ganhou popularidade antes da guerra, graças a pessoas com capital, isso sempre é assim. Durante a guerra, serviu de refúgio, primeiro, para uns e, depois, para os outros. Parou a produção da bebida parcialmente e deu abrigo, nesta planta que ainda existe nos subúrbios da cidade, a grupos armados, assassinos sem escrúpulos, mercenários desalmados e alguns políticos que paravam aqui como último porto seguro antes de fugir para o exílio. Na parte final da guerra, os homens de capital fundadores da empresa ajudaram só um dos bandos, acho que alguém os ameaçou e subjuguou para que encobrissem o que estava a acontecer naquela zona do país, principalmente, crimes brutais dos que ainda enforcavam e baleavam no fim do conflito, quando todo o peixe já estava quase vendido e a conclusão era só uma questão de tempo.

Muitos anos depois, Horte entendeu que é por causa dessa subjugação dos mercenários durante a guerra que, nos tempos actuais, a empresa ainda é afastada por grandes investidores que não querem sujar o seu nome, e a TonnaH dedica-se mais à difusão de barulho mediático e já não expande a comercialização do seu produto, feito a partir da melhor e mais pura cevada da região.

O sabichão Ceres inquiriu Makemake pelo nome do seu marido, Haumea, dizendo que parece de mulher,

porque termina por a. Tens certeza de que os pais dele sabiam o nome que estavam a dar-lhe, para além de ser pouco comum? Ao que Make devolve que nomes são nomes, deixa isso para lá com o teu papo de estilista dândi intelectual revoltoso e abrupto. Chama-lhe Hau, termina com u, isso é masculino ou feminino? Alguém como tu, que tanto viajou e conheceu, deve bem saber que se te chamas Andrea, és um homem e és uma mulher, em função da língua que se usa no lugar onde nasceste. Imaginas chamar-te Orlando e viver na aristocracia britânica da Idade Moderna? Ou Angel, já que dizem que os anjos não têm sexo? Sei lá como se chamam as pessoas nas ilhas remotas do Pacífico. E os animais se dão nomes entre eles? Eu nunca ouvi um gatinho chamar a um outro, da família ou não, com um nome audível ao ouvido humano, claro que não imagino até que ponto eles, os gatinhos, por exemplo, podem reconhecer os sons que nós emitimos para eles e entre nós, nomes que designam identidade.

A beber umas TonnaH, os integrantes do grupo comentam acerca das corridas de tourada modernas sem matar os animais. É muito fraco, em termos de espectáculo. Não tem essência de corrida, na minha opinião. Uns dias são bois, outros são patos e até com pinguins, quando faz frio. Correr, saltitar, brincar com eles, saltar por cima, rolar por baixo, tocar aqui e ali, o humano sempre tinha a iniciativa. Bem, mas, pelo menos, não se sacrifica o animal.

Que melhor essência que esta? Na Grécia antiga, as provas atléticas dos Jogos Olímpicos eram feitas com os corredores completamente nus. E as competições desportivas andavam a par dos desafios poéticos no reconhecimento dos heróis nacionais. Essência dentro de uns padrões éticos pode virar obsoleta. Nesta vida, tudo o que vai volta. E não só as pessoas, também o dinheiro, o poder, os sentimentos, a beleza e os cânones estéticos. Tudo.

No Kuiper, naquele dia, discutem fervorosamente acerca dos estágios da pobreza. Makemake, adequando-se à indumentária que escolheu para hoje (blusão azul escuro elegante, calças pretas bem ajustadas e finas que não ocultam umas pernas fortes como os braços, abrindo a suspeita pública de que foi nadadora ou corredora de resistência, algum tempo atrás, sapato castanho escuro quase de cerimónia), escolhe umas palavras que fiquem entre o patamar do provocador e do pulcramente correcto, sem saber que estava prestes a abrir o maior cisma de sempre no círculo de amigos. Argumenta que, durante a jornada laboral, ela cumpre escrupulosamente os horários, isto é, não chega nem antes nem depois. Não se dá um minuto do teu tempo a um chefe que não pagou por esse minuto, nem se esbanja um minuto do teu dia produtivo em outros afazeres, sabendo que alguém está a remunerar aquele minuto para um certo propósito inegociável. Faz-se um silêncio que nem de uma cozinha industrial

de madrugada, só que o zumbido de uma geleira ou congelador de idade avançada neste caso era permutado pelo de uma lamparina com três grandes asas giratórias circundantes, pendurada no tecto da sala central do Kuiper, que também já estava vazio de clientes. Quem ousou quebrar esse instante de silêncio, que bem tinha transitado de uma forma que pareciam vários minutos, foi Plutão, tradicional fiel seguidor às ideias da Make, por admiração, respeito e também porque tinha na cabeça, desde que estudaram juntos na adolescência, na mesma escola secundária, na capital da província, que se a Make encontrasse alguém para casar, ele seria o escolhido por natureza, disponibilidade e proximidade, e agora que já era casada com Haumea, Plutão seguia internamente convencido que, se um dia Make e Hau fossem terminar, ele seria o escolhido, por pura lógica incontestável do sonho. Haumea, no entanto, ficou calado, os olhos fixos num ponto longínquo qualquer, em jeito de perplexidade, incredulidade ou falta de vontade para se autoconvencer de que, numa só frase, em frente de pessoas conhecidas, estava a descobrir na sua senhora uma personalidade que nunca antes tinha conhecido nela. Mak, não será que bebeste demais? Inclusive, sem esperar uma resposta imediata, convidou-a a ir para fora do local, para tocar o ar com a cara, ou deixar tocar a cara com o ar, antes de empreender a curta viagem para casa. Êris e Ceres opuseram-se frontalmente a esta fuga de cena.

– Desculpa, tu és dessas pessoas que pensa que o trabalho tem tempo? Não estou a acreditar. – Desabafou Éris. – A única coisa que tem tempo é o próprio tempo, simples. Ou diz lá, se não se contasse o tempo, achas que os jogadores, quando estão no estádio a ganhar o seu salário, iriam parar de jogar sem que ninguém, relógio no pulso, o indicasse pelo assobio? Com certeza, a equipa que estivesse a perder nunca mais iria querer terminar de jogar, pelo menos até que conseguisse empatar ou revirar o resultado. Mas também outra coisa, o resultado, mais uma forma de contagem absurda que limita a actividade. Se querem jogar, que joguem até cansar, sem olhar para os golos ou os minutos, como fazíamos nós de crianças, até que não aparecia o pai, a mãe, ou no seu defeito a tia, primo, avô, vizinho para nos avisar que estava na hora de voltar para casa, ninguém nos tirava dali. Eu recordo-me perfeitamente! Ceres não podia estar mais de acordo com Éris, e como bom parlamentar, utiliza o discurso prévio para criar o seu. Uma forma tipicamente tradicional que Ceres usa para ganhar tempo e parecer mais sábio é iniciar dizendo “como estava a falar agora mesmo a Éris”. Assim, olho a olho com a Make, Ceres ultima a TonnaH que tinha na mão, deixa a garrafa na mesa e prende ar suficiente para soltar tudo aquilo que é capaz de organizar:

– Como estava a falar agora mesmo a Éris com o exemplo do futebol, de verdade, pensas que o tempo

é capaz de medir os nossos comportamentos e acções até tais extremos? Sabes, eu tenho tantos exemplos que nem sei com qual começar, mas fica à vontade. Olha, sim, já que estamos aqui mesmo no Kuiper sentados a beber moderadamente e a discutir sobre o tempo, o trabalho, as corridas com animais, o frio e o calor, já paraste e pensar quantos minutos é que temos passado aqui nesta discussão? E quantos minutos e segundos se passaram desde que dona Aure deixou esta cerveja na mesa – fala isto tocando a garrafa que acaba de esvaziar – até agora? Sinceramente eu não sei, e julgaria absurdo fazer nada parecido. Mas, agora, bem, ponhamos por caso que dona Aure trouxe a garrafa cheia às 19:23, e agora mesmo são 19:55. Correcto, passaram trinta e dois minutos. Agora, pega nesses teus maravilhosos trinta e dois minutos qual fossem notas de dinheiro ou fatias de pão num lar onde convive uma família com a extrema pobreza, e calcula o valor que recibes no teu trabalho na editora por hora, então, esse valor por hora vamos entender que é a metade, porque trinta e dois minutos considera-se, espero não tenhas nada contra, como meia hora. Faz um cálculo simples e dá um resultado xis, muito bem. O que vale mais a pena, passar a vida a calcular valores de produtividade, minutos, salário, ou simplesmente, que não é pouco, perseguir objectivos e pôr mãos à obra? Êris está a acompanhar com prazer e uma certa resignação, porque se nota que Ceres é instruído e sabe argumentar, construir discursos com palavras

exactas que se localizam vagamente na mente de Êris, pelo que apenas consegue fazer uma pergunta sem substância, aproveitando quando Ceres está parado para respirar. Ah, e como vai o trabalho na editora, algum lançamento previsto?

É uma tentativa em vão de normalizar o ambiente, que continua tenso. Ceres ainda está na plenitude da sua dissertação. Make está indecisa, se cortar o discurso por ser violento e sentir-se ofendida, ou simplesmente aceitar as palavras e tomar um bom banho de realidade, em jeito de purificação catártica. Escolhe, afortunadamente, a segunda opção. Qual é a utilidade de sentir-se ofendida, isso seria infantil, para além de mostrar fraqueza de argumentos. Em simultâneo, pega no telefone e manda um beijo ao seu marido, que está sentado à sua esquerda com uma perna fora da cadeira e o pé inquieto, pois não consegue ver a hora de sair e abraçar a sua mulher no caminho para casa, que seria silencioso ou animado, à preferência da Make. Depois, ela ainda envia uma série de caras amareladas com olhos de coração e algum pinguim, tartaruga, girafa, zebra e, de novo, beijinho. Tudo em mensagens separadas, porque, se entra tudo na mesma mensagem, sai mais pequeno e não anima. Sente-se melhor e mais disposta a aguentar pacificamente o discurso de Ceres, afinal isto tudo é apenas mais uma tardinha de bebidas e conversas de amigos, não tem por que transcender ao patamar da inimizade ou perda de confiança.

Como também referenciou há bocado Éris, pois Ceres gostava de reconfortar a amiga, a única coisa que tem tempo é o próprio tempo, nada mais. Na tua editora tenho certeza de que tens um horário de trabalho, sei lá das 8:15 às 16:30, com pausa para o almoço remunerada e tudo isso. Não é minha a editora, deixa escapar a Make. É a editora onde trabalho, chama-se OriOn, que é uma junção dos nomes dos fundadores, o casal Oriundo e Onassis. E sim, tenho um horário fixo com direito à baixa laboral remunerada, almoço, café, tirar cópias para efeitos do trabalho (nada de documentos pessoais), livro de ponto para entrada e saída. É apenas uma forma de organização, e eu gosto de trabalhar nessas condições. De contrário, como seria, Ceres? Nem precisa olhar para o contrário, Make. Porque não há um contrário, todos os dias são diferentes uns dos outros, a amiga aqui está a fazer-te uma pergunta bem simples, à qual nem tens feito uma tentativa de resposta. Mas responde lá, agora, como vai o trabalho na editora, algum lançamento no horizonte? Mais cedo ou mais tarde haverá um novo lançamento, como aconteceu no ano antepassado que o meu amigo que é advogado já reformado publicou as suas memórias, onde, por acaso, mencionava qualquer coisa de um homem que tinha sido a última pessoa em toda a província enforcado pelos da lei e ordem, por crimes de guerra, lá na zona do rio. Um bom livro por acaso, parece que o pai do Horte, em paz descanse, participou como testemunha da declaração do crime e acabou

com o nome impresso na página dos agradecimentos do advogado. Pena que nem estou a recordar-me se foi o advogado do coitado que enforcaram ou da família que supostamente tinha sido burlada pelas más artes do homem, que dizem que parecia um bom senhor, mas, durante a guerra, tinha feito de tudo para sobreviver, do legal e do ilegal, sem contemplanções, e, por isso, o enforcaram. Bom, não sou eu que estou a dizer que o homem praticava más artes; vem escrito textualmente no livro, que tinha sido enforcado por uso de “más artes”. Muito mais não sei, mas, enfim, posso consultar o meu amigo advogado, foi o supervisor da tese de um meu colega na Faculdade de Direito, deixa procurar o contacto dele, agora, estou curioso.

O ouvido de Horte recolheu tudo, impassivelmente, qual vassoura eficiente de novas cerdas, através do barulho ainda no local. O som tinha penetrado limpidamente na distância entre a boca de Ceres e a orelha de Horte, como se o som dessas palavras tivesse circulado por uma autoestrada cujos únicos utentes que tinham pago o valor da portagem fossem Horte e Ceres, gozando de livre circulação de ida e volta. Más artes? O homem condenado a enforcamento no rio tinha más artes. O que significa isto? Horte não sabe se aproximar directamente e interromper a conversa dos amigos, ao mesmo tempo, os seus respeitáveis e honrados clientes, ou, melhor, será ir fazer uma visita à campa do pai. Só podem ser lendas urbanas,

que advogadinho anda por lá solto a publicar factos desconhecidos, que nem o meu pai sabia enquanto ele sempre viveu aqui e não se lhe escapava nada. Mas também, analisando o caso, o tal advogado que foi para a reforma há pouco menos de um ano não seria tal muito mais jovem do que o meu falecido pai, pelo que alguma credibilidade poderá haver dentro disto tudo. Tenho que encontrar o advogado, sem dúvida. E agora mais do que antes, a aproximação à Make já não devia ser feita para pedir ajuda sobre alguns dados do que aconteceu com o rio ao longo dos tempos remotos de antes da guerra até hoje, mas devia estabelecer-se uma colaboração frutífera.

No dia seguinte, Make despede-se de Hau na estação logo de manhã para umas jornadas de trabalho que o afastariam da vila durante uma semana. Depois, dirige-se para o Kuiper, mas antes de lá chegar, Horte não duvida nem um momento em interrompê-la, enquanto vê Make a aproximar.

– Temos que falar, é algo muito sério. Bom dia, desculpa-me, até me esqueço do essencial.

– Temos que falar, sobre o quê mesmo? Bom dia, Horte, pareces incomodado por alguma coisa. Está tudo bem?

– O rio, os nomes do rio, o último executado enforcado da província, as cervejas TonnaH, os homens da lei e ordem, o advogado que publicou uma obra na tua

editora há dois anos... Tudo isso quero saber. Preciso saber a verdade.

– Meu Deus, Horte! – Make fica sem jeito, enquanto, telefone na mão, consulta uma mensagem do marido: “Já estou no comboio, a caminho, está tudo bem, vou ligar-te logo que chegar”. E uma mensagem em imagem de beijinho, outra do pinguim, outra do passarinho cinzento.

– Por favor, não me deixe assim, tenho algo dentro do coração que preciso resolver, o meu pai deve descansar em paz.

– Não sei como vamos fazer, porque já passou um bom tempo de algumas coisas que tu mencionas, mas, enfim, vamos ver se conversar nos ajuda a entender aquilo que precisas resolver – assentiu, compreensiva, a Make. – Depois de amanhã, à tarde, posso sair antes do serviço, pois, esta semana, tenho uma hora e meia livre, que usei semana passada por um assunto. Depois de amanhã, te mando uma mensagem assim que estiver a caminho do Kuiper.

– Perfeito, depois de amanhã, estou disponível. E muitíssimo obrigado, nem sabes quanto agradeço, minha irmã.

Apesar da diferença de idade, mais de dez anos entre eles, a Make sente graça naquela forma de tratamento usada pelo marido da proprietária do Kuiper. Horte

pensa que depois de amanhã é perfeito, assim poderá usar o dia de amanhã para visitar o local de repouso do pai e contar-lhe as novas.

Horte chega ao cemitério consciente de que, no dia seguinte, tem um encontro que pode ser importante com Make, porque ele iria apresentar toda a situação e Make contar-lhe-ia pouco, com toda probabilidade. Imagina que ela estará com receio e não saberá se deve cruzar este Rubicão, dar a conhecer detalhes acerca de um homem que publicou uma obra de memórias e pagou uma soma de dinheiro pouco desprezável por isso à editora OriOn. Mas uma coisa é evidente: Horte quer partilhar as últimas palavras do seu pai antes de morrer, que podiam ligeiramente incriminar o pai do seu marido, Haumea.

– Bom dia. Hoje vim um pouco mais cedo do que as outras vezes. Como vai, meu velho?

Desde a morte do seu pai, Horte tinha começado a entender aquilo que dizia repetidamente a professora de Educação Musical, parece-lhe recordar chamava-

-se dona Cecília, há mais de trinta anos no instituto. Que os silêncios têm um valor e peso incalculável para o conjunto da peça. Uma peça musical entendida como um acto de comunicação, transmissão de sentimentos, informação, ensinamentos. Sem silêncio, o som das notas tornar-se-ia barulho, como no engarrafamento das sete e tal para entrar na cidade.

Dirige-se de novo ao falecido pai. O que achas sobre este dilema que tenho? Eu considero que se Make fala alguma coisa com substância, logo desde o início, posso deixá-la fazer, escutar atentamente apenas; se ela se fecha em banda, então serei eu quem solte o que tu me disseste. De facto, gostaria que fosses tu de novo a me dizer aquelas palavras sobre o mercenário, mas como estás calado eternamente, ela poderá fazer o seu máximo. É muito boa, vai funcionar. Sinto-me como um adolescente perante um dos exames mais importantes para ganhar o acesso à Faculdade, e eu quero que tu, como qualquer pai, fiques orgulhoso do teu filho por tirar boas notas. Horte fica alguns minutos a olhar o epitáfio na campa do pai. *O passado é a única coisa que nunca passa.* Sempre o lia com atenção, ele próprio tinha autorizado, como familiar directo, que fosse esta a frase dentro das muitas que o pai tinha deixado escritas em papéis que sempre tinha por casa. Sabe que hoje tem tempo, dona Aure só o espera no Kuiper a partir das catorze horas e quer dialogar com o pai, ou com a campa dele.

Aproveita também para passear devagar por todo o recinto, saudar os vizinhos do pai.

O cemitério fica numa zona elevada no redor da vila, desde onde se pode divisar, nos dias sem nuvens nem cacimbo, alguns bairros periféricos que dão entrada à capital da província. De manhã, muitos carros na direcção de ida, depois calma relativa no trânsito e, finalmente, a partir das quinze horas até anoitecer, congestionamento no sentido oposto ao da manhã. Conseguiu reconhecer o carro azul de Hau e Make a entrar na vila, ainda de manhã. O que foi fazer esta senhora num dia normal por aqueles lares? Hau estava a trabalhar fora esta semana, como tantas outras vezes, saiu no dia anterior e só voltava no fim da semana, pelo que Horte deduziu que, exceptuando Make tivesse tido uma emergência, era ela que saía a fazer um trabalho da editora, como uma reunião, solicitação de contactos com parceiros, marcação de um próximo lançamento ou evento literário. Horte acompanhou com os olhos a trajectória da viatura azul até que se perdeu no ninho de casas da vila, e pensou que a primeira coisa que devia tratar no encontro com a Make, no dia seguinte, seria que lhe explicasse, até onde fosse possível, todos os detalhes de que ela se recordasse do advogado Arreug, e como tinha sido o evento de lançamento do livro “Memórias de um Observador”, dois anos atrás.

Devido ao facto de Hau pernoitar fora de casa com uma frequência elevada, coisas do trabalho, está

prestes a ganhar uma ascensão porque os chefes estão a ficar velhos e ele é um dos candidatos melhor posicionados desde que não negue as deslocações imprescindíveis, Make tem estado a criar novos hábitos que não fazia desde que era solteira e sem namorado, há mais de dez anos.

Ler muito, de manhã, à noite e também se possível em momentos perdidos do dia e assistir a filmes de todos os géneros e épocas (western, clássicas, policiais, Hollywood... fica especialmente engolida pelo *Blinded by the Light*, de 2019, e pensa que teria gostado ser jornalista ou advogada naquele filme. No primeiro caso, para documentar ao mundo os problemas das comunidades de paquistaneses, na Inglaterra dos anos 80, e, no segundo caso, para defender o jovem protagonista dos abusos raciais que sofre no seu dia-a-dia). Chega ao Kuiper uns minutos mais cedo do que tinham concordado ela e Horte, mas o marido da proprietária já se encontra à espera dela, fora do local, vestindo uma camisa branca com dois grandes bolsos, um de cada lado do peito. O homem oferece à Make caminhar um pouco em direcção a uma rua bem calma e silenciosa adjacente ao Kuiper, que se localiza numa das quatro esquinas que delimitam a extensão oficial da vila. Antes que Horte pudesse abrir a boca, como se assumisse de forma natural que é ele, o promotor do encontro, quem deve falar em primeira ordem, Make solta uma interrogativa directa:

– Sabes quem era o teu pai, Horte?

– O meu pai... estive com ele ontem, vou muitas vezes ao seu encontro, daqui para o cemitério é uma distância curta e sempre faz-me sentir bem ir para lá. Respondendo à tua questão, posso assegurar-te que conheço ele mais agora do que quando estava entre nós, sinceramente. Horte pressente que a sua interlocutora está a apostar por uma estratégia de conversa semelhante à dele, só que ela ganhou a iniciativa por ter disparado em primeiro lugar. Assim, o marido de dona Aure dá por fracassada a sua tentativa de escutar o que ela tivesse por falar, que, com certeza, tem, mas quem sabe se irá dizer mais ou irá dizer menos. Agora, é ela quem aguarda pelo pronunciamento dele e poderá assim medir a sua contra intervenção. Horte decide desvelar o que ele traz na reserva. O meu pai era um sábio da vila, seguramente, o homem mais confiado para guardar segredos e, ao mesmo tempo, o maior armazém de recordações e eventos históricos que se passavam aqui, na nossa vila. Com ele, eu recordo-me de que íamos passear, e ele sempre revestia as conversas da mesma dinâmica, sem mais segredo que observar o rio, umas pedras, um caminho ou o pico de uma montanha lá acima. Ficava em silêncio por breves instantes e depois comentava que, um tempo atrás, quando eu era menino, neste caminho, eu e os meus amigos apanhávamos ratazanas e as cozíamos com lenha do mato e fósforos que roubávamos das

nossas casas; lá em cima na montanha, estás a ver aquela ponta, filho, quando começou a guerra se escondiam alguns homens idosos para jogar xadrez, com tabuleiro e tudo, já que não podiam ficar na Casa da Vila que não era lugar seguro; mais tarde, os xadrezistas vieram interrompidos os seus ínfimos momentos de lazer e, por pura necessidade, trouxeram as suas famílias inteiras, até tal ponto que aquilo lá em cima ficou um bairro; nesse bairro alto (deram-lhe esse nome por razões evidentíssimas), a maioria acabou assediada e morta no assalto final à montanha pelas milícias, já não sei de que bando, porque, na cidade, diziam que uns ganhavam, mas, aqui nesta zona, ainda estavam fortes os outros, e no meio da confusão, só os mais rápidos conseguiram escapar. Desculpa, estou a encher-te a cabeça com recordações, é que ontem mesmo estive com ele no cemitério e fiquei com a nostalgia. Mas, basicamente, é isso que conheço do meu pai. Seguramente, tu tens outras coisas por contar-me e eu aqui estou a roubar o teu tempo – tenta Horte, com certa habilidade, consumir uma reviravolta de cento e oitenta graus ao decurso da conversa.

Make tem estado a ouvir e escutar atenciosamente o conteúdo do monólogo do co-proprietário do Kuiper. Estou muito agradecida. Obrigada de verdade por contar-me tudo isto do teu pai, é muito mais do que eu podia imaginar. Era um homem bom. Nunca ouvi ninguém falar mal dele, no tempo que faz que estou

aqui. Nem envolvimento na guerra, nem corrupção nem más artes para com os concidadãos. Devia ter sido edil – adiciona Make, entre a brincadeira e a possibilidade real. Afinal de contas, se um corrupto declarado pode chegar a ser edil, porque não um homem sábio e bem visto pela maioria?

– Bom, penso que agora é a tua vez. Quero dizer, sabes porque te chamei? Gostaria de saber qualquer coisa acerca do tal homem que foi citado há dois dias no Kuiper, penso que foi Ceres quem expectorava palavras brilhantes sobre um tal advogado que publicou um livro e fez o lançamento na editora onde tu trabalhas, minha irmã.

– O que gostarias de saber sobre aquele homem? Arreug, lembro-me de que assim se apelidava. Neste mundo de advogados, juristas, juizes e procuradores só existem as pessoas pelos apelidos.

– Do homem, quero saber tudo – responde Horte, mas vamos dar-lhe onde mais dói. Para isso, primeiro, temos que conseguir o livro “Memórias de um Observador” e procurar factos que ele não poderá negar que sejam certos porque estão publicados num livro da sua autoria. A partir daí, teremos que afinar muito para procurar passagens do livro que nos levem a factos que eu tenha ouvido o meu pai a falar.

– Podes ser mais concreto? – Impacienta-se a Make. Quais factos? Um livro de mais de quinhentas páginas escrito por um advogado que trabalhou em tantos casos a nível nacional e internacional deve ter imensas anotações. Procurar uma informação específica sobre factos que o tornem suspeito de alguma coisa será como seleccionar um pinguim na Antártida. Sabes que o teu objectivo está aí, entre a multidão, mas qual deles é, exactamente?

– Não terá muitas páginas que falem sobre o crime do enforcado no rio desta vila, há vinte anos, por um grupo de homens armados. O meu pai apenas se recorda de um caso com estas características. E sobre a dificuldade de procura, concordo contigo que é delicado no caso que todos os pinguins sejam iguais, preto e branco no corpo com o bico e pernas alaranjadas; mas se o pinguim que procuramos é vermelho, azul, verde ou amarelo, e é o único assim, não achas que será mais provável localizá-lo?

Make está a ficar perdida e até está a começar a sentir frio, quer pela conversa sobre pinguins ou porque naquela ruela onde estão sentados ela e Horte a conversar já começam a desaparecer os raios solares, que agora se projectam sobre o Kuiper. Muito mais fácil do que estás a pensar. Tenho uma informação chave que escapou pela grande boca de Ceres, na conversa de dois dias atrás. Ninguém de vocês que estavam na mesa com ele pareceu prestar a devida atenção. Mas eu sim: Ceres disse que uma parte do

livro menciona textualmente que o enforcado no rio tinha “más artes”. Portanto, já entendes por onde eu vou. Preciso saber quais más artes tinha esse conhecido do meu pai.

– Não sei o que dizer, porque devo admitir que não me recordo do momento em que Ceres mencionou que, numa parte do livro, vem explicitamente que o enforcado no rio da nossa vila praticava más artes.

Make reconhece que se tudo isto é verdadeiro, o marido de dona Aure tem bom ouvido, e comenta, a meio caminho, entre a piada e o juramento, que o Kuiper não é um lugar para desabafar intimidades, se tu estás por perto. Horte, já cansado de ficar sentado num muro abandonado daquela rua minúscula, na qual apenas viviam duas famílias em casas contíguas, levanta-se e oferece as duas mãos frontalmente à sua jovem interlocutora, que as aceita e os dois ficam em pé, prontos para caminhar de volta em direcção ao Kuiper. Horte questiona como tinha sido o evento de lançamento do livro do advogado Arreug, já faz quase dois anos na editora OriOn. Nada especial, o tal Arreug, com todas as características de alguém que domina as leis e os discursos públicos. Um daqueles tipos que sabe muito e manuseia demais – conclui Make.

– Assim, minha irmã, estamos juntos? A pergunta é retórica, pois a trabalhadora da gráfica já se apercebeu que é necessária para a investigação

do seu amigo, e fica interessada pelo episódio do enforcamento no rio, que um homem tão sábio como o pai de Horte tinha presenciado furtivamente.

– Aqui está o livro – diz Make, depois de assegurar-se de que não havia ninguém por perto, na mesma rua onde tinham tido o primeiro encontro sobre o episódio. “Memórias de um Observador” é um volume que se assemelha a um tijolo tanto pelo peso como pela forma e aspecto. C. E. Arreug. Estes loucos do mundo da justiça não saem do apelido nem para publicar um livro. – Foi difícil encontrá-lo? – Pergunta, por pura cortesia Horte, feliz simplesmente porque a dupla já deu o primeiro passo. Este é o segundo encontro secreto que marcam.

– Nada – retorque ela – estava alojado numa prateleira da sala de visitas que temos na editora, a apanhar poeira só. Parece que esta é uma outra Make, radicalmente diferente da Make da primeira vez que Horte a tinha aproximado para o assunto do episódio. Já não pretende contar pouco nem está com receio de falar, desde que seja apenas com o filho do homem sábio.

De momento, agora que tanto Horte como Make já partilham algum conhecimento sobre o tal advogado que Ceres mencionou no Kuiper, alguns dias atrás, amigo dele, Make solta, sem provocar surpresa no seu interlocutor, que ainda vive e está bem de saúde, mesmo além dos setenta anos. Mas não sei se é boa

ideia ir falar com ele. Basta reparar, antes de nada, o título da obra que se apresentou na editora OriOn no ano antepassado, “Memórias de um Observador”. Make adiciona ainda mais alguma informação daquele homem que não tinha referido no primeiro encontro: com este título, nota-se que o advogado Arreug é um desses ortodoxos da profissão, que nunca toleraria nenhuma interferência emocional ou extra profissional no tratamento de um caso judicial. Por isso, autoproclama-se observador, não interveniente. Ou seja, que por irmos visitá-lo, posso assegurar-te que só vamos perder o tempo de ida e volta, para além do combustível e comida que vais oferecer-me, não é? Make olhou divertidamente para Horte numa tentativa de criar distensão, mas sem desviar-se da realidade: falar com aquele homem, mesmo se um amigo como Ceres intercedesse, seria como falar a uma parede. Não ia contar nada sobre uma execução sumária que aconteceu vinte anos atrás e que nem tinha despertado a mínima atenção dos meios de comunicação. Procurar nos arquivos históricos, bancos de dados de jornais da época ou em bibliotecas e centros culturais de memória seria como procurar um grão de areia na praia, e, como no caso dos pinguins na Antártida, sabe-se que está aí, mas como identificá-lo? Vamos mandar uma carta a esse senhor. Vamos fingir uma trama, como que somos investigadores externos de algum Ministério, mandados *ex professo* para poder recolher informações para uma exposição que

irá ser mostrada na cidade, por exemplo, ou sei lá qualquer outra coisa deste estilo, vamos garantir-lhe confidencialidade e anonimato, e, evidentemente, nenhuma repreensão nem medida penal, caso falasse de algo que compromettesse alguém ainda vivo, dos que participaram na execução sumária do conhecido do pai de Horte, naquele rio moribundo, há mais de vinte anos. Não vamos citar isso explicitamente na carta, pois não? Esta questão será analisada quando tivermos estabelecido contacto real com ele. Com um pouco de boa práxis, ele acabará por ter bons olhos. Não tens fé?

Mãos à obra, fazem um plano de como escrever a carta ao advogado e também os próximos passos da pesquisa, um plano A se a resposta fosse negativa, e um plano B se o homem mostrasse, por milagre, alguma mínima vontade de falar sobre o episódio. A missiva que preparam diz assim:

Prezado Senhor Arreug,

Esta carta é dirigida a si por duas pessoas que poderá não conhecer. O motivo é bem simples e ao mesmo tempo complexo. O Ministério da Memória tem efectuado uma prolongada pesquisa de nomes, apenas nomes, de pessoas que figuram em registos oficiais de acontecimentos bélicos nesta província. A razão pela que esta carta chegou às suas mãos não tem a ver com nenhum acontecimento bélico conhecido, disso este Ministério não trata, mas é por um motivo

de apoio escolar aos centros de ensino primário da província. Esperamos seja do seu interesse saber que no próximo ano lectivo será introduzida uma nova disciplina na qual os alunos do nível primário serão desafiados, numa iniciativa piloto, a conhecer o entorno da zona onde vivem (esta província), a partir de vozes conhecedoras do terreno. Como exemplo que espelha o intuito último da nossa comunicação, uma curiosidade: muitas pessoas da vila mais pequena da província não conhecem o nome do rio que por ela passa, e isso constitui um problema para a formação dos nossos mais jovens.

Pela razão acima exposta, confiando que esteja tudo claro, solicitamos que, na sua condição de voz conhecedora do terreno, considere a possibilidade de programar uma sessão conjunta onde a metodologia principal de trabalho será a conversa directa, com uma equipa de duas pessoas afectas à Delegação Provincial deste Ministério, numa data, hora e local que lhe convier, conforme a sua disponibilidade.

Por favor observe que os nossos nomes não aparecem no remetente desta carta por questões de confidencialidade laboral, mas encontre os contactos telefónicos e endereço electrónico do nosso escritório, a partir dos quais estamos disponíveis e iremos responder a qualquer sua comunicação na maior brevidade. Agradecemos o seu tempo por ler esta carta, e, ainda mais, iremos apreciar qualquer forma de resposta que tenha a bondade de produzir.

Cordiais saudações,

Chegados a este ponto, uma vez finalizadas as rigorosas e incontáveis correcções da carta, a única questão pendente é: enviar ou não enviar? Achas que esse “apoio escolar” pode resultar credível? Pelas vinte e uma horas da noite, volta Make para comunicar ao marido da dona Aure que já não há como voltar para trás. Enviei, com carimbo pago, assinei e tudo.

– Éris, nunca te perguntei sobre o teu trabalho na escolinha.

Estão sentados no Kuiper os quatro amigos em redor de duas mesas pequenas acopladas. Make só sabia, mas claro não ia falar-lhe directamente, que Éris ganhara o lugar porque ninguém mais tinha concorrido para aquela vacante, numa terra de ninguém, a dar aulas a pouquíssimas crianças e com escassas perspectivas de emprego, a longo prazo, devido às baixíssimas taxas de natalidade que não só a vila, mas toda a província apresentava, nos últimos tempos. Do lado positivo, ganhar experiência numa terra de ninguém como aquela era uma magnífica forma de não estar mão sobre mão em casa, ou, ainda pior, de pés no chão na fila de desempregados na cidade. Esta experiência faz forte a qualquer. É algo natural, basta ver como naqueles países onde havia colonialismo, nos tempos, os europeus mandavam os burros inúteis para fazê-los

chefes de bairro, controlar uma caserna, abusar dos nativos e lucrar-se, tudo com a proteção do governo da metrópole, porque se tivessem ficado na terra de origem não teriam feito nada. Então, aqui, Éris faz algo com a mesma mentalidade subjacente, mas é claro que Éris não é uma burra inútil nem chefia uma caserna, abusa dos nativos ou lucra-se sem escrúpulos; ela ganha o seu salário, além do subsídio por zona remota, já queriam isso os vizinhos da urbe que agora mesmo estão na fila do desemprego, cavernícolas da cidade.

– Só sei que foste muito corajosa de concorrer para trabalhar aqui como professora. Meus parabéns. E, assim, o que fazes com as crianças? Estás a gostar?

– Fui a única corajosa – Éris enfatiza rigorosamente a palavra “única” – eis como ganhei a posição. Mas disso todo o mundo sabe, mesmo vocês que chegaram há pouco.

Éris sente que deve pedir desculpas imediatamente. Não vai martelar Make com frustrações, não. Em geral, o trabalho corria bem, e das poucas ocasiões que tem para mostrar os seus pensamentos e emoções, e também a sua inteligência na ausência do sabichão Ceres, a Éris não vai desaproveitar a oportunidade abruptamente. Fala convencida de que ela está muito orgulhosa de ser, dizia sempre, o estágio primário por onde passam as crianças na sociedade. Sim, não olhem assim para mim – Plutão e Make puseram

rostos de meia confusão, estupefactos e curiosos – eu prefiro ver as crianças como seres maleáveis que se tratam em fases. Então, Éris mantém o tom de voz, mas mostra-se confiante, eu sou a operadora da primeira fase, se eu não consigo formatar bem os meninos no mais básico, como é que irão integrar-se nos próximos passos? Eu tenho sorte de tratá-los quase como iguais, M com A é “ma” e depois “mamã”, aprendem isso e já, mas imagina o professor da Faculdade de Economia que terá que ensinar a fazer extractos de contas bancárias e declarações comerciais, observando as taxas de juro pelo valor de 8,75% até 9,5%, sem esquecer os pagamentos de salários, após aplicação da retenção do IRPS; e o professor de Biologia, que terá de explicar que dentro das células existe uma coisa chamada o complexo de Golji, com umas certas funções, mas também alguém terá de explicar-lhes quem era o tal Golji, Camillo, italiano, que trabalhou com Cajal, Ramón, espanhol, com quem discutia com mais frequência que um casal com filhos adolescentes; e o professor de Língua e Literatura, que terá de saber explicar que o adjectivo kafkiano designa uma coisa que é absurda, labiríntica e que produz frustração, mas não menos importante será que os jovens saiam de um nível de ensino sabendo quem era Kafka, quais obras escreveu, com que estilo, que língua usava, em que época viveu e porque deu origem ao tal adjectivo. Uma perna não caminha sem a outra, e não vamos

encher as crianças de muletas já desde a escola. Estou a fazer-me entender, não é?

Os dois interlocutores mexeram a cabeça para cima e para baixo, com ímpeto, igual que fazem os políticos na Assembleia quando o seu líder de partido fala.

Dona Aure trouxe o menu em papel, e os três comensais foram unânimes na escolha das viandas: salada de alface e cogumelos para começar, e perna de frango. Água de beber, não gelada. Make pediria infusão no fim da refeição; Plutão e Éris, café com um pouco de leite e sem açúcar. A refeição decorreu a maior parte do tempo em silêncio, apenas quebrado por comentários leves de qualquer um dos três amigos: acerca da chuva de ontem (Make), a neve do inverno e a dificuldade de praticar desporto nessas condições (Plutão), a sujidade do rio (Make), a possibilidade de receber novos livros escolares para o ano (Éris).

Na hora dos cafés e da infusão, a professora retomou a sua oração de sapiência, como se a faísca ainda não tivesse sido apagada.

Nem quero pensar nos professores de História, Deus tenha compaixão deles e não os faça sofrer, estão a ver a seguinte situação: explicar aos jovens já crescidos, alguns até afiliados nas juventudes de não sei qual partido político que o pai diz que é o melhor porque prioriza a estabilidade dos sectores vitais do país,

garantindo as liberdades individuais e colectivas dos cidadãos... e o professor a explicar que esse tal partido surgiu a partir dos resíduos de um golpe de estado que tanta gente detesta hoje? Bem-haja que eu apenas trato de crianças e não hei de atrapalhar as suas doces e inocentes mentes com golpes de estado, retenções fiscais, complexos celulares ou insectos kafkianos. Basta aprenderem as cores, desenhar, pintar, recitar os dias da semana, meses do ano, as letras do alfabeto, nomes de plantas, animais. Adoro tanto o meu trabalho, não me imagino fazendo outra coisa.

Dá para ver, interrompe educadamente Plutão, com um gesto de mãos abertas. E sabes que aqui na escola precisávamos de alguém com esta tua paixão, qual uma biblioteca precisa de livros como forma de dar sentido ao seu nome e função.

Eu, na faculdade, era muito má em História – continua a contar Éris –, não achava interesse nem graça na indagação de factos do passado, e, de repente, um colega perguntou-me, acho que, para fazer-se o intelectual sobradamente preparado antes do exame: porque os golpes de estado têm sido sempre feitos por militares? Porque não podem fazer golpes de estado os padeiros, os actores, os distribuidores de jornais, os pescadores, as prostitutas, os garimpeiros, os professores ou os camponeses? Inclua-se implicitamente, dentro desta lista, todas as contrapartes masculinas, para

o caso das prostitutas, e femininas, para todos os outros grupos. E porque têm que ser sempre seres humanos a fazerem golpes de estado, se afinal a terra é habitada por todos, esses todos terão um ou outro nível de direito à sublevação? Desde aquele dia, há uns cinco anos, não deixo de pensar que a história é a mais necessária das ciências de estudo, porque o passado é a única coisa que nunca passa. E, por isso, esteja eu numa vila remota como esta ou numa grande cidade cheia de monumentos aos heróis da pátria, considero que todos os cantos do nosso planeta têm alguma história por desvendar, que deve ser investigada e entendida. E volto a repetir, não apenas história protagonizada por humanos.

Ainda em estado de surpresa pelas francas palavras da sua amiga, a quem nunca tinha ouvido falar com tanta convicção, Make fica a pensar se uma parte daquele discurso vai dirigida directamente a ela e o assunto do Horte, que naquele dia estava a gozar uma jornada de descanso, que é o mesmo que dizer um dia de passeio pela natureza, de manhã, e leitura de jornais, à tarde.

Não existe o Prémio Nobel da Educação – reclama Éris. Eu penso que nós, os académicos, devemos pensar mais nisso, não pelo prémio em si, mas pelo reconhecimento da tarefa educativa, porque, hoje em dia, estamos num modelo de fazer as coisas que as crianças, desde uma idade muito tenra, apenas são levadas a conceber que devem limpar depois de terem

sujado. E porque não ensinar a esbanjar menos, usar e sujar responsabilmente? Poderíamos evitar muitos conflitos somente com reduzirmos o nosso nível de acção, de fazer, usar, gastar, arrumar, voltar a usar, voltar a lavar, voltar a comprar e arrumar coisas que nem sabemos porque compramos.

No intelectualismo é igual, porque a escrita é uma acção de restituição daquilo que usamos. Nenhuma lei de propriedade intelectual poderá impedir o ultraje cometido por muitos, porque não basta consumir sem dar algo em troca, produzir escrita. No fim das contas, a escrita está toda na cabeça das pessoas, mesmo saibam ou não saibam escrever, portanto, podemos deduzir que todas as obras conhecidas da literatura universal, que são muitas, representam apenas uma fraccionaríssima parte de todos os pensamentos potencialmente literários, cultos e bem escritos que podiam surgir desde os tempos remotos até hoje mesmo, agora. Olha, façamos uma proporção mínima de justiça: por cada dez livros lidos, sejam romances, novelas, colectâneas ou antologias poéticas, contos ou artigos, produzamos um. Dez por um, prontos. No ambientalismo se faz ao contrário, por cada árvore que se poda para usos consumíveis ou comerciais (carvão, lenha, mobília, papel), plantemos dez.

O receptor da carta mantém-se no silêncio por uns dias, e, depois, apenas responde por via electrónica, dizendo que vai pensar. Não deixa nenhum detalhe

de se vive na cidade, o que faz, quais dias ele está mais disponível, nenhuma opinião favorável nem contrária perante o convite nem muito menos sobre o conteúdo da carta.

Certo dia, no Kuiper, aparece um senhor de avançada idade, com fato e gravata, nota-se de longe que o casaco do fato é grande demais, apesar de o homem ser voluminoso. Terá perdido peso recentemente nalguma dessas palhaçadas de dieta e vida saudável da terceira idade, envelhece com paixão e elegância, coisas que fazem os reformados. Imediatamente, é reconhecido, apesar da sua atitude discreta. Como é possível que tenha chegado por casualidade aqui na nossa vila escondida do mundo? Será que nos procura mesmo, ou veio para reviver nostalgias de um lugar que não pisava desde fazia uns vinte anos, e porque agora mesmo?

Vem visitar o amigo Ceres – imagina Make – mas nem eram assim tão próximos, eu calculo pelas idades que ambos têm. Quando aconteceram os factos, Ceres ainda devia ser um jovem que, se calhar, estaria no primeiro ano dos estudos superiores, e começava a fazer os seus contactos diplomáticos, área em que, se deve reconhecer, foi um mestre desde bem jovem. Uma vez, assim do nada, marcou um encontro com um representante da Liga de Basquetebol norte-americana que se encontrava por acaso a relaxar uns dias nas praias da nossa costa próxima, depois de uns dias de campus de iniciação ao basquetebol com

crianças órfãs da nossa província, de seis a doze anos, todas elas residentes numa casa caritativa. Foi ter com ele, e só com uma breve conversa, ganhou direito a bolsas de estudo para um menino e uma menina na América, com a condição de que apostassem na prática desportiva e não mudassem de equipa, no mínimo, após três anos de concluírem a formação académica. *Good deal, win-win, fair-trade*, ou, seja como for, que se devem explicar estas manobras. Já se sabe, com domínio de línguas, chega-se a todo o mundo, física ou espiritualmente, e isso era apenas o início das habilidades persuasivas de Ceres, que é partidário do *laissez-faire*.

– Boa tarde. De verdade acham que esse “apoio escolar” podia resultar credível? – Dispara, directo, o homem de fato.

Arreug tenta entrar com um ar ameaçador, mas é apenas um estilo, uma forma de demonstrar que é mais velho do que os seus interlocutores, e que a sua presença deve ser levada a sério. Ministério da Memória, não me façam rir. Mas, imediatamente, descontrai, ou aparenta que descontrai, e prossegue com a fala, já com um tom mais amigável. Sim, é inovador e para algumas pessoas resulta até fascinante, mas certamente é uma invenção deste novo governo não livre de polémica. O que faz um Ministro da Memória, todo o dia a resolver Sudokus? Assistir filmes do século passado? Arreug alega que seria mais lógico que este tipo de iniciativa de

“apoio escolar” fosse canalizada pelos Ministérios da Educação ou da Cultura. Mas sabendo, como eu sei, o verdadeiro propósito que vocês trazem entre mãos, poderia considerar-se que é competência do Ministério da Informação, da Defesa ou da Justiça. Bom, conjecturas minhas. E antes que me perguntem, como acham que conheço o verdadeiro propósito? Imaginemos que é isso mesmo que eu estou a imaginar e que vocês estão a assumir. Em mais de vinte anos, só umas duas ou três pessoas falaram comigo acerca do episódio do rio, e eram pessoas que tinham estado comigo, sabiam de tudo e não havia como imaginar nenhuma fuga de informação, porque todos estamos igualmente envolvidos e já sabemos que, quando vês as barbas do teu vizinho a serem cortadas, pões as tuas a molhar. E vocês mencionaram o rio, na vossa carta. Estamos a entendermo-nos? De facto, já estava a preocupar-me que fossem deixar-me em paz assim, sem que ninguém tivesse aparecido a interromper-me envelhecer até morrer sem antes apertar-me um pouco. Vou ficar entretido por um tempo.

Arreug começa a relatar, sem que ninguém lhe tenha pedido explicitamente, dando por evidente que, pela sua idade, dois ouvintes mais jovens e que acabavam de ser descobertos como autores de uma carta falsa em nome de um Ministério, devem humildemente escutar tudo que ele tenha por contar. Quando eu era menino, imaginem que não existia nem o

pavilhão gimnodesportivo da vila, as mulheres deviam deslocar-se quase até à cidade para darem à luz, mais ou menos, onde hoje se encontra a fábrica de cerveja TonnaH.

A maternidade era precária, como todo o hospital, mas as mulheres da vila se organizavam para irem juntas em grupos de um mínimo de quatro integrantes quando uma tinha que trazer um novo ser humano ao mundo. Eram, normalmente, três ajudantes mais aquela que ia ser mãe. Assim, com esta solidariedade rotativa onde todas as mulheres da vila participavam, hoje por ti, amanhã por mim, podia passar-se este momento delicado de uma forma mais agradável e segura. Eu cheguei ao mundo desta forma, as três amigas da minha mãe foram muito mais úteis do que as enfermeiras saturadíssimas da maternidade. Fiz a escolinha porque, naquela altura, era um serviço gratuito, se fosse hoje, com os preços que existem e as condições que tinha a minha mãe, todo o dia fora de casa nos campos de batata da periferia, eu teria ficado em casa com a minha tia, mas isso não interessa porque não aconteceu. Eu vim aqui para contar-vos coisas que aconteceram na realidade.

Uma realidade da minha infância é que eu desenvolvi uma memória prodigiosa, e, um dia, na igreja, desobedeci a minha mãe e abandonei o colo dela para ir ver de perto um aparelho que o pastor tinha. Um piano velho, enferrujado e gasto, que, após uns instantes, a observar, atrevi-me a tocar. O pastor e

algumas mães começaram a bater palmas e senti-me extraordinariamente motivado, um menino de cinco anos a tocar piano na igreja e a receber palmas por isso. Dois anos mais tarde, o mesmo pastor disse que ia para a cidade capital da província e que queria que o acompanhasse, se a minha mãe não se opusesse. Naquela época, nenhuma mãe de uma vila ia negar a palavra de um pastor que achasse conveniente levar o miúdo aqui ou ali. Na cidade, entrámos na igreja e me levaram directamente para a parte da frente, onde havia um piano grande, novo e de aspecto luxuoso. O pastor disse-me que aquele piano tinham mandado trazer da Alemanha, no mês passado, graças a uma doação económica que o Presidente do Governo do nosso país tinha negociado directamente com uma fábrica de pianos daquele país. E não são só pianos que produzem lá, continuou a falar o pastor. Na Alemanha, produzem de tudo: pianos, mobília, carros, roupa, livros, bicicletas e muito mais. Agora, senta-te nesta cadeira e toca o piano do mesmo jeito que tens feito na nossa igreja da vila. Toquei, toquei e toquei. Não me cansava, aquilo de facto me relaxava, me fazia sentir no céu, no paraíso. Nem sabia o que estava a tocar porque não usava aquele papel que os entendidos designam partitura, eu apenas tinha memorizado os movimentos que os meus dedos deviam fazer para produzir os sons desejados. Se aqueles sons provocavam batimento de palmas na igreja da vila, acredito que aqui também, pensei enquanto tocava, e acertei. Conteí mais de

um minuto com o relógio do meu cérebro aquelas pessoas todas da cidade, desconhecidas para mim, a baterem palmas em minha honra.

Na escola secundária, andei a fazer coisas parecidas já não com piano, que deixei de gostar enquanto me cruzei com as partituras, mas com poesia e textos clássicos em prosa. Recitava com fruição, e isso me valeu para que, quando finalizasse o nível secundário, o governo provincial me oferecesse uma bolsa de estudos para fazer o curso de Licenciatura em Direito, na grande cidade. Não na capital da província, mas na capital da nação. Fui para lá sem saber se minha mãe concordava com a minha saída, mas oportunidades nesta vida são poucas e ela preferiu calar a boca e aguentar a solidão da vila e dos campos de batatas para que o seu filho se tornasse alguém alfabetizado. O curso de Direito escolheram-no por mim os meus professores, eu gostava de tudo, música, poesia, matemática, geografia, mas disseram que era um prodígio da memorização e esta qualidade onde melhor se aproveita é na carreira judicial. Faz o curso e serás o senhor Arreug, me chamavam apenas pelo apelido para preparar-me para o mundo das leis, onde só se usa o apelido.

Os três anos voaram como passarinhos em migração à procura de alimento e aparelhamento, só que eu, diferente dos pássaros, apenas conheci o alimento físico e intelectual, nada de aparelhamento, seguramente, por isso é que até hoje estou solteiro

e vou morrer sem ter feito nada de especial com uma fêmea. Quando terminei o curso, a mesma Faculdade, onde tinha estudado, oferecia duas opções: uma, concorrer para uma vaga fixa como Advogado do Estado, o que assegurava emprego para toda a vida apesar de que a espera para a tal vaga fixa seria longa; a segunda opção era ir fazer um estágio profissional de um ano, com possibilidades de extensão e emprego futuro, na Alemanha. Sem duvidar nem um instante, eu decidi que devia ir conhecer o país onde se fabricam os pianos, e, talvez, trazer um para a minha mãe. Acabei ficando naquele país tão avançado por mais de trinta anos, até que um belo dia, durante uma sessão judicial, o meu cérebro virou-se e a minha vida mudou de rumo, não em termos matrimoniais, infelizmente.

Na sessão, ironicamente, eu devia defender um ladrãozinho de batatas de uma fazenda, um desgraçado a quem teria despedaçado ou queimado vivo se tivesse cometido aquele mesmo delito nos campos onde minha mãe ganhava o seu pão diário. De repente, a imagem da minha mãe na vila, as mulheres a se ajudarem mutuamente para ir parir na cidade e a igreja, onde comecei a tocar o piano, aos cinco anos de idade, juntaram-se na minha mente, e logo que a sessão terminou (por acaso não me incomodou o facto de o meu cliente ser condenado a seis semanas de cadeia, subsistindo a batata como único recurso alimentício, às vezes,

crua), fui directamente para o escritório central onde se processam as fichas laborais dos advogados, e pedi para trancarem os meus registos, que já não teria mais casos por defender, que ia sair do país para regressar à minha terra natal, à minha vila.

Quando voltei para a vila, já existia o pavilhão gimnodesportivo com o tecto de materiais rudimentares. Cheguei a casa, a tempo de enterrar a minha mãe, que já não podia andar por causa das costas deterioradas pelo trabalho no campo, e, depois, começou a guerra. Não era a minha guerra, mas achei que, como homem de justiça e, depois de tantos anos ausente da pátria, tinha uma dívida com os meus conacionais; não podia ficar parado a ver como caíam bombas. Com alguns contactos que eu tinha da época de estudante na capital, formei um grupo paramilitar, daqueles que não gozam de muito boa fama, todos falam mal deles, mas que são muito mais efectivos do que a polícia ou o exército regular, sejamos sinceros. Basta pagar, pagar bem, e não haverá mal-entendidos para fazer o que se deve fazer. Nem mais nem menos do que o cliente manda.

Horte e Make escutam com atenção, em silêncio. Se tivessem solicitado um encontro formal, imaginando que a falsa carta ministerial tivesse funcionado, em nenhum caso teriam tido acesso às informações que o homem está a dar agora mesmo, sentados no Kuiper como tantos outros dias entre os amigos habituais. Sentem-me como se estivessem a ler um romance

tão interessante que resulta impossível levantar os olhos do papel, por querer saber o que vem a seguir.

– São histórias muito interessantes. Faz quanto tempo que não contava isto para alguém? – Pergunta Horte.

Arreug bebe água, não em pequenos sorvos frequentes, mas todo um copo de vez. Não responde à questão do coproprietário do Kuiper. Ainda vem a parte mais interessante. Não sei se cheguei de contar a alguém, sinceramente, mas falo aqui convosco porque vocês são da vila.

– Eu não nasci aqui, o meu marido sim – esclarece Make.

– Sim, mas vives aqui e o teu marido tem raízes. Essa é, precisamente, a parte que vem agora, que mais vos pode interessar: as raízes de Haumea. O pai de Haumea. Conto isto tudo a vocês por uma razão. Vocês são da vila, insiste o ex-advogado, e todo o mundo tem direito e dever de conhecer as memórias do lugar onde vive. Dizia que, quando voltei da Alemanha e encontrei-me com uma guerra em andamento, tive que recorrer aos meus contactos da capital do país, onde eu tinha feito os meus estudos, para procurar financiamento e dar começo a actividades de justiça na sua mais pura expressão do termo. Consegui contratar um grupo de cinco homens, todos eles fortes, tinham trabalhado sempre

no campo ou em indústrias, conheciam o trabalho pesado e não reclamavam pelas condições. Quem ia reclamar, se os salários fixos mais bonificação por trabalho concluído em tempo recorde eram muito mais elevados do que qualquer valor monetário que nunca antes tivessem visto em empregos legais. E, para além disso, eu conseguia fornecer transporte, fardamento, botas e vários dias de descanso absoluto por mês, se a situação o permitia. Um dos mercenários que recrutei era o pai de Hau. Realmente, impecável em tudo, recordo-me bem. Ele andava desesperado porque tinha trabalhado sempre em posições fixas, onde não ganhava muito, mas conseguia manter a família com suficiência e desde que veio comigo revelou-se um excelente parceiro para tudo: conduzir, falar ao telefone com chefes dos dois bandos, cozinhar, limpar as nossas armas, ir receber munições, subornar guardas de fronteira quando íamos para lá com objectivo de reabastecer munições e, especialmente, sabia executar melhor do que ninguém a regra de ouro de todo mercenário: a discrição e silêncio tanto na família, amigos, conhecidos do emprego anterior e demais. Um actor de teatro cinco estrelas.

– Não pode ser fácil para ninguém esconder algo assim – pensa em voz alta Makemake, em referência ao seu marido, que nunca fala disso com ela. –Mas, também, entre os dois membros de um casal não deve haver nada a ocultar, desabafou.

– Há um episódio onde ele teve um protagonismo particular, bom e mau, tudo ao mesmo tempo. Arreug bebe mais água e tira o casaco do fato, que dobra de qualquer maneira e pousa em cima das suas próprias pernas. Está a transpirar pela testa e pelos sovacos, que são mananciais. Está bem cansado, tenta um último esforço, mas, como o faz voluntariamente, Make e Horte não ousam interromper. Eu e os homens armados assaltámos as instalações da TonnaH e subjugámos os donos, obrigando-lhes a dar-nos protecção a nós e a quaisquer outros aliados que não podiam voltar a casa de momento. Assim, durante a estadia naquele refúgio, eu comandava o meu grupo de cinco mercenários, que apenas saíam por necessidades de inadiável cumprimento, que designávamos últimas limpezas. Essas últimas limpezas eram sempre feitas na zona circunvizinha, que o novo governo nacional, que ia surgir daquela guerra, me tinha ordenado e pago por salvaguardar, só aquela zona, onde, era, terminantemente, proibido sair do percurso entre a cidade capital de província e a vila, uns cinquenta quilómetros, à espera que o tempo nos fizesse vencedores anónimos e nos deixasse os bolsos cheios. Mercenários.

3

Haumea volta da semana de trabalho fora e precisa de descanso, contemplar as paisagens rurais dos arredores da vila enquanto toma café no Kuiper, com um jornal na mesa. Mas também quer falar com a sua esposa, curtir na companhia dela e recuperar as saudades apaixonadas que se acumulam quando há distância entre os dois. A comunicação entre ele e a sua esposa tem sido a habitual, sem nada a destacar, nem aniversários de um dos dois, nenhum falecimento na vila, eventos nem acidentes ressaltáveis, para além do dia-a-dia, a vida quotidiana. Mesmo assim, sempre que Hau regressa de uma viagem, gosta de interrogar a Make. Novidades? O edil já devolveu as somas que dividiu com o cunhado? Já temos internet de máxima velocidade? Éris já conheceu namorado, ou continua apaixonada pelos meninos que fica sem tempo para mais? O que falaste como tema de conversa no Kuiper, no dia em que era a minha vez?

– Está tudo bem, nas calmas. E, não, a nossa internet continua nos copitos do demónio e o edil não devolveu um centavo. Se ele próprio é extorquido pelo cunhado, que é um poderoso com contactos lá fora. No Kuiper te substituí com toda a elegância possível, não fiques preocupado com isso, é papo, não é uma tarefa para casa pela qual se marca falta aos ausentes. Éris continua apaixonada pelos meninos, isso posso certificar; se tem tempo para outras paixões, terás que perguntar-lhe directamente a ela, para não ficares com a dúvida existencial.

Naquele momento de conversa pequena, ainda cedo para pensar no jantar, alguém bate na porta da casa, sem usar a campainha, apenas com dois suaves golpes arrítmicos com as juntas de uma mão. Uma visita? No melhor dos casos, será alguém do Conselho Municipal, que vem para entregar-nos alguma carta informativa da próxima recolhida de lixo ou uma entidade desportiva que nos contacta (não seria a primeira vez) para vir participar nos nossos sábados abertos. No pior dos casos, seria também uma carta do Conselho Municipal com a relação de contas trimestrais que esses tubarões de bolso furado nunca se esquecem de reclamar, com toda a gentileza.

Hau abre a porta tímida e lentamente, como para avisar a quem estivesse do lado de fora que a confiança para abrir e deixar passar ainda devia ser merecida. Instantaneamente, Make levanta-se da cadeira e vai

para a porta ao reconhecer o amigo reformado Ceres, o sabichão de brilhantes capacidades diplomáticas. Hau não demora em reagir e faz o gesto de mostrar as palmas das mãos para que o amigo dos discursos intermináveis entre e se sinta como em casa.

– Desculpem a minha forma de bater a porta, jamais me sentirei seguro de chamar a uma porta a premir um botão externo, que depende de um sistema de cabos para transmitir a indicação da minha presença. Sou mais tradicional, para este tipo de coisas. Eu, na minha idade... – ainda murmurou em leve ironia. De facto, Ceres era tradicional para esta e para tantas outras formas de entender a vida, ao ponto de não ser capaz de gravar mensagens de voz no whatsapp porque é necessário manter um botão ligado, imagina se tens que falar por cinco minutos o ecrã vai ficar quente e pode rebentar. Melhor ligar, como toda a vida.

– Sabes, amigão – reconforta-o Hau, saudoso de exercer este papel de anfitrião – não és o único com este pânico às tecnologias. Olha, eu, se não fosse pela minha esposa aqui presente, eu ainda não seria capaz de escrever mensagens nas conversas de grupo, estava com dúvida se todos iriam receber o que escrevo ou eu teria que escrever e mandar individualmente para todos os contactos para que lhes chegasse a mensagem, e, depois, vi que era muito mais simples. Enfim, como homens, sempre temos agido por instinto e tudo indica que assim vai

ser pelos tempos que ainda virão. Make, traz uns copos de água e amendoim torrado num pratinho, assim podemos falar à vontade como se estivéssemos no Kuiper.

Hau pergunta ao visitante se quer tomar uma TonnaH, um refresco, chá ou café. Tenho um chá de canela muito gostoso, não precisa adicionar açúcar nem nada.

Ceres aceita o chá de canela, que não representa novidade nenhuma para ele, um homem tão viajado que já foi e voltou várias vezes do lugar onde Hau tinha estado, na última semana. Neste momento, Make recebe uma longa mensagem no telefone. Porque não liga ou manda uma mensagem de áudio? É da Éris, a professora:

Oi, Make, boa tarde. Desculpa contactar-te a esta hora, quero pedir-te uma ajuda um pouco urgente, porque amanhã tenho uma visita do Director Provincial da Educação, e sei que tu podes ajudar-me a preparar umas palavras de agradecimento onde resumirei os trabalhos feitos no último semestre, assim, poderão falar bem de mim nos escritórios da cidade e, talvez, serei promovida. Que tal, podes vir para a minha casa agora? Não sabes quanto agradeço. Até já!

– Terão que desculpar-me, surgiu-me uma emergência com Éris – Make fala apressadamente. Vou para casa dela. Espero que passem bem aqui,

por mim, Ceres, podes ficar até à hora que quiseres, eu volto um pouco mais logo, assim que resolvermos o problema dela. A esposa de Hau foge de casa veloz, e fecha a porta com força. Transcorridos menos de dez minutos em travessia pedestre, Make consegue visualizar a sua amiga, vestida com bata branca de professora, marcadores nos bolsos frontais da bata e uma caneta azul na mão direita.

– Muito obrigada pela tua disponibilidade, és muito atenta. Entra, por favor, tenho chá, café, sumo e bolachinhas para fazermos esta sessão mais agradável, mas prometo não reter-te aqui até às mil. Só quero que te sintas bem.

Após a consumição das bebidas, Make agradece devidamente. Pelo menos, assim recompensa a interrupção do chá de canela que o seu marido e Ceres estão a tomar relaxadamente neste momento. Seguidamente, a professora Éris muda a expressão facial e fica séria, como se tivesse trocado de máscara. Bom, tenho notícias de última hora, logo depois de enviar-te a mensagem, recebi uma chamada oficial, dizendo que a visita do Director Provincial da Educação ficou adiada, já não será amanhã, mas na próxima segunda-feira. Desculpa imensamente, mas como já estás aqui, que tal se aproveitarmos trabalhar nesta comunicação que tenho que preparar? Prometo que não vamos levar muito tempo, o teu marido deve estar em casa e acaba de chegar da viagem.

Sim, ele está em casa – confirma Make – mas, com todo o prazer, podemos ver essa tua mensagem. Porque não fazemos, antes de nada, uma tabela cronológica, com papel e caneta, dos principais acontecimentos que têm ocorrido na escola? Em cada evento, coloca-se a data ou período em que aconteceu e, em baixo, faz-se um quadro onde colocas os nomes dos alunos que estiveram envolvidos. Make faz um esforço para exemplificar. 22 de Abril, Dia da Terra: Fulano escreveu uma redacção sobre os desastres naturais; 6 de Junho: Beltrano memorizou um poema e declamou-o; 23 de Setembro: Mengano desenhou uma planta e descreveu todas as partes que interagem no processo da fotossíntese. E, assim, sucessivamente.

No tempo em que as duas mulheres resolvem o problema educacional, os homens tratam, inicialmente, de questões banais. Ceres assegura que quer começar a fazer exercícios, caminhar muito para perder peso que está demais no seu corpo e assim poder participar nos sábados abertos que o casal organiza. Sabes, isso dá muita vida à nossa comunidade, sentimo-nos unidos – comenta o mais velho.

Hau começa a impacientar-se, será que este homem a quem encontramos quase todos os dias no Kuiper apareceu aqui na nossa casa apenas para comunicar que pretende reduzir abdômen e participar nos sábados abertos?

– Também gostaria de oferecer algo – murmura Ceres, chávina de chá entre as mãos e olhando fixamente nos olhos de Hau.

– Bem, cá estou, pronto para ouvir o que tens para oferecer – responde o anfitrião, que hesita e não consegue delimitar o tipo de oferta que o sabichão pode estar a trazer – mas se for alguma coisa relevante para mim e Make, não seria melhor esperar pelo regresso dela?

– É um assunto exclusivo entre nós os dois, tu e eu, por enquanto – declara o visitante. É uma proposta de cooperação.

O ex-diplomata de carreira começa a fazer uso das suas habilidades de sedução. Deixa a chávina na mesinha e começa a gesticular com as duas mãos, de baixo para acima e de um lado para o outro, abrindo a boca e os olhos exageradamente como se fosse berrar, mas sem chegar e emitir nenhum som. Finalmente, dá a conhecer a proposta. A tua senhora tem mostrado um interesse particular, nestes dias da tua ausência, num livro que um advogado conhecido meu publicou na editora onde ela trabalha. Tens que saber qual é o interesse que ela tem, justamente agora, nesse livro, nesse advogado e sei lá mais alguma coisa. De facto, ela teve acesso ao livro e ao homem há dois anos e não sentiu nenhuma curiosidade por indagar em mesquinhezes. O caso é que o homem é meu amigo de longa data, fez carreira internacional

como advogado e agora já está cansado, não gosta de ser chamado para entrevistas, eventos, recolhas de dados nem nada disso. Se agirmos de forma limpa, delicada e organizada, Make nunca irá saber que tu bloqueaste as pesquisas dela.

– Não vejo onde queres chegar. A Make trabalha na editora OriOn e tem participado em muitos eventos de lançamento de obras. É normal que queira investigar livros já publicados, se calhar encontre informações que a levem a escrever um outro livro que aporte mais consistência, ou substância ao tema em estudo. Não vejo o que eu posso fazer por ti.

– No livro, fala-se do teu pai – sentencia Ceres –. Uma menção breve, nem chega a ser um subcapítulo nem nada, mas certifica factos de vinte anos atrás, do tempo da guerra. O teu pai era nascido aqui, como tu, só que tu foste para a cidade e somente agora voltaste e andas desorientado, como se o passado já fosse passado e nunca mais recobre essa consistência ou substância. Pelos vistos, a tua senhora quer chegar até ao fundo da questão da vida e morte do teu pai, algo que tu sempre tens tentado evitar fazer, porque preferes manter-te no silêncio. Confia em mim, nós os dois somos os únicos que sabemos tudo sobre o teu pai.

– Disseste que tens algo para oferecer, mas ainda não sei o que é – retorque resignado Hau, nada feliz com o tema da conversa.

– Queres dinheiro, por fazeres que a tua esposa se afaste das pesquisas e deixe de mexer no assunto? Dinheiro arranja-se, é uma das coisas materiais que mais existe neste mundo, o dinheiro. Eu pensava mais em protecção, contactos importantes, promoções laborais, acordos de parceria com investidores que irão dar-te férias pagas e muitas mais regalias. O que achas? Quando falares com ela, podes começar por argumentar, apesar de que eu não concorde contigo, que o passado já passou e nunca mais volta. Ela pode concordar contigo e deixar o assunto, tu és o marido. Mas não te esqueças de que o passado é a única coisa que nunca passa.

– Acho que estás a envelhecer e daqui a pouco alguém terá que levar-te para um asilo de velhos, que pode ser o mesmo onde fica a minha mãe, uma santa toda a vida e que confiou num mercenário. *Mrrrsnário*, como ela diz. Assim, as conversas que temos tido no Kuiper, nas quais tu és o palestrante principal, por defeito ou falta de argumentos de nós os jovens, terão que mudar de espaço e serão lá no asilo, que fica perto, basta passar o cruzamento da barraca de dona Maluia, mas quem não gosta do Kuiper, que está a dois passos? Por não falar da perda de clientes para dona Aure, ela vai ficar bem atrapalhada contigo, velho.

– Não me respondeste – Ceres adivinha que Hau está a tentar dar conversa com uma certa ironia sobre a velhice, apenas para ganhar tempo e considerar

melhor a resposta, ou, simplesmente, para mudar de assunto e fazer como se aquela visita de Ceres nunca tivesse acontecido.

Haumea imagina que a sua esposa pode não demorar muito regressar da casa da professora, pelo que faz o esforço de extrair tudo que está a queimar-lhe o fundo do coração. O meu pai, como chefe de família – começa a relatar – sentava-se na cabeça da mesa nas refeições, de forma a poder ver as caras minha, da minha mãe e de qualquer outro familiar ou visitante ocasional. Era um homem tradicional, mas muito familiar. Não gritava, não usava palavrões em casa e evitava todo tipo de emergências quer laborais quer pessoais. Nunca chegava tarde a casa, bêbado ou malferido. Uma vez, durante o jantar, a minha mãe perguntou-lhe directamente e na minha presença, se podiam mandar o miúdo a um internato para fazer o ensino secundário. O meu pai não respondeu e eu também fiquei cabisbaixo e em silêncio, de olhos no prato de sopa que estava a engolir. Mais tarde, eu já na cama para dormir, ouvi que o meu pai dizia para a mãe que não haveria nenhum problema. Temos dinheiro e podemos mandar o miúdo para o internato, assim irá ficar um homem e nem vai precisar de fazer o serviço militar depois, que é algo tão indesejável. Acredita, Ceres, que o meu pai falava as piores coisas sobre o exército, militares, milicianos, armamentos, homens da lei e ordem e tudo isso. Ele. Mercenário.

– Acredito. De um mercenário é algo previsível, mas não por isso menos impactante quando se descobre, mais se é o teu pai.

Tendo aproveitado para respirar e dar mais um sorvo ao chá de canela, Hau retoma o relato. O meu pai foi, efectivamente, um mercenário que se meteu em problemas e perdeu a vida por um ajustamento de contas, quando ele se vangloriava que já espreitava uma reforma dourada. A mãe ficou inconsciente quando soube de tudo. Imagina toda a vida a viver com um homem, pai de um filho em comum, sem saber que as viagens de negócios e conferências de empresários eram missões de salvamento aos colectivos que podiam pagar, é claro, em catástrofes naturais ou artificiais. Nem uma suspeita ou sombra de dúvida cada vez que voltava de um serviço, nem uma cicatriz, ferida, o telemóvel sempre localizável, nenhum barulho de fundo quando conversavam, está tudo bem minha querida, estamos nas reuniões, daqui a pouco, irei para um colóquio e, depois, jantar com os palestrantes de amanhã, o hotel é muito bonito e estamos a ser bem tratados. Mas, como foi capaz de ter tal sangue frio, mercenário (neste momento Hau volta a recordar a forma como a mãe, ainda hoje, pronuncia aquela palavra maldita, *mrrrsnário*, silenciando a vogal “e” nas duas primeiras sílabas)? Por isso, cada vez que voltava de uma viagem, lia-se nos jornais que um conflito terminou, que o colectivo xis ou ípsilon foi resgatado. Como

nunca relacionei as viagens do meu pai com estes terríveis acontecimentos, como podia eu imaginar? Mercenário. Mesmo quando dizia que ia e voltava no mesmo dia, que saía de avião cedo de manhã e voltava pelas dezasseis horas da tarde, e aqueles envelopes de dinheiro, que supostamente eram doações dos organizadores das conferências para ajudar as famílias dos empresários e a acção social. De verdade, engolimos minha mãe e eu tudo isso – perguntava-se Hau, colérico – e pensar na minha mãe dizendo ao seu filho que o pai andava ocupado para que nunca faltasse pão na mesa nem roupa de cama limpa, água e sumo na geleira, combustível no carro ou crédito no telemóvel. Mercenário. Ela não aguentou e caiu no chão, desmaiada e com as narinas a sangrar profusamente. Eu próprio consegui reanimá-la e levá-la para o centro de saúde, onde foi diagnosticada depressão e falta de oxigénio, com risco de trombose e paragem cardíaca, daí que a única solução fosse interná-la num asilo para idosos, coitada, antes dos sessenta anos de idade, com uma vida tão rica e cheia até àquele momento. E tudo por culpa de um mercenário.

Sem ter deixado de mexer o telefone durante toda a conversa, Ceres finalmente manda um “OK!” para um destinatário que Hau não pode identificar, enquanto os dois homens apuram o último sorvo de chá de canela. Não fica bem andar a espreitar

indiscretamente no celular de alguém, mesmo que se esteja frente a frente.

A professora Éris está visivelmente nervosa e desapontada consigo mesma. Enquanto Make acaba de sair da sua casa, pega no telefone que estava em cima da mesa de trabalho e dá relatório por mensagem.

– Ceres, fiz o meu máximo para entreter a Make e consegui, da forma mais educadamente possível. Mas não me peças nunca mais este tipo de ajudas, eu a mentir para uma amiga. Ela já estava a suspeitar, viu algo no meu comportamento como se a estivesse a forçar para ficar na minha casa, confinada, até que finalmente tive de libertá-la, espero que tenhas tido tempo de tratar o teu assunto com o marido dela, eu fiz o meu máximo. Se queres falar a sós com Hau, da próxima vez, liga ou manda mensagem directamente para ele e pede-lhe um tempo.

– Muito obrigado, entendo a tua preocupação, mas não desesperes. O Director Provincial irá apreciar as tuas capacidades de manobra. Eu, pessoalmente, vou falar bem de ti a ele – responde imediatamente Ceres.

– Volto a repetir, nunca mais este tipo de coisas, Ceres
– insiste a professora.

-OK! – Conclui a conversa Ceres, e fica com o telefone na mão em frente de Hau, enquanto os dois homens

apuram o último sorvo de chá de canela. E, então, o que achas da minha proposta, Haumea?

– Vamos a isso, na medida que for possível. Só garanto uma coisa: a minha esposa não deverá, em nenhum caso, e volto a repetir, em nenhum caso, sofrer nenhuma consequência de quaisquer actos que aquele mercenário cometeu.

Alguns dias depois, no convívio do Kuiper, Hau lê um artigo nas primeiras páginas do jornal. Está a beber cerveja da única marca disponível em toda a província, a omnipresente TonnaH. Adoptou o hábito de consultar a imprensa nas últimas horas do dia, para assim desafiar-se a adivinhar, por critério próprio, se os destaques do telejornal da noite permaneceriam iguais ou já teriam evoluído para um novo estágio, no exercício de comparar fontes escritas com a realidade. O artigo que está a apreciar no jornal fala de um memorial que o governo provincial propõe que seja construído para honrar os heróis da pátria nascidos na província e que tenham perdido as suas vidas em combate ou missão de interesse do Estado. Primeiro, Hau pensa que não gostaria que houvesse necessidade de ter heróis, aqui ou em nenhum outro país do mundo. Depois de um silêncio reflexivo, comenta com os seus companheiros de tertúlia Éris, Plutão, Ceres e Make que os construtores e encarregados de manutenção que fizeram o trabalho físico de cavar uma fossa bem profunda até atingir o nível do lençol freático de água

também merecem um monumento. Graças a eles, nós temos a possibilidade de usufruir de um sistema eficaz de abastecimento do precioso líquido, regular e eficiente para todos os habitantes da vila. Mas não vejo o monumento em nenhuma parte.

Começa o telejornal. Em primeiríssimo destaque, aparece o Presidente da Câmara Provincial dos Deputados, que anuncia a aprovação da lei proposta pelo governo no dia anterior. *Por maioria absoluta e unanimidade parlamentar, todos os partidos com representação nesta Câmara Provincial decidem que seja construído o Monumento aos Sacrificados pela Pátria e que perderam a vida em combate ou missão de interesse do Estado. O valor total orçamentado para esta iniciativa provincial, de acordo com o Orçamento Geral do Estado, é de catorze mil e duzentos e trinta e cinco quilogramas de ouro. Aprove-se.*

Nesta época, os orçamentos estatais são calculados em gramas e quilogramas de ouro, por uma outra lei prévia que nem vale a pena comentar, pensa Hau para si mesmo.

– Pensavas que iam gastar mais do que isso? – Indaga Make, que sabe perfeitamente a opinião do seu marido sobre esta notícia.

– Adivinhei, tinha certeza absoluta de que iam aprovar esta lei. O valor orçamentado, nem prestei atenção, é muito mais do que eu nunca poderei

ter no bolso. Basta o governo inventar algo para alimentar o nacionalismo e exaltar o patriotismo de figuras, monumentos e bandeiras, todos os partidos do espectro político se põem de acordo com uma facilidade imensa, como se fossem amigos de toda a vida. O que mais me indigna desta notícia é que esses mesmos patriotas de figuras, monumentos e bandeiras poderiam também, acho eu, descer nem que fosse uma vez às fossas cavadas pelos trabalhadores das empresas de fornecimento de água, por exemplo.

– Ou às minas de lítio, de columbita, de tantalite e de cobre, na África subsaariana, donde sai a matéria-prima que, depois, permite aos deputados ficarem a jogar com os telemóveis durante as sessões parlamentares.

– Ou passear pela estepe usbeque, para vivenciar como os escravos contemporâneos do algodão lutam para que não falem artigos nas lojas de moda, onde as filhas dos deputados compram.

De vez em quando, em frente dos amigos ou a sós, o casal desafia-se a este tipo de conversas rápidas, nas quais, um diz uma frase e o outro deve devolver uma outra frase relacionada com o tema, que reforce a clarividência do assunto. Hau levanta a garrafa de cerveja vazia e mexe-a ligeiramente, indicando à dona Aure que quer mais uma. Retoma o fio de pensamento sobre assuntos patrióticos. Quando eu

era jovem, o meu pai me contava coisas importantes, para além das memórias do que aconteceu na guerra, sobre assuntos sociais, saúde, bem-estar, direitos humanos, educação e por aí em diante. Na minha adolescência, apaixonei-me pela política e recordo-me perfeitamente da primeira vez em que exerci o meu direito a voto. Eu tinha plena confiança de que o meu voto servia, também o teu e o de todos. Porque se um certo grupo de representantes públicos inteligentes e bem-intencionados ocupam, pela vontade democrática do povo soberano, a maioria dos assentos da Câmara Provincial e Nacional, logo, por pura lógica, a província e a nação marcharão na boa direcção, e a vida de nós todos será melhor. Não demorei decidir a carreira estudantil que ia fazer: Ciências Políticas.

Antes de concluir o primeiro ano, porém, já me tinha convencido de que não havia interesse nenhum em dedicar-me à vida política, à representação parlamentar e muito menos à afiliação aos partidos. Ia terminar os estudos porque o meu pai queria ver-me graduado e porque as disciplinas que se tratavam eram relevantes. O problema era o enquadramento laboral, mas, como tu, Mak, considerei que, se eu aproveitasse os meus anos na Faculdade para ler e aprender muitas coisas, seria capaz de virar-me no futuro, para apanhar emprego e fazer a vida em condições dignas. Comecei a interessar-me pelos temas que afectam as pessoas, o acesso aos bens

mais básicos: água, comida, fornicção segura, habitação, roupa, higiene e saúde. A partir desses elementos, garantes da subsistência humana, também comecei a formular propósitos que possam satisfazer outras preocupações existenciais, como o acesso à gloriosa cultura, a panaceia de tudo e abrigo de tantos discursos patrióticos.

– Mas podes começar pelos bens mais básicos? – Interroga Éris. –Primeiro, é viver e, depois, conviver. O que tens feito na tua ONG, para ajudar as pessoas mais carenciadas?

– Como se a ONG fosse minha! – Hau faz uma gargalhada de duração extraordinária e olha para a sua esposa, que também está a sorrir, um pouco mais timidamente do que ele. Os dois membros do casal estão tão compenetrados nos pensamentos que ficam a rir em unísono, principalmente, porque, um tempo atrás, Make tinha ouvido alguém a perguntar algo semelhante: qual trabalho fazia na sua editora, ao que a jovem mulher teve de responder que a editora OriOn não é sua, mas que tem donos, o casal Oriundo e Onassis.

– Temos estado a pensar no cenário mais catastrófico que a humanidade poderá enfrentar num prazo de tempo não muito longínquo – assegura Hau.

– Qual é esse cenário? O fim da companhia TonnaH?
– Ironiza Plutão, que bebe em escassíssimas ocasiões, devido à sua condição de desportista.

– Ficar sem água suficiente. E parece uma loucura, mas o cenário é simples: a população mundial não pára de aumentar, e as reservas de água não fazem mais que diminuir. Falo dos rios, lagos e barragens de água doce. Portanto, teremos que dessalinizar a água dos oceanos para salvar o nosso amigo, o planeta Terra. Temos que beber água, tomar banho, cozinhar, regar plantas, lavar roupa e loiça e muito mais. Na ONG, na qual trabalho, planificámos para o próximo ano uma viagem para a calota polar do oceano Antártico. Iremos entrevistar pinguins e iremos consultar o que acham sobre a situação actual provocada por nós, humanos. Talvez eles, os pinguins, tenham mecanismos mais eficientes para buscar água e usá-la de forma racional. As três letras “O-N-G” são um bom parapeito na hora de falar com alguém entre nós humanos, de qualquer raça e condição. Assim, estou cheio de coragem para ir ter com os pinguins. Espero encontrá-los antes que empreendam a revolução.

– Bebeste demais, Hau – exclamam Plutão e Éris, contagiados pela alegria etílica do marido de Make.

– A primeira coisa que vai acontecer – assevera Ceres – é que iremos usar a água salgada para lavar roupa, limpeza de viaturas e objectos domésticos e inclusive

para tomar banho, e, assim, poupar ao máximo a água doce que ainda nos resta para beber; do lado positivo, já não teremos que adicionar sal aos alimentos porque já serão fervidos em água salgada. Imagina esse método tão eficiente de dessalinização que os pinguins, supostamente, usam. Será para eles, e se nós, os humanos, conseguirmos implementá-lo com mais tecnologia e sofisticação, o acesso a esta nova água ex-salgada transformada em doce será muito limitado, os países pobres só poderão ficar à espera dos países ricos enviarem-lhes remessas infimamente escassas. E, depois, estamos nós, que nem ricos nem pobres, totalmente abandonados, nem produzimos, nem damos nem recebemos. Ah, e concordo plenamente contigo Hau, as três letras O-N-G têm um poder de convicção inquestionável, muitas vezes, coercitivo. Nada a ver com as irrisórias promessas dos governantes, que antes de formular qualquer proposta, desde que não tenha a ver com a exaltação patriótica, eles e nós já sabemos que não há meios para que se tornem realidade.

– Vamos pedir a conta, que não quero atrasar – avisa Make. Ainda tenho muito para ler acerca de umas novas concessões editoriais que a Direcção Provincial de Cultura nos prometeu e nunca chegam. É a história do lobo e as ovelhas. Estas ficam assustadas porque sabem que há um lobo feroz por perto, mas como nunca chega enquanto estão protegidas, relaxam e é aí que o lobo aproveita para vir comer, acumular

lã para o inverno e destruir todos os prados verdes que encontra. Um dia, vai chegar a subvenção para a concessão editorial e nós estaremos relaxados como as ovelhas. É assim como as oportunidades passam.

Todos pagam as suas respectivas consumições, despedem-se de dona Aure e saem do local. Éris acompanha uns metros o casal, porque as suas casas ficam na mesma direcção.

A professora tem uma contribuição importante a fazer sobre o assunto que estavam a tratar dentro do Kuiper. Há poucos dias, assisti ao filme *Império do Sol*. No caso de Jim, que ainda não é um adolescente, a Segunda Guerra Mundial tira-o dos aposentos familiares de classe britânica acaudalada e leva-o para um acampamento militar japonês. Nos dois ambientes, a chefia está em excesso, quer por uns pais protectores que confinam o menino às relações humanas supérfluas, quer por uma luta desigual entre homens que o obrigam a odiar. O que me chocou mais desse filme é a capacidade humana de Jim para não deixar-se influenciar pela loucura do ódio permanente que a guerra impõe, até o ponto de tentar salvar a vida de um inimigo.

Quando está a premir com insistência o coração do pequeno japonês, consegue que os músculos ópticos virem os olhos moribundos, mas é uma ilusão, é apenas resultado de um bombeamento de sangue momentâneo. Esse sangue era só um resíduo quente,

jamais iria circular normalmente pelo corpo todo do menino, que já estava do outro lado. É assim como o desenfreado da guerra convida a morte a levar as pessoas. A guerra, igual como ler livros ou praticar sexo, é uma forma de loucura e alienação na qual disparar armas substitui a ejaculação, que é mais própria dos tempos de paz, mas que também pode matar. Também é loucura apaixonar-se por alguém ou sprintar de bicicleta, tudo com as suas descargas, em elevadas doses, de adrenalina física e mental. E todas estas manifestações de loucura num momento abrandam, porque nada é permanente. Voltará a descarregar e voltará a abrandar.

– Sim, assistimos a esse filme, há tempo. Parece que ainda estávamos nas nossas respectivas faculdades, na cidade. Realmente impactante – resume Make. Hau, que também recorda bem o filme bélico, aproveita para dizer que se não tivéssemos tido guerras, todos nós teríamos crescido em circunstâncias diferentes e, provavelmente, não estaríamos aqui, hoje. Estaríamos a consumir uma outra marca de cerveja. Assistiríamos a outros filmes, leríamos outros livros, praticaríamos outras modalidades desportivas, falaríamos outras línguas, acreditaríamos em outros deuses, trabalharíamos em outras empresas, enviaríamos emails para outras pessoas, teríamos outros políticos corruptos, daríamos aulas em outras escolas a outras crianças, num outro formato curricular, escutaríamos música

diferente, as águas do rio circulariam sujas de outros resíduos, o telejornal de um outro canal público ou privado apresentaria notícias diferentes, teríamos outras categorias de Prêmios Nobel, da Esperança e do Sacrifício, mas também da Teimosia e da Manipulação, e haveria outros vencedores dos Prêmios, que se deslocariam para receber os galardões em Kinshasa, Changalane ou Curaçao e deveriam, obrigatoriamente, fazer os discursos de aceitação na língua Lingala, Xichangana ou Papiamento. Esses galardoados receberiam o prêmio em forma de litros de óleo, farinha, arroz, panelas, sacos de carvão e tanques de água. Beberíamos outra água mais ou menos pura, mais ou menos salobre. Comeríamos outro tipo de mandioca e amendoim com maior teor de sais minerais, vitaminas, gorduras saturadas ou açúcares naturais. Os três caminhantes ficam parados no cruzamento que se bifurca e vai dar aos respectivos lares.

Make pensa que esse é o meu marido dos tempos de estudante. Porque voltou a aparecer justamente agora? E Hau remata com mais algumas frases, como se estivesse a discursar perante uma audiência multitudinária. Lá fora os planetas discutiriam entre eles sobre quem é candidato a descer para a categoria de planeta anão, sem esperar que uma Agência Espacial Humana determinasse o seu porvir. Nós estudaríamos outros heróis nacionais, os pinguins da calota antártica protestariam pelo degelo e

organizariam uma greve silenciosa para que nós, os humanos, não usássemos a sua imagem virtual nas mensagens de whatsapp, arrastando com eles os seus irmãos de outras muitas espécies.

4

Plutão, amante da corrida, bicicleta e caminhada, é frequente vencedor dos sábados abertos que organizam Make e Hau, motivo pelo qual é também habitual vê-lo a ocupar um lugar na mesa de honra da refeição abundante. Também participa em provas desportivas de um certo nível. Quando tem dinheiro e dias livres, arranja um fim-de-semana longo, saindo quinta ou sexta-feira para passar todo o sábado e domingo no ambiente da corrida. Domingo, à tarde, toma um bom banho depois do evento, dá-se um almoço mais tarde do habitual ou um jantar mais cedo do habitual (tanto faz, em qualquer lugar servem comida a qualquer hora, mas quem me dera o Kuiper lá fora onde vou...) e volta para casa no mesmo domingo ou segunda de manhã. Numa ocasião, que coincide com o primeiro sábado do mês de Outubro, sentado na mesa de honra junto com os organizadores e outros amigos, Plutão pega no microfone enquanto a maioria da audiência ainda está a deliciar o manjar com os produtos frescos de

dona Aure e a boa companhia dos anfitriões, tudo ambientado com música ligeira de fundo. Plutão dirige-se a todos, microfone na mão, sem olhar para ninguém em particular.

– Caros concidadãos... não, ehhem, as taças de vinho já começam a fazer efeito, até que estou a falar como um político...

Os comensais soltam uma gargalhada única e compacta, como se todos fossem uma mesma pessoa. Entre eles, olha para baixo, meio envergonhado, e esconde o sorriso maléfico por trás da barba em cavanhaque, o edil declaradamente corrupto pelo caso do tecto do pavilhão gimnodesportivo; pelo menos, desta vez tem contribuído com o valor simbólico exigido no almoço dos sábados abertos.

– Caros amigos, – prossegue o vencedor, que, neste momento, concentra duplamente o centro das atenções de toda a vila. Por um lado, venceu a prova do sábado e está sentado na zona nobre do evento, e, por outro lado, tem o microfone na mão e é a única pessoa de um universo de mais de cinquenta que se encontra em pé. Lança um desafio à plateia: sabem uma coisa que faz o desporto tão maravilhoso? Sabem qual é o segredo desta vitória?

Nestas ocasiões, Plutão adora sentir-se superior, ele que, de segunda a sexta-feira, é apenas um simples empregado de atenção ao público e vendas de uma

loja de aparelhos tecnológicos, reprodutores de música, cabos para tomadas, adaptadores HDMI, VGA e dispositivos USB. Quando se trata de desporto, apesar de não ter atingido os grandes sonhos olímpicos que ele tinha durante a adolescência, ainda conserva uma auréola especial que o converte, a nível local, numa referência das competições populares. E continua a falar, microfone na mão.

O desporto não tem segredo nenhum. Basta gozar com o teu corpo e mente, e sentir que te faz bem. Há dias em que estou a trabalhar e penso que, se esta tarde chove, haverá matope e não poderei sair correr, nem sequer uns vinte minutos. Imaginem se a chuva é forte, o matope poderá ficar na rua praticamente uma semana, e terei que procurar exercícios alternativos. Como o arquitecto Mies Van der Rohe dizia que menos é mais, eu digo que quatro é mais do que três, cinco é mais do que dois, seis é mais do que um. Esse é o único princípio: quatro-três, cinco-dois, seis-um. Deixem-me explicar: as três combinações individualmente somam sete, não é? Sete são os dias que uma semana tem. Prontos, fácil. Sigam esse exemplo e dividam a semana em sete partes, podem desenhar sete quadradinhos num papel, como um calendário. A partir daí, o jogo começa: cada um fica responsável por organizar os seus sete dias, com a única condição de cumprir uma das metas que acabo de citar: quatro dias de desporto, pode ser de preferência individual ou

colectiva (corrida, caminhada, bicicleta, natação, futebol, voleibol, basquetebol) e três dias de descanso; segunda opção, cinco dias de prática desportiva e dois de repouso; terceira opção, seis de actividade e um de descanso. Se conseguem cumprir com qualquer uma das três opções, podem dar a semana por bem sucedida. Por exemplo, eu, hoje, sábado, estou a cumprir o meu cinco-um, porque apenas descansei na terça-feira, os outros dias andei pela montanha ou corri, incluindo, hoje. Assim, amanhã, domingo, posso relaxar e acordar não muito cedo, e decidir se quero descansar e ficar com o registo de cinco-dois, sair para dar uma caminhada e atingir seis-um. Tudo bem. Agora bem, não quis falar do óbvio, mas será que devo mencionar o que está proibido, meus amigos? Não vale fazer três-quatro, nem dois-cinco nem muito menos um-seis ou zero-sete. Esse é o caminho do fracasso, de entender o desporto como obrigação e não como paixão, saúde e boa vida. Estamos juntos?

Um silêncio permeado de admiração e aprovação pela singularidade da proposta inunda a audiência, que agora já está de plena atenção no discurso do campeão, uma vez engolidos os pratos de arroz. Uma criança grita do fundo, posso fazer sete-zero? O pai da criança, a rir pela pergunta do filho, faz um gesto a Plutão com a mão indicando que pode sentar-se, não precisa responder ao menino, que ele, como pai e encarregado do crescimento do miúdo, vai responder

a essa questão em casa, mais logo. Mesmo assim, num último instante, já sentado, Plutão aproveita que a música ambiental ainda está a baixo volume para fazer um esclarecimento. Sete-zero é muito, campeão, melhor começar com quatro-três. Mas, por acaso, alguém sabe o que fazem os profissionais, os máximos campeões do planeta? Fazem oito-um, nove-um ou dez-um. Sim, ouviram bem? Nove-um, por exemplo, seria o quê? Três dias de manhã e tarde, duas sessões por dia isto faz seis sessões, mais três dias com uma sessão por dia, como ordinário, já fazem um total de nove sessões, e ainda resta o sagrado dia de descanso total: nove-um. Compreendem a lógica, não é? Claro, eu estou a falar do desporto, mas quem sabe se também podemos aplicar o mesmo princípio a outras disciplinas. Bom apetite a todos!

Makemake levanta-se eufórica, copo de vinho na mão, e pede uma salva de palmas e um brinde para o campeão. Viva Plutão!

Meses depois, numa das saídas de certo nível, fora da província, mas não além-fronteiras, Plutão experimenta uma situação fora do comum. De princípio tudo corre como normalmente. Segue todos os procedimentos habituais: pede permissão para sair um pouco antes do trabalho na loja de electrodomésticos, apanha comboio na sexta-feira, às doze horas, chega à capital da província pelas catorze e trinta e dali sobe no último e definitivo comboio que o faz chegar pelas dezassete horas, ao hotel

onde muitos outros corredores também se alojam, alguns, desde o dia anterior, e que naquele momento em que Plutão entra para o *check-in*, eles reentram massivamente após uma excursão organizada pelas montanhas da área. Nas horas que ainda faltam para que o dia expire, Plutão apenas aguarda que o tempo passe. Sábado de manhã, acorda cedo e aluga uma bicicleta para dar um passeio na zona próxima do hotel. Deixa a bicicleta no local da recolha, paga a taxa pelos sessenta minutos de uso e vai directamente ao pavilhão onde se celebra o acto inaugural da prova desportiva do dia seguinte, uma corrida-caminhada (modalidade à escolha, individual ou em grupos) de dezoito quilómetros, subir e descer. Plutão chega à fila para formalizar a inscrição que tinha pago pela internet, e procede à recolha dos prémios comuns para todos os desportistas participantes: uma camiseta comemorativa muito colorida, com a data e o nome da prova estampados sobre um fundo de montanhas, pela parte da frente e mais montanhas, sem escritas, pela parte traseira; o número de participação, de papel e acompanhado de quatro alfinetes para pendurá-lo na camiseta; produtos comestíveis, uma banana, barras energéticas de cereais e uma garrafa de meio litro de água; cremes tonificantes para o corpo, de um tamanho irrisório, garantindo apenas uma única aplicação, antes ou depois da corrida, isso já é ao critério do consumidor; e uma carta de agradecimento à participação e ao fomento da prática desportiva neste nosso município

humilde e de longa tradição desportiva a nível nacional e internacional, uma breve mensagem assinada pelo Edil do município e pelo Presidente do Conselho Organizador da prova.

Plutão nunca tem sido partidário de viajar em grupo. Há muito que não treina com mais pessoas, e, desta vez, não será diferente. Quando volta para o hotel, no sábado à tarde, depois de almoçar um arroz com camarão e verdura numa das barracas oficiais da prova, entra no quarto e a primeira coisa que vê ao entrar é um envelope fechado, no chão, com a palavra “Plutão” na parte dianteira. Dentro, uma carta em folha de papel A4 cuidadosamente dobrada em três rectângulos iguais.

Apreciado Plutão,

Não te conheço pessoalmente nem tu a mim. Mas sei o teu nome e também não ignoro que somos mais ou menos da mesma faixa etária, por isso, permito-me a licença de tratar-te por “tu”. Estarás a perguntar-te quem deixa uma carta a um semidesconhecido que veio a este município por motivo de uma prova desportiva, e que volta para casa no domingo depois do evento. Só preciso de ti uma coisa bem simples. Quero que me leves contigo à vila onde tu vives, tenho raízes naquele lugar que dizem que é perdido e remoto. É uma história um pouco difícil de contar, a minha, pela sua complexidade. Gostaria de contar-te mais detalhes, como costumava viajar sozinho,

não sei talvez um pouco de conversa te faz bem. Eu também faço tudo sozinha desde que fiquei sem família, mas cá estou, hoje, aqui; amanhã, quem sabe onde, a ganhar o pão e a tentar recuperar as raízes. Sei que tu podes ajudar-me. Leva-me para a vila amanhã quando finalizares a prova dos dezoito quilómetros. Podemos almoçar aqui ou pelo caminho. Posso explicar-te melhor quem sou e porque preciso desta ajuda tua.

Sou inofensiva, não sou da polícia nem tenho ninguém que me obriga a escrever-te. Fui eu sozinha que soube que tu vinhas para cá, e assim posso contactar-te. Não tens que fazer nada por mim no assunto da procura das raízes, só me leva para lá e deixa-me ficar na tua casa, se tens espaço, por uns dois ou três dias, no máximo. Espero que tenhas compaixão, bom homem do mundo.

Não respondas a esta carta, simplesmente, ignora-a e continua a tua viagem de fim-de-semana desportivo, ou se consideras que podes ajudar-me, encontra-me, amanhã, às doze horas, no parque de estacionamento do hotel, depois de fazeres o check-out. Vou ajudar-te a carregar a tua pasta verde até à estação dos comboios.

Boa corrida!

Brada

Esta misteriosa mulher, um ou dois anos mais nova do que Plutão, espera-o pontualmente no local indicado, um discreto parque de estacionamento na parte traseira do hotel, onde apenas há três carros pequenos e um autocarro de um clube federado de atletas que participaram na prova e já devia estar prestes a abandonar o lugar. Aproveitando a sombra que oferecia o autocarro, Brada fica parada a reparar para a porta principal do hotel, para controlar se saía o seu esperado corredor. Dois minutos imediatamente após que batessem as doze horas, avista um homem jovem com uma pasta verde, que não podia ser outro que não Plutão, suspeita que se confirma, à medida que ele dava passos longos em direcção ao autocarro e a ela. Quando estão frente a frente, Brada e Plutão, ela quebra o gelo:

– Esta forma de andar a passos exageradamente alongados é uma técnica de corrida que também aplicas no teu dia-a-dia, quando não estás a praticar desporto?

– Boa tarde, tudo bem? – Retorque mecanicamente Plutão. Não exactamente, é que senti que estava atrasado e achei que devia acelerar.

– Atrasado, como assim? São o quê dois minutos? Tenho certeza de que havia fila no *check-out*, com todo mundo a sair no último minuto para aproveitar ao máximo o serviço do hotel, o conforto do colchão, a água quente do banho e não ser apanhado um

minuto mais tarde da hora marcada para que não apliquem nenhum cargo extraordinário na factura. Só estive num hotel, uma vez na vida, mas já imagino que funciona assim.

Plutão faz um gesto com as mãos para saírem do parque pelo portão traseiro só para peões. Brada não esquece a promessa que tinha deixado por escrito na última linha da carta, e pede para carregar a pasta verde do corredor. Estarás cansado da prova, assim, vais ligeiro, também a estação onde se apanha comboio é aqui perto, nem dez minutos a andar e chegamos lá.

Plutão, em gesto de agradecimento, não protesta, não se contradiz a vontade amável de uma pessoa que se acaba de conhecer. Quando se fazem à estação, onde aguardam mais corredores, alguns sozinhos, outros com os respectivos maridos ou namorados e as respectivas esposas e namoradas, mais alguns em grupos maiores, Plutão ousa perguntar à sua misteriosa acompanhante se de verdade planeja ficar em casa dele. Sabes, a minha casa é pequena e não sou precisamente um campeão na limpeza e ordem. Só de pensar que vais entrar lá hoje não quero imaginar o que irás pensar.

Isso quer dizer, retoma a iniciativa ela, que a tua casa é pequena, mas aconchegante e tens muitas coisas interessantes como jornais, livros, fotos ou diplomas das corridas que gostas de consultar

frequentemente e, por isso, deixas por ali encima e não arrumas numa pasta dentro da gaveta ou cacifo. Estou em erro?

Durante a primeira parte da viagem de comboio, até à cidade capital da província, os dois não conversam muito, apenas observam através da janela, conseguindo captar a progressiva urbanização da paisagem; na segunda parte do trajecto, uma vez trocam de comboio, que vai da cidade até à vila, a sensação é exactamente oposta à da primeira parte, do urbano, passa-se ao rural, pouco depois de abandonar os subúrbios da cidade, onde coincidem fugazmente com a mega fábrica de cerveja nacional TonnaH, um dos únicos produtos de consumo que não sentiu nenhuma das crises económicas de que se recorda. Nem guerra, pós-guerra nem nada. Num determinado momento, a jovem mulher coloca um gesto sério no rosto, e deixa sair da sua boca umas palavras.

–Tenho medo – reclama, de repente.

– Como assim? – Indaga Plutão, sem entender bem a afirmação da sua interlocutora.

Da última vez em que passei por aqui, vivi algo terrível que não desejo a ninguém – explica a moça. Foi há muitos anos, eu era uma menina. Em poucos quilómetros, havemos de ver um caminho de terra batida que leva a uma floresta. Brada, sentada do

lado central do vagão, faz uma inclinação para a esquerda e acomoda a sua cabeça no ombro direito do vendedor de aparelhos tecnológicos, que não protesta; pelo contrário, sente prazer em reconfortar a nova amiga. Se ela diz que tem medo e quer descansar a cabeça em mim, não irei negar-lhe. Se também, por acaso, ela quer explicar-me os motivos que lhe provocam o medo, ficarei grato em ouvi-la. Mas só se ela quer falar, não vou apertá-la. Passam algo mais de um quilómetro em silêncio nesta posição, que resulta ser confortável tanto para ele como para ela, e, num momento concreto, todo o corpo da moça activa-se por um instante, levantando-se da cadeira para aproximar-se da janela. É aqui, este caminho de terra batida. Volta ao assento e acalma-se um pouco, mas ainda não pousa de novo a cabeça no ombro do seu companheiro, que contempla toda actuação recheada de movimentos estrafalários da misteriosa Brada com uma certa vergonha de encontrar alguma pessoa conhecida no vagão do comboio que o identifique com essa jovem inquieta e revoltada.

– O que é que tem esse caminho? Cobras, crocodilos, plantas venenosas, talvez? – Plutão não compreende nada, só uma coisa: essa sua acompanhante precisa de ajuda e tem algo por contar que a apoquentá.

– Seguindo por esse caminho de terra batida, chega-se a um espaço aberto de floresta, como te dizia antes – esclarece Brada. Árvores muito altas e frondosas,

não sei se são eucaliptos, coqueiros, bananeiras, acácias, mangueiras. Da última vez que eu estive naquela floresta, escondia-se entre as árvores uma casinha, se calhar ainda existe, mas duvido, pois era muito precária e ninguém a habitava. Terá caído pela degradação natural ou qualquer desalmado especulador a terá derrubado. Recálculo do espaço florestal, políticas ambientais e tudo isso, enquanto nas cidades está cheio de pessoas pobres sem tecto onde dormir. O caso é que naquela casa me aconteceu uma coisa muito má, que preciso esquecer, mas não consigo. Por isso, queria a tua companhia, hoje, nesta viagem, não me sentia capaz de passar por aqui e ver o caminho eu sozinha, sem ninguém a quem abraçar ou que me dispusesse o seu ombro para aconchegar-me. Obrigado.

Plutão ainda está muito confuso, já não pelas pessoas ao seu redor, pois conseguiu levantar a vista e comprovar que não existe ninguém na vizinhança que seja conhecido e possa comprometê-lo. Agora a sua preocupação é real pela Brada, por quem começa a sentir um certo carinho e apreço. Gosta de estar com ela, é fisicamente bonita, sabe conversar e, apesar de ter um carácter, de certa maneira, exorbitante, é de companhia estimável. Ou será que toda essa história da casinha abandonada ao fim daquele caminho numa floresta aberta é só uma estratégia para o seduzir e tirar-lhe algum benefício? Uma mulher jovem e linda a seduzir Plutão, ele que

vive com os meios económicos suficientes, mas em nada abundantes, ele que nunca tinha sido objecto de atenção pelas mulheres, desde vários anos atrás. Pode recordar que, no ano passado, tinha tido um breve romance com uma jovem corredora, mas que era infantil demais no comportamento, vivia com os pais e não era fácil lidar com ela. Tirando esta, desde a adolescência que não tinha sido atraído por nenhuma fêmea, e levava uma vida de solteiro, trabalhador, desportista despreocupado com os planos futuros da vida.

– Assim que me deixares descansar um ou dois dias na tua casa, posso contar-te algo mais sobre esta casinha escondida na floresta. Entendo que a tua aceitação de viajar comigo, hoje, leva implícita a possibilidade de eu estar lá, contigo. Prometo não incomodar, és um homem muito bom. Sabes, estou a gostar muito de ti.

Plutão acha que a moça está a ser muito directa a dizer estas coisas num local público como é o comboio, mas responde que ele também começa a gostar dela. Nunca uma pessoa desconhecida me tinha pedido para ficar na minha casa, assim, sem mais, mas isso não quer dizer que eu tenha que negar; pelo contrário, serás bem-vinda.

O comboio entra numa zona já puramente rural, e nota-se, através da janela, que o ambiente aqui é mais frio. As árvores não têm muitas folhas e poucos carros

circulam pela estrada contígua às vias ferroviárias pelas que o comboio avança a velocidade regular. Só alguns camiões vazios que amanhã, segunda-feira, terão que reabastecer na capital da província para poder começar uma nova semana de distribuição dos seus produtos. Os viajantes ultrapassam o cruzamento onde fica a barraca de dona Maluia e, finalmente, param na estação, localizada ao pé da rotunda por onde as viaturas acedem à vila.

Descem do comboio na estação da vila. Ninguém mais os acompanha, e os poucos viajeiros que ainda restam no vagão sabem que já estão muito perto do destino, pois a linha de comboio que sai da cidade para aquela zona só tem mais três paragens depois da vila, onde acabam de ficar Brada e Plutão, naquele domingo à tarde, pós-evento de dezoito quilómetros acima e abaixo nas montanhas. Não se cruzam com ninguém no percurso para casa de Plutão. Faz frio e entram. O anfitrião oferece à moça que ela tome banho em primeira ordem; depois que os dois já estão limpos e frescos, apesar de que o corredor já tivesse tomado um banho no hotel antes da viagem de regresso, sentam-se na sala de estar da pequena casa. É uma sala de estar que também serve de cozinha e refeitório.

– Queres uma TonnaH, um chá, infusão, café, refresco? – Propõe Plutão.

– Está bem, um refresco far-me-á muito bem agora mesmo. Não vou comer muito esta noite, talvez um copo de leite e pão com manteiga, se tiveres, mas deixa para lá, não te preocupes comigo. Não vim aqui para comer à tua conta.

– Estás aqui não sei por quanto tempo, e, durante este período, vais comer aquilo mais decente que se possa comer, e prontos. Achas que aceitei trazer-te aqui para sentires vergonha de pedir comida? – Conclui o dono da casa.

Enquanto traz dois refrescos idênticos, Plutão anuncia que está a ferver água para arroz, que vai acompanhar com verduras simples, mas muito boas, produtos locais de qualidade. Todo o mundo os compra aos camponeses da zona, inclusive dona Aure, a gerente do local mais famoso desta mega cidade, ironiza Plutão. Chama-se Kuiper, o local. Vou levar-te lá, se quiseres, amanhã, dona Aure cozinha melhor do que eu, isso garanto-te.

Estou cansada, e tu ainda mais, campeão. Estou muito agradecida por tudo que tens feito hoje por mim, és o meu sol, és um amor de pessoa, posso dar-te um beijo de boa noite? Está bem, vou comer um pouco do arroz com verduras, de certeza irá cair-me bem e vou dormir sem fome. Já dormi com fome muito, nesta vida, eu.

Plutão sente que quer saber mais detalhes sobre essa fome que Brada diz que sentiu tantas vezes, como, onde, quando, porque, com quem ou por culpa de o quê. Também gostaria de saber como continua a história do caminho com árvores frondosas e a casinha lá no mato, mas está consciente de que não é o momento. Além disso, ela está com a palavra na boca, acaba de chamá-lo meu sol, amor de pessoa, assim que decide fazer um silêncio educado que a convida a dizer algo mais. Ela fala. Diz que precisa de encontrar um homem chamado Ceres.

– Sei que tu o conheces, porque vive aqui e deve frequentar o tal Kuiper ou qualquer concentração que se faz na vila, afinal todo o mundo se conhece quando o ambiente é tão minimalista. Resulta que eu sou alguém a quem Ceres escolheu, quando era menina, para estudar nos Estados Unidos numa escola de basquetebol universitário, através do contacto feito com um americano, representante do basquetebol pré-profissional norte-americano, que, num certo dia, passava por lá. O caso é que, quando fui para lá, a aventura que para muitos seria um sonho acabou por ser um sacrifício emocional que nem eu cheguei de assimilar, porque eu nunca tinha mostrado vontade de sair de casa tão nova para algo assim. Basquetebol, eu, uma baixinha? A minha opinião nunca me foi consultada por ninguém e, enquanto para todos os que tinham ficado, eu estava no sonho americano. Na verdade, não fazia mais do que

receber sovas físicas e acadêmicas, as primeiras, de jogadoras mais fortes, e as segundas, de professores desalmados, num cúmulo de vivências que não me permitiram, por mais de dois anos, pensar noutra coisa que não fossem as oportunidades que estaria a perder de estudar e trabalhar em casa ou perto de casa, e de sair com as minhas amigas para irmos juntas às estreias de cinema ou às lojas de moda. Acabei voltando a casa sem concluir nenhum estudo nem conhecer a paixão pelo jogo do basquetebol profissional, e com as mínimas poupanças que consegui fazer com a bolsa de estudo, na América, me tornei independente da casa onde tinha passado parte da minha infância, aluguei um apartamento e entrei na Faculdade de Comunicação a fazer o curso de Jornalismo. Com os anos, me apercebi de que me tinha convertido numa espécie de agente secreta, não da polícia, mas uma *freelancer* decidida a fazer justiça com tudo que me incomodasse. Para isso, vestia discretamente sempre à tona do ambiente que me circundava, e todo o meu empenho estava focado em seguir pessoas e transmitir mensagens. Como não uso o meu nome real dos documentos oficiais, faço-me chamar de Brada. A Brada que um dia esteve na prisão de luxo.

– Jantar, agora – interrompe Plutão. Sei que estás com fome e o meu estômago também já faz horas que reclama. Ainda bem que comprámos pizza, no caminho, deixa que a aqueça num minuto. Se ficares

com fome, ainda tenho pão com qualquer coisa. É isso que costumo comer quando volto, depois de uma corrida, nada de cozinhar.

– Eu já estou quente, mano – Brada faz de tudo para provocar, atrevidamente, o anfitrião. Queres antes a mim ou a pizza?

– Primeiro a devoção, depois a obrigação – engenha-se a responder o corredor. Ela está sentada na cama, mas não demora em deitar-se quando o homem se aproxima à cara dela. Coloca os seus finos braços nas costas de Plutão, abraçando-o e fazendo que se deite em cima dela e comece a função. Só depois da ejaculação, Plutão voltou a sentir fome alimentar. Corre ainda nu para a cozinha, mete a pizza no micro-ondas e corre de novo ao encontro das pernas da Brada, de novo sentada na cama, encostada no cabeçalho e com todo o corpo coberto pelos lençóis. Foi bom, gostei muito, mas qual a pressa depois de terminar? Parece que todos os homens têm de procurar uma escusa para sair a voar.

– A pizza já está pronta, vou buscar.

Comem na cama, bebem refrescos e ficam meio abraçados, a cabeça dela no ombro dele, na mesma posição que tinham experimentado, algumas horas antes, no comboio.

– Conheces o Ceres? Antes mencionei a ele e ficaste sem jeito.

– Queria ouvir a tua história, apenas. Sim, conheço a ele de alguns anos atrás. Um homem daqueles que sabem de tudo. É dos que pensam que não podem fazer perguntas porque já sabem tantas coisas que nada os surpreende. Olha, estás a querer obter alguma informação dele através de mim? Eu gosto dele, é um bom amigo acima de tudo. Sinto muito que tenha sido precisamente ele que te enviara para aquele inferno da bolsa de estudos na América, onde nem aprendeste a jogar basquetebol nem terminaste o curso, para além das saudades. Mas não culpes a ele, Ceres trabalha disso mesmo, faz gestões com empresários, governantes, directores de centros escolares, gerentes de grandes bancos, canais de televisão. Podes procurar a ele, agora que estás aqui na vila e saudá-lo, dizer abertamente que não tiveste uma boa experiência com a bolsa de estudos na América e que, das próximas vezes que fosse seleccionar meninos e meninas para qualquer tipo de oportunidade, prestasse mais atenção a todos os critérios pessoais e afectivos e não apenas o lado material e estatístico. Amanhã, ligo para ele, se quiseres, e pergunto-lhe se tem um tempo disponível.

– Boa noite – corta abruptamente Brada – obrigada por toda a ajuda no dia de hoje. Tens sido muito bom comigo, quem me dera um homem assim para

sempre. Muito obrigada mesmo, agora nos espera o Deus Morfeu.

– Boa noite e bom descanso.

Quando Plutão acorda, ainda com dores nas pernas, que é algo típico do dia depois de um evento desportivo intenso, descobre que Brada não está na cama nem em casa. Tinha deixado uma nota em papel, com uma caligrafia extremamente pulcra:

Saí para dar um passeio, quero sentir o ar puro e recordar a última vez que estive aqui. Sei onde vou e está tudo bem comigo, meu querido campeão. Voltarei à tarde, antes de começar a anoitecer. Bjs. Brada.

Plutão nota que desapareceu alguma coisa de casa, o seu modesto e pequeno apartamento de solteiro desorganizado. O facto de estar atrasado ao trabalho obriga-lhe a pôr de lado a preocupação pelo objecto em falta, e sai, como todos os dias, para o trabalho na loja de electrodomésticos da capital da província. Amiúde, espera o comboio, sobe nele, paga o bilhete e descansa e escuta música durante a viagem, incluindo alguma vez a leitura do jornal, se o encontra no mesmo vagão. Cumpre com o imperativo do serviço agindo com naturalidade, presta a máxima atenção e sorriso a cada cliente e não faz o gerente zangar, por atrasos, indisciplinas nem nada. Na hora da pausa para o almoço, a mente de Plutão fica desocupada de computadores, ecrãs,

cabos, adaptadores e demais acessórios electrónicos, e isso faz-lhe recuperar o fio de pensamento do que tinha acontecido em casa hoje de manhã; de facto, reflecte sobre a curiosa e inquietante reviravolta que a sua vida experimentou nas últimas quarenta e oito horas, desde que recebeu a carta da Brada no quarto do hotel, sábado, até agora, segunda-feira. Esgota o conteúdo do café do copo plástico que comprou na cafetaria ao lado da loja onde trabalha, e volta às obrigações. Os primeiros clientes da tarde já estão a fazer fila e Plutão sabe que o gerente não quer que as pessoas vejam os empregados a chegar apressados em cima da hora, porque não é profissional.

No comboio de regresso a casa, da cidade para a vila, já no fim do dia, presta atenção ao caminho de terra batida que a Brada lhe tinha apresentado, ontem, e pensa que doravante será impossível não observá-lo com cautela cada vez que passe por ali, mas, nesta ocasião, só consegue lembrar-se do momento doce que aquela moça gostosa lhe fez sentir quando se aconchegou no ombro dele.

O campeão e empregado da loja de electrodomésticos está de volta a casa, à tarde. Enquanto duvida sobre a localização daquela jovem mulher realmente misteriosa, encontra a Brada sentada no portão de casa, encostada na varanda, com a mesma roupa do dia anterior e visivelmente cansada. Pela cara, parece que tinha estado a chorar, e a primeira reacção de Plutão não é indagá-la acerca do objecto em falta

nem pela razão por que tem os olhos humedecidos, pois seria uma falta de delicadeza, talvez tem uma preocupação muito maior, se cruzou com alguém de mau carácter, esteve em perigo, está com fome, anda longe de casa. Por isso, propõe que ela tome um banho agora em casa – diz estas palavras ao mesmo tempo que abre o portão e se afasta para que a Brada entre em primeira ordem – e saírem juntos a comer mandioca ou amendoim e beber alguma coisa no Kuiper. O ambiente está gostoso aí, vais adorar, e se nalgum momento estás cansada vamos embora. No caminho de volta para casa compramos algumas verduras para acompanhar o arroz e frango que tenho em casa, para o jantar. A noite é toda nossa, atreve-se dizer o corredor, esperançado em repetir a experiência amorosa da noite anterior. Mas Plutão teve de ir fazer as compras de vegetais sozinho, cansado, depois da jornada laboral e pelo desgaste físico dos dezoito quilómetros do dia anterior.

Brada caiu rendida na cama depois do banho, nem mandioca, amendoim nem nada de especial que fizesse tremer o colchão tamanho duplo. Um comportamento completamente oposto ao de vinte e quatro horas antes. Mesmo assim, ele quer cozinhar, está com fome, e é neste momento em que se apercebe de que a panela não está. Alternativamente, prepara o arroz numa frigideira circular, o que é muito mais complexo porque tem de adicionar água até o topo da frigideira, colocar uma chávena e meia de arroz,

se talvez ela acorda com fome irá encontrá-lo já preparado, que eu saiba não se declarou em greve de fome, e quando o escasso meio litro de água que podia conter a frigideira já está a esgotar-se com o ferver do arroz, tem de adicionar mais meio litro, repetindo esta operação ainda mais uma terceira vez, totalizando um litro e meio de água e com a correspondente quebra de tempo para que a água recém-adicionada voltasse a ferver e continuasse a dar gás ao cereal. Janta tarde, quase pelas vinte e três horas da noite, serve metade do arroz da frigideira para o seu prato e reserva a outra parte.

A Brada dorme tranquilamente como uma menina inocente, e Plutão a contempla sem deixar de mastigar e engolir a comida, ousando pensar para dentro de si, que as necessidades fisiológicas como o comer, dormir, fazer sexo e excretar resíduos corporais nunca irão deixar de recordar que a espécie humana está exacerbadamente condenada a viver em igualdade de condições, sejam quais forem os complementos artificiais adicionados. Como se Brada estivesse a sonhar interconectada telepaticamente aos pensamentos de Plutão, acorda, senta-se na borda da cama e lança uma pergunta.

– Restou qualquer coisa de jantar?

– Sim, preparei muito e restou. Queres comer agora?

– Quero e preciso. Também gostaria de pedir-te que me faças companhia enquanto tomo a refeição, mas não vou obrigar-te porque sei que tu também andas cansado e não tiveste a mesma sorte que a minha, de tomar banho e cair rendida. Sabes, a tua cama é bem confortável, quem me dera poder dormir aqui todos os dias.

Plutão, que inicialmente tinha pensado lavar a loiça no dia seguinte de manhã, para não fazer barulho que deturpasse o sono da moça, muda de ideia. Serve no prato o arroz que tinha reservado para ela, sem dizer que o tinha reservado exclusivamente para ela. Começou a lavar a primeira loiça já usada, o seu prato, a frigideira e a colher de pau, enquanto Brada consome o arroz de verduras e amarra com os dentes a perna de frango, alternadamente. Dá lá esse prato e talheres, assim vou lavar de vez e podemos descansar. Que tal, a comida estava razoável? Estava muito boa, sério, responde ela educadamente, como pedindo desculpas por não ter atendido as tarefas domésticas durante toda a tarde.

Já é meia-noite, e Plutão, claramente abatido de cansaço e ciente de que amanhã espera uma nova e carregada jornada laboral, faz um último comentário amigável sobre a refeição.

– Achas que a comida está boa porque ainda não foste ao Kuiper.

– Já fui ao Kuiper, estive lá hoje mesmo e dona Aure me preparou um menu delicioso.

De repente, o sono e cansaço de Plutão parece que já não existem mais, que precisa de perguntar como foi o dia, o que foi fazer lá, se se avistou com Ceres. Vou explicar, agora é que vem a melhor parte, meu querido. A esperança da fantasia sexual acena na parte irracional do cérebro de Plutão, qual um aviso de notificação urgente nas redes sociais. É realmente inexplicável a celeridade com que os homens de qualquer idade, raça ou condição podem activar o instinto do prazer adulto com o mais exíguo dos estímulos femininos, até ao ponto de declinar por completo qualquer outra capacidade, função, necessidade ou apetite, neste caso, o sono. Mais uma vez recorda-se ingenuamente que, quando se trata de necessidades fisiológicas, não interessa se rei ou peão, tudo é mesma coisa. E ela devolve a bola, dizendo que, como amanhã terei pouco tempo, gostaria de explicar-te agora a parte mais essencial do que me trouxe aqui, que não é, sinto muito, transar contigo.

– Posso escutar-te, se achas que eu mereço ou posso fazer algo útil, basta dizer-me. Não sei se devo dizer-te que a parte mais essencial de viver esta minha vida humilde não é, sinto muito, preparar arroz com verduras a mulheres jovens errantes.

Sem perder a concentração no que está prestes a confessar, Brada encontra o espaço para começar a falar, não deixando opção a Plutão de se levantar nem de ir para a cama. Um dia, eu fui afilhada do homem enforcado que tinha más artes, dizem, porque, para resgatar uma menina, que sou eu, e poder dar-lhe uma infância digna teve de matar um colega dele, mercenário, em plena guerra, um malnascido que me estuprava mais de três, quatro ou até seis vezes por dia, durante o cativo que durou não menos de uma semana. Matar durante a guerra um mercenário daquele grupo, um temido colectivo com estreitas ligações ao poder político e económico não só da nação, mas de todo o continente, estava sujeito à pena máxima, à purga, à execução, neste caso, por enforcamento. Podia ser no paredão dos fuzilados, mas, como era somente aquele o condenado, por que razão iam gastar uma bala da munição, tendo cordas ao alcance? Uma coisa segura é que, com este episódio, os historiadores ficaram por saber qual teria sido a pena, se alguma, para o homem que tinha abusado sexualmente uma menina que nem sequer tinha concluído ainda a primeira década da sua vida. Não havia por que se fazer um juízo póstumo a um camarada do bando favorável aos que finalmente governariam a nação. Com a execução do meu salvador, eu acabei numa casa de caridade e acolhimento a crianças órfãs, e a gestão de Ceres com aquele homem da Liga norte-americana de basquetebol levou-me para os Estados Unidos, onde

vivi um inferno de dois anos e meio (fui para lá com doze e cinco meses e só voltei quase para cumprir os quinze), enquanto Ceres era reconhecido pela opinião pública como um bom homem que ajuda as pessoas.

– Sinto muito, isso deve ser um inferno mesmo. Assim, acredito que a casinha abandonada lá naquele caminho de terra batida deve ter alguma relação com um dos infernos que passaste.

– Sim, é claro. Mas não quero recordar-me disso agora. O que tu deves saber é que levei a panela da tua casa, que recebeste como prémio num dos sábados abertos que Makemake e Haumea organizam. Fui ao Kuiper esta manhã e pedi à dona Aure que guarde a panela em local seguro, agradecendo imensamente pela confidencialidade que também espero e desejo que tu poderás dispensar-me, agora que já sabes que não te quero nem te amo nem quero mais fazer sexo contigo. Ontem, foi apenas um desabafo da realidade fugidia. A panela é um objecto que representa muito do meu primeiro inferno que vivi, isso é tudo que deves saber. Amanhã de manhã, vou desaparecer, se é que ainda tens a dignidade de deixar-me passar esta noite debaixo do teu tecto.

Plutão fica em silêncio, sente-se abatido como se acabasse de correr uma maratona com todos os seus quarenta e dois quilómetros mais cento noventa e cinco metros a ritmo de recorde planetário. Também

libertado porque aquela moça vai desaparecer, amanhã de manhã, porém, não o mistério. Pensa em interrogar Ceres acerca dela, mas, antes se calhar, poderia falar com Make, a brilhante comunicadora esposa de Hau.

Plutão acorda bem cedo e sai de casa com meia hora de antecipação em relação ao seu horário dos outros dias laborais. Pretende encontrar-se com Make, que, provavelmente, esteja no Kuiper a tomar o pequeno-almoço, mas, antes, irá pelo seguro. Vai directamente à casa dela e de Hau para conferir se o carro azul do casal já saiu, conduzido por ela, para se dirigir, primeiro, ao Kuiper e, seguidamente, à editora onde trabalha.

– Make, bom dia! Espera! Oh, Make! – Ela pára o carro para olhar pelo espelho retrovisor, onde contempla Plutão a correr, mas com a roupa do dia de trabalho, camisa da empresa, calça preta, cinto castanho e sapato preto. Nada da roupa dos sábados abertos, aquelas camisetas flexíveis a cores estridentes, calções curtíssimos e sapatilhas.

– Tens muita pressa? Vinha ter contigo, não sei se ainda vais passar pelo Kuiper esta manhã ou já estás no caminho para a editora.

– Já tomei café em casa, vou comer mais tarde no serviço. Como não vou parar no Kuiper e não ando com pressas, por mim podes entrar e conversamos

aqui dentro do carro, se não levamos mais de dez ou quinze minutos, está tudo bem.

Plutão entra na viatura e encosta o seu corpo na cadeira do copiloto. Diz bom dia de novo a Make e pergunta se está tudo bem com ela.

– Como foi a corrida de anteontem? Dezoito quilómetros disseste, não é?

– Sim, a parte estritamente desportiva podemos comentar no fim do dia, no Kuiper, com os outros. Andou tudo muito bem, claro que não ganhei, só fiquei numa posição intermédia, como sempre. Tanto faz.

Explica-lhe que conheceu uma moça jovem que lhe pediu para viajarem juntos. Ela está aqui. Bom, estava aqui na minha casa, mas agora saiu e diz que já não voltará mais. É muito bonita e agradável, mas ao mesmo tempo encerra muito mistério. Ela fala que viveu uma experiência muito negativa, antes de ser adolescente, e quando passámos de comboio por um ponto determinado, ficou assustada e quase escandalizada. Tudo muito estranho. Lá naquela zona parece que viveu algo mais do que uma experiência negativa, foi um inferno. E menciona Ceres como responsável desse inferno. Acho que devemos falar com ele sobre esta mulher.

– Não, não vamos falar com Ceres assim de primeira. Ele tem muito discurso elegante, mas, afinal, só são palavras. Antes de nada, temos que contrastar os factos. Vou falar com Horte, porque ele e eu já iniciámos a investigar certas coisas que se passaram nos arredores desta vila, numa época não muito remota.

– Sabes, estou arrependido de ter aceitado a proposta de trazê-la para cá, anteontem, depois da corrida – desabafa Plutão, gesticulando desconsoladamente e cobrindo a cara com as duas mãos. – Mas, se tivesse ignorado a proposta, também ter-me-ia arrependido igual ou ainda mais por não tentar fazer algo pelo próximo, uma pessoa humana como tu e eu que precisa, ou parece que precisa de ajuda.

– Plutão, agora sim, já não tenho mais tempo, o dever laboral me chama. Mas temos uma conversa pendente, esta tarde, no Kuiper.

– Sobre este assunto gostaria de ficar afastado, não me diz nada de especial e nem sou detective. Se esta moça, de nome Brada, aparece, hoje mais logo, e fala qualquer coisa que possa ser do teu interesse, sem dúvidas, vou voltar para ti. Mas só isso.

– Estava a referir sobre a parte desportiva, da corrida do domingo – conclui Make, enquanto o seu interlocutor já está fora do carro, parado a conversar através da janela.

– Sobre isso podemos falar, claro. Vou dar relatório completo, e tenho algumas ideias para tentarmos implementar aqui nos sábados abertos, para atrair pessoas de fora e fazer com que sejam eventos maiores, de mais categoria.

– Boa ideia, gostei! Chau – e o carro azul vai-se embora. A mão direita da Make fica fora da janela do lado do motorista por alguns segundos, a saudar o amigo que acaba de despedir-se dele.

Enquanto conduz lentamente para sair da vila, Make ainda tem tempo de violar furtivamente o código de circulação para enviar muitos beijos ao seu marido ausente, e, a seguir, um pinguim acompanhado de um passarinho cinzento. Uma tartaruga, um sol brilhante, uma zebra e duas caras amareladas de olhos acoraçados.

Faz frio de verdade agora, talvez os meteorologistas analisariam aquele frio como um frio mais frio do que deveria ser habitual para a época do ano. Mas será que existe um padrão divino de frio ou calor que deve fazer em cada época do ano?

5

Desde a infância, Make tinha sido curiosa e muito trabalhadora por natureza. És muito produtiva, me diziam os professores, principalmente, porque era capaz de resolver todos os trabalhos de casa, no mesmo dia em que os corrigiam, nada de esperar alguns dias para ler com calma e fazer pouco a pouco, apurar a entrega até ao último dia. No ensino secundário e pré-universitário, ainda exagerou mais. Já na Faculdade, no primeiro dia de aulas de cada semestre, o docente apresentava o plano analítico da disciplina, com a relação bibliográfica correspondente, que nunca comprava devido às dificuldades económicas, mas requisitava nas bibliotecas (pública ou da faculdade), pedia a algum colega que tivesse as obras ou tentava descarregá-las da internet. Se nenhuma das opções dava certo, simplesmente, usava o seu corta-mato mais preferido. Substituía os conhecimentos que poderia procurar no livro por invenções que saíam da sua cabeça nas noites de inspiração. Assim,

fazia trabalhos de filosofia, tradução (os dicionários usava os mesmos da escola secundária, que a mãe lhe tinha comprado), literatura, geografia, história, como quem escreve um produto híbrido, entre a novela de ficção e o manual de instruções de uso de um aparelho electrónico. Surpreendentemente, muitas das vezes, esta última estratégia dava certo, porque, afinal de contas, os conhecimentos que os livros fornecem são, quase sempre, resultado de trabalhos académicos que os autores têm elaborado em alguma etapa das suas vidas, como estudantes ou pesquisadores.

Dava aulas particulares, primeiro, em duas casas do bairro, mais tarde, numa agência meio profissional que conheceu através de um colega que fazia a mesma coisa. Esta agência assegurava três sessões por semana de hora e meia cada uma. Fazia umas moedas que quase nunca gastava, só em raríssimas excepções impossíveis de contornar, como uma passagem de transporte público se o pneu da bicicleta estava furado e não tinha tempo de colar a câmara para não atrasar às aulas da faculdade ou à agência das aulas particulares. Com o dinheiro que poupava, só pensava no futuro: daqui a seis meses poderei comprar um telefone em condições; quando terminar o ano académico, posso viajar ao estrangeiro para aprender a língua durante duas semanas. Mas, quando esse futuro se fazia presente, por ordem do calendário, os planos ficavam adiados porque, depois

de poupar, com tanta consciência, não iria gastar de qualquer maneira. Melhor esperar por uma ocasião mais propícia para viajar ou comprar algo mais necessário do que um telefone de última geração. As suas aulas particulares eram sobre todas as temáticas (matemática, biologia, língua, geografia, química, tecnologia, música) e Make adorava que os alunos ficassem com dúvidas e fizessem milhões de perguntas antes, durante e depois das aulas. Infelizmente, nem todos os alunos mostravam o mesmo interesse, e com isto a juveníssima Make começou a apreciar e valorizar o peso de três elementos básicos: o tempo, o rendimento e a produtividade humana. Quando trabalhava com alunos apáticos, bastava sentar durante uma hora ou uma hora e meia, mandar o aluno copiar as perguntas e responder de acordo com o que diz o livro de texto, e assim Make encaixava a devida remuneração com o esforço mínimo; quando trabalhava com os alunos mais famintos e ansiosos de aprender porque sonhavam com carreiras de prestígio e orgulhar os pais na vida, a Make devia satisfazer cada pequena questão que os alunos colocavam, mesmo fora do tempo estabelecido. O caso é que tanto para o primeiro tipo de alunos como para o segundo tipo, o desfecho económico era o mesmo, mas o desgaste mental era claramente desigual, por motivos evidentes.

Num momento da sua vida académica, Make ganhou a alcunha de “Mozart”, o compositor que perdeu

a vida com a tenra idade de trinta e cinco anos e mundialmente conhecido, mais de dois séculos após a sua morte, pela sua capacidade visceral de inventar música de forma que combinava a produção mecânica, por um lado, e a dinâmica, fresca, elegante e poderosa na comunicação, por outro lado, qual fosse uma catapulta que todos admiram, vítimas e executores, pela sua vigorosa beleza de engenho e funcionalidade. Um gênio irrepetível, esse austriaco de cabelos classicamente enrolados.

Não existe nada perfeito nem ninguém que saiba tudo, Make é fervente sabedora disso, e, até certo ponto, tentou esforçar-se em negar a alcunha, mas acabou permitindo que os seus colegas (e alguns docentes) a chamassem como quisessem. Perfeito não há nada, nem Mozart nem nada, e graças a esta perspectiva adquirida no martelo de horas e mais horas nas bibliotecas da Faculdade, Make conseguiu viver uma juventude culturalmente rica ao apreciar a magnificência dos versos na *Eneida* de Virgílio, a adjectivação em *Desolation Row* de Zimmermann ou as expressões faciais humanamente bélicas em *A Carga dos Mamelucos* de Goya. Nada é perfeito, mas algumas manifestações são simplesmente insuperáveis, concluía com frequente admiração a jovem estudante Make. Nunca falhou nos exames, entregava os trabalhos a tempo (que fazia nos primeiros dias da disciplina e arrumava na pasta até ao dia da entrega) e nem sequer faltava cinco minutos

às aulas presenciais. Os companheiros não achavam porto seguro que não fosse ela, quando se tratava de solicitar apontamentos dos dias anteriores ou explicações que ajudassem a esclarecer conteúdos.

Simultaneamente, Make continuava a ocupar algumas tardes por semana ao ensino particular; algumas vezes, recebia lanche de sumo e bolachas em casa da Zénia, sobrinha da tia Maluia, a senhora que naquela altura ainda não possuía a barraca do cruzamento que vai para a vila. Na cidade, tudo era mais flexível e dinâmico, tudo é aqui e agora e, se não é aqui e agora, será ali por perto, e daqui a nada. O caso é que, na cidade, há mais possibilidades de escolher onde e quando para tudo. Hoje, anos mais tarde, já casada e instalada numa vila remota, pensa que teve muita sorte de poder passar a infância e juventude na cidade e sente-se mais afortunada por trabalhar e viver a vida adulta numa zona afastada de tudo aquilo. Na vila, a mandioca ou o amendoim do Kuiper não são elementos de todos os dias, porque a única coisa permanente é a TonnaH. Mesmo as noites quentes ao lado do seu marido são ocasionais, quando vários elementos confluíam na ocasião.

As poupanças da Make, com as aulas particulares, acabaram destinadas à última prioridade que lhe tinha passado pelo cérebro desde que tinha entrado naquele redemoinho de vida. De facto, foram duas coisas: uma, a carta de condução, por insistência recomendatória de toda a família; dois, uma viagem

de risco que não chegou de contar a ninguém até ao dia antes de sair, aos seus pais.

– Amanhã, estou a sair, vou passar uma semana fora com companheiros da Faculdade – disse com a boca pequena enquanto jantava, sentada entre os seus pais. Nove dias no total, com a viagem ida e volta e sete dias de trabalho.

– Bom, filha, és adulta e sabes o que fazes, confiamos em ti. Mas podias ter dito antes e assim te ajudávamos nas preparações – respondeu o pai compreensivamente, algo que a filha não esperava, por ser a primeira vez que saía por um tempo tão prolongado.

– Vais para onde e com quem? – Inquiriu a mãe num tom autoritário, mas sem querer contradizer as palavras do pai.

– Com um grupo de seis, contando comigo. Quatro homens e duas mulheres, jovens da minha idade, de confiança; os homens já viajaram muito. Vamos a um parque natural, na zona sul do Zimbabwe, para investigar as formas de vida de várias espécies animais.

Makemake sentiu, pela primeira vez, na sua curta vida, que os seus pais já estavam a ficar velhos e uma vez ela já estava a estudar na Faculdade e ganhar o seu próprio dinheiro, eles não tinham interesse

nenhum em entrar em brigas com ela, a única filha do casal. Sentiu que ambos apenas queriam envelhecer em paz, desde que ela ficasse bem.

O pai advertiu a jovem viajante. África me parece um continente muito perigoso, filha, espero que saibas o que fazes. E mais, Zimbabwe, que faz tão pouco tempo teve colonialismo, ditadura, golpe militar, escassez de alimentos, inflação, lutas de sangue pelas terras... Ainda bem que fica perto daqui, no nosso continente irmão que é África. Para nós, que não temos continente, apenas temos a vila e a província porque nem o país sentimos como nosso, África é como um parente próximo, apesar dos problemas. Ceuta também está na África e também está colmada de crises iguais ou piores que as que agora mesmo mencionei, filha. E Ceuta é muito mais longe daqui.

– Mas não vou a Ceuta, pai – a filha dirigiu-se a ele com um olhar de agradecimento pela compreensão. Agarrou a mão direita do pai com a sua esquerda, e fez o mesmo com a mão esquerda da mãe, prendendo-a com a sua direita.

– Terás forma de comunicar connosco todos os dias, filha? – Questiona a mãe.

– Sim, claro, vou ligar todos os dias. Vou ao Zimbabwe para um trabalho ocasional, não vou receber nenhum pagamento, mas vou ganhar uma experiência impagável, que nenhum livro nem aula

da Faculdade pode dar-me. Em nove dias, estou de volta em perfeitas condições.

Dos quatro homens, dois eram colegas da turma da Make na Faculdade de línguas; os outros dois eram da Faculdade de Ciências Políticas, um era o namorado da Miky, a única mulher do grupo viajante para além da Make; o outro era o mais novo de todos os homens e mais inexperto em termos de viagens, chamava-se Haumea. Alto e não muito voluminoso, corpo e cara afiados, óculos pretos redondos que corrigiam a sua presbiopia, e sempre uma caneta azul pendurada pela parte da tampa entre o espaço da tela que vai do primeiro ao segundo botão, começando por cima da camisa. Assim, sempre tenho recursos para cumprir com as legalidades, argumentou Hau na primeira conversa que estabeleceram. Na sala de aulas, no médico, na biblioteca, mesmo em casa, e mais aqui, no aeroporto. Imagina a quantidade de formulários que teremos de preencher daqui até à nossa chegada ao destino final, e, depois, o *check-in* no hotel, registo de entrada como estudantes que estão a fazer uma pesquisa. Não consigo guardar a caneta dentro da pasta e tirar de novo, cada vez menos, ainda, do bolso, onde pode explodir e estragar as calças irremediavelmente.

– Sou Makemake – apresentou-se ela, enquanto esperavam pela pesagem das malas e a emissão do bilhete físico para embarcar – mas podes chamar-me Make.

– Chama-me Hau, sou Haumea. Um prazer conhecerte. Passei mil vezes pela tua Faculdade, como não te vi nunca? – Inventou ele, apenas para manter um pouco de vivacidade àquela espera tediosa na fila.

– Igualmente, Hau, o prazer é todo meu – apressou-se a responder Make com os olhos a brilharem pela forma tão agradável como estava a começar a viagem, mesmo antes de viajar.

Os bilhetes foram emitidos para todos os seis integrantes e embarcaram no avião, após terem dispensado altas doses de paciência nas duas filas rigorosamente regulamentares por onde ainda tiveram que passar: a dos passaportes e a da subida à aeronave. O destino juntou Make e Hau em cadeiras contíguas, ele do lado da janela e ela do lado do corredor central. Hau ofereceu o seu lugar à moça, por gentileza, já que era a primeira vez que ela viajava de avião, poderia querer apreciar a vista, mas a moça educadamente rejeitou e ficou no lugar a ela assinalado electronicamente pelo sistema computadorizado e aleatório da companhia aérea. É que aqui poderei ter mais facilidade de pedir comida duas vezes ao pessoal auxiliar de voo, recomendação da Miky – disse Make com ar brincalhão, e ficaram os dois sentados, cheios de esperança e bons propósitos para os próximos nove dias. Ela, porém, não esquecia as palavras do pai, na noite anterior, acerca dos problemas que o Zimbabwe tinha vivido no passado e ainda sofria no momento.

– Sabes que no Zimbabwe impera o caos e a desesperação em muitos sectores da população? Famílias inteiras que sofrem por comer, pagar propinas dos filhos na escola, falta de oportunidades laborais, governos corruptos que acumulam todos os bens de subsistência que deviam ser para os mais necessitados.

– Isso é em todos os países, alguns mais e outros muito mais. Isso que fala o teu pai com certeza é verdade, mas não é a única realidade. De facto, tu devias responder ao teu pai que nós estamos a viajar para conhecer o outro lado desta visão que pintam os meios informativos.

Make ficou inquieta por um momento, não pelo facto de que aquele jovem tão apetecível e inteligente estivesse a contradizer os dizeres do seu pai, mas pelo conteúdo das palavras de Hau em relação aos planos da viagem. A moça estava preparada para ir a uma reserva especial ou a um parque nacional, a famosa imagem africana, onde iriam observar girafas, elefantes, zebras, leões e demais bestas com o intuito de analisar os seus comportamentos diários e adaptação ao meio, as planícies do sul do Zimbabwe que estavam a ficar secas pela falta de chuva. Mas esta declaração de intenções de Hau, calmamente sentado num avião que estava a manobrar para descolar, não estava bem clara. Tinha dito que iam conhecer o outro lado da visão que aparece nos meios, e isso fez pensar à Make

que, por exemplo, iriam intrometer-se na vida social e política dos cidadãos, participar em manifestações onde se critica o governo, distribuir panfletos nas universidades para convencer os estudantes que devem reclamar mais bolsas ou negociar com a polícia para que indultasse um famoso cantor que tiver sido encarcerado pela letra de uma canção, na qual criticava o anterior chefe do Estado, chamando-o textualmente de “sanguessuga”.

– Sabes o que vamos fazer, Hau? No regresso vens à minha casa e falas com o meu pai. Eu sozinha não sei se posso conseguir, ele tem a cabeça muito dura em relação a este tipo de coisas; ele me ama muito e ficou feliz por esta minha viagem, mas duvido que ele aceite que a sua filha, ainda na Faculdade, venha explicar-lhe coisas do mundo que ele não saiba.

O avião descolou, voou, atravessou nuvens e continuou a voar. Aos passageiros lhes foi dada uma refeição ligeira de salada, pãozinho e pedaço minúsculo de frango frio irrigado com a bebida à escolha: água, sumo, chá, café ou refresco. Como tinha prometido antes da descolagem, Make optou por pedir à moça de bordo uma segunda ração de comida e mais uma água, que foi-lhe entregue imediatamente. Funcionou, e ofereceu a água ao seu parceiro de viagem, que, futuramente, seria o seu parceiro também para todos os planos da vida.

O avião aterrou. Durante a manobra de estacionamento na pista do aeroporto e a espera para desembarcar, a Make ainda teve tempo de apresentar uma curiosidade.

– O meu pai também diz que aqui no Zimbabwe se treina mercenários que, depois, vão actuar em qualquer zona do mundo, lá onde se apresenta um conflito natural, como os ciclones, ou artificial, como as guerras.

– Sabes o que são mercenários? – Perguntou Hau, ao mesmo tempo que abria os olhos, apercebendo-se de que aquela moça simpática e agradável, de olhos redondos e lábios finos não era só uma jovem estudante a flutuar pelo oceano da ignorância, mas era alguém com interesses e visão vasta das coisas. – Também foi o teu pai quem te explicou que aqui se faz isso?

– Não. O meu pai nunca fala dessas coisas. Escutei um professor emérito da Faculdade de Direito, numa mesa redonda que se organizou no centro cultural Saber Popular, no mês passado.

– Sabes uma coisa: quando falas de conflito natural, estás a referir um furacão, *tsunami*, ciclone, que, na verdade, são provocados artificialmente, porque somos nós humanos que contaminamos a superfície terrestre e provocamos que a Terra produza reacções climatéricas de elevada virulência; e quando falas

de conflitos artificiais, as guerras, de facto, essas são naturais, porque o instinto do ser humano, especialmente, do ser masculino, tem sido violento e provocador de guerras desde os primórdios daquilo que se conhece como existência humana na Terra. A guerra é um instinto, é inevitável e é normal que haja guerras, infelizmente. Há quem diz que é por razões religiosas, que a Bíblia explica que alguém muito poderoso condenou os homens a não se entenderem porque tinham cometido enormes actos de sacrilégio. Mas eu digo e acredito que é normal que haja guerras, lamentavelmente, porque está dentro da natureza humana ambicionar mais poder, mais território, mais riqueza, mais domínio e controlo. E, para conseguir essas coisas magnânimas, precisa-se subjugar os outros, normalmente, com violência. É assim, podes levantar este ponto da próxima vez que atenderes a uma conferência de algum professor emérito.

– Se quiseres, podemos desenvolver o tema nós os dois, sem esperar por esse professor emérito, e apresentarmos.

– Vamos falar disso depois de conversar com o teu pai sobre o outro lado da visão que pintam os meios
– conclui Hau.

Make e Hau passaram os primeiros cinco dias da estadia em terras anteriormente rodesianas a conversar sobre todos os temas possíveis.

Especialmente, sobre os estudos que cursavam, Língua e Literatura, no caso dela, Ciências Políticas, no caso dele. Os dois coincidiam em terem escolhido a Faculdade muito mais por curiosidade do que por vocação ou visão laboral, com o argumento de que saber sempre serve para ser inteligente, entender a vida e saber procurar o pão. Para chegar a este nível de inteligência “ganha-pão”, haviam de pagar uma portagem em forma de exames e exercícios sobre temas tão inúteis como os verbos deponentes do Latim, recorda com frequência Make. Para além da vida académica, também encontravam tempo para falarem acerca da vida extraescolar: a família, as obrigações diárias, as afinidades ou paixões desportivas.

– Tens namorado? – Inquiriu, de repente, Hau à Make, na tarde do sexto dia. Acabavam de almoçar e estavam no descanso, já se sabe que, quando o organismo acaba de ingerir alimentos, concentra todas as suas energias na digestão e isso faz com que as outras partes do corpo fiquem ligeiramente desconexas. Nesse estado, encontrava-se Make, descontraída e meio adormecida, repousando a cabeça no ombro direito de Hau, com quem já sentia uma certa confiança e direito a toque.

– Pensava que não ias perguntar-me nada disso em toda a viagem – reagiu a moça, com os olhos completamente abertos e o fluxo sanguíneo a girar-lhe descontroladamente por todo o corpo.

– Peço-te desculpas – devolveu ele rapidamente – não é assim que se perguntam estas coisas, era só curiosidade, não penses que só estou todo o dia atrás de ti como se não houvesse nada mais a fazer neste lugar, estamos aqui para ver os animais e recolher dados ao longo dos dias e observar os comportamentos, quero dizer, que és linda e agradável, adoro estar contigo e não sei se tu pensaste algo assim de mim nestes dias, estou a falar de mais, não é – balbuciava cada vez de forma mais evidente, pelo que Make teve de intervir taxativamente.

– Cala-te e dá-me os teus lábios.

Beijaram-se prolongadamente uma e outra vez. Abraçaram-se e deitaram-se na relva, debaixo de uma frondosa acácia vermelha, um acima do outro e vice-versa. Era ainda cedo, no período de tarde, fazia calor e a seguinte actividade com o grupo não seria até antes de anoitecer, porque, quando a luz natural dos raios solares se vai embora, é quando muitos dos animais que vivem aqui atravessam longas distâncias para ir tomar a última refeição de água e capim, na maioria dos casos, e vão dormir antes que o céu fique completamente escuro. A Make não deixava de pensar em como seria aquele jovem na vida diária na cidade, na nossa província. Nunca tinha reparado nele na Faculdade – pensou Make. Será verdade mesmo que ele passou da minha Faculdade mil vezes, como assegurou no primeiro dia desta viagem?

Aqui, nesta planície, é necessária mais chuva ou trazer água, esses bichos estão a passar muito mal, andam desesperados por água e devem percorrer distâncias cada dia maiores para poderem beber, e por andarem muito, ficam mais cansados e precisam de beber mais. É o peixe que morde a sua própria cauda – disserta o namorado da Miky, durante o jantar do último dia antes de saírem, na manhã seguinte muito cedo, para o aeroporto e empreenderem o regresso a casa, onde a Make teria a opção de esclarecer as dúvidas sobre o namorado recém-adquirido. Viajou para observar o comportamento de certos animais num determinado contexto geográfico e climatérico, e, ironicamente, voltava para casa com a missão de observar o comportamento de um específico ser humano num determinado contexto social. Durante o tempo que usou para acomodar as poucas roupas e equipamentos pessoais na mala, Make teve tempo de fazer uma pequena reflexão conclusiva dos nove dias naquela expedição. Hau estava bem perto, a arrumar também as suas coisas, e ela começou a clamar em voz alta, de forma a provocar que o seu parceiro acompanhasse a conversa e respondesse algo.

– Afinal não fomos ver o outro lado da visão que os meios convencionais pintam e tu mencionaste no primeiro dia. Assim, o que é que iremos falar na conferência que queríamos organizar?

– A conferência, sim... – sussurrou Hau, apercebendo-se de que Make ainda queria dizer algo mais e ele não podia roubar-lhe a palavra.

– E em casa do meu pai, qual será o tema de conversa? Eu pensava levar-te para casa não assim dizendo que és o meu namorado, mas, primeiro, queria que os meus pais te conhecessem como alguém que fosse conversar, já que viajámos juntos. Só isso, assim serias melhor recebido em casa no dia em que fôssemos para falar de algo mais sério, não sei...

– Casamento putativo, já estás a pensar nisso? – Reagiu o jovem. Já estou a gostar do teu pai antes de conhecê-lo. Nós fomos ver o comportamento dos animais numa zona habitual, mas com umas condições não normais – começou a explicar, olhando para a Make, que prestava muita atenção. Falta de água, esse é o maior desafio que os habitantes desta planície têm, e precisa de uma solução urgente. Voltando ao assunto, nós observámos o que eles fazem para obter água, e revela-se que as rotinas que eles tinham antes já são completamente diferentes e ainda irão mudar mais e mais, para pior, se não se fizer algo rápido. Antes, estes bichos que andam por aqui podiam beber água e brincar nela a qualquer momento, mas agora que já não conseguem permitir-se este luxo, por falta de acesso, podem ficar nervosos e lutar entre eles. É igual ao que acontece com as pessoas. Os humanos têm feito guerras pelo território, pelos recursos hídricos, pelo

poder, pelo prestígio, e, para obterem estas coisas têm feito guerras, das mais violentas aberrações que se possam imaginar. Por isso, estas bestas de que nos estamos a despedir, hoje, estão em risco de seguir o mesmo caminho que nós, humanos. Tornar-se-ão violentos, mas nem com isso irão viver melhor, porque os mais fortes, que irão subjugar os outros, terão acesso aos recursos e poderão sobreviver, mas, apenas isso, sobreviver. Nada mais longe do que os seres humanos têm estado a fazer e ainda fazem, alguns, em muitas partes do planeta. É este o tema do painel que iremos apresentar na conferência que vamos organizar, se ainda estás disposta para tal.

– E com o meu pai também vais soltar isto tudo?

– Com o teu pai, estou a imaginar que será um pouco mais sobre o outro lado da visão que os meios mostram a toda hora. Então, a outra visão é exactamente esta: que, para vivenciar um problema real, não se precisa de ir protestar contra o governo, nem manifestar-se, clamar justiça, denunciar corrupção institucional normalizada ou ajudar os mais pobres a alimentar-se. Basta observar animais, comparar o seu comportamento com o nosso e prontos. Até podemos escrever um livro sobre o assunto, depois da conferência.

– Sim. Estou disposta, claro, gostei de ouvir a tua reflexão – concluiu Make com um sorriso de orelha a

orelha. Aproxima-se a Hau e beija-lhe uma bochecha e depois a boca.

– E para o casamento putativo, como ficamos?

Na viagem de regresso para casa não falaram mais sobre nenhum tipo de união conjugal entre eles. Todavia, era evidente que, tanto ele como ela, estivessem dispostos a fazer de tudo para coincidir com frequência, ir juntos ao cinema, estudar lado a lado, na biblioteca, cada um com os seus livros. Mantinham uma prudência lógica por serem os primeiros meses de relação, mas, pouco a pouco, estavam a construir rotinas de horários para falarem ao telefone, para se encontrarem na biblioteca da Faculdade ou visitarem uma exposição temporal gratuita.

Um dia de sexta-feira, Make não tinha aulas, como era habitual na sua Faculdade, e Hau conseguiu sair cedo porque o professor da tarde tinha tido uma emergência familiar. Esta constelação de circunstâncias provocou que os dois jovens universitários dessem dois importantes passos à frente nas suas vidas: o primeiro, chegar ao centro cultural Saber Popular e solicitarem a disponibilidade para organizarem uma conferência; o segundo, Hau acompanharia Make no transporte público (os dois pneus da bicicleta da Make andavam furados) até à casa dela, pela primeira vez, desde que se conheceram.

– Queres entrar? – Perguntou ela, sentindo-se anfitriã mesmo que ainda estivessem na rua. Make lançou a proposta com a intenção real de que o seu namorado entrasse e conhecesse a casa, mas também estava curiosa por saber qual seria a reacção de Hau perante aquele oferecimento.

– O pai está em casa? Adoraria conhecê-lo, me falaste tantas maravilhas dele como sabichão e homem de família exemplar – respondeu Hau, que inicialmente dissimulou bem o nervosismo facial, mas que, um instante depois, já não foi capaz de esconder os lábios a tremer, provocando-lhe uma notável balbúcie.

– Deve estar, sim – assegurou ela, deixando o namorado sem via escapatória. Mas calma lá, apenas vou dizer que tu és um colega de uma outra Faculdade, que viajaste comigo e estou a ajudar-te num trabalho de pesquisa sobre movimentos políticos surgidos na clandestinidade, e que, por isso, estamos a organizar juntos uma mesa redonda no Saber Popular.

Hau apreciou a ideia, seria mentir, mas, no fim das contas, uma pequena mentira muito piedosa.

O pai da Make recebeu os dois jovens com um sorriso e, uma vez feitas as apresentações, os três tiveram palavras amáveis, como foi a viagem ao Zimbabwe, eu nunca estive lá, mas gostaria, só que ouvi tantas desgraças de lá que não sei como está tudo agora.

Trocaram mais algumas impressões comuns sobre a vida, o trabalho, a temperatura das últimas décadas em que parece que nunca faz o tempo que deve fazer de acordo com a época ou estação do ano, a beleza de algumas figuras tradicionais expostas numa prateleira do saguão, as quais o pai limpa todos os dias. Acumulam muita poeira e já podes imaginar, na minha idade é recomendável começar a fazer pequenas actividades rotineiras para exercitar a memória e manter a mente em funcionamento. Só espero, minha filha, que isto de preparar mesas redondas com alguém de uma outra Faculdade não te tire tempo dos teus estudos. Confio em ti, como sempre fizemos a tua mãe e eu.

– Pai, nem na viagem do Zimbabwe perdi nada da escola, porque eram duas semanas intercalares sem aulas, estou em dia com todos os trabalhos e já comecei a preparar as provas de fim do semestre. Deste semestre e do próximo e do outro, a seguir, quis dizer verdadeiramente a Make, mas tudo ficou neste. Para além disso, este tipo de conferências abrem os olhos para assuntos reais que devem ser tratados pela sociedade, por nós jovens, que estudamos para aprender a saber fazer e ser alguém de proveito, não é isso, pai?

– Me desculpe a senhora professora – disse, assumindo que os estudos que a Make estava a cursar apenas podiam desembocar na profissão docente como dedicação profissional. Seguidamente,

o pai abriu as duas mãos a sorrir sinceramente por ver que tinha engendrado uma filha tão activa, organizada e decidida.

A sogra de Make sofreu um hematoma subdural, há dois meses atrás. Uma hemorragia deste tipo afecta o cérebro, e precisa de muita calma na recuperação. Com sorte, pode o doente fazer uma vida razoavelmente normal após alguns dias, já com a circulação sanguínea restabelecida.

Hau passou uns dias a trafegar muito de um lado para outro, pedindo permissão ao director da ONG para que o deixasse sair antes, pelo menos, dois dias por semana, para ir dar jantar à mãe e ficar ao lado dela. Este facto não tem apenas consequências no grau de presença ou ausência de Hau no leito matrimonial, só mudou a ocupação dele, pois concordou com a direcção da ONG que, durante o tempo em que a mãe ficasse tão crítica, ele não iria viajar para nenhuma missão de serviço. Durante umas duas semanas, o marido da Make não é ele, anda nervoso e cabisbaixo, carente de forças para viver e para tomar café ou ler o jornal no Kuiper, até ao ponto de a esposa decidir interromper temporariamente os sábados abertos, na vila, por falta de coragem. Não é tempo de celebrar quando alguém tão próximo está a passar mal. Ela também vai ao asilo da sogra algumas vezes. Um dia em que Hau e Make estão juntos e a mãe do trabalhador não-governamental

dorme profundamente, ele faz uma proposta à sua esposa.

– Esta mulher, para além de tratamentos médicos, precisa de vida, alegria, festa. Tratamento psicológico e não só cirúrgico. Depois que passar todo este pesadelo, vou organizar algo, ela vai fazer anos no próximo mês e podemos comprar um bolo e uma camiseta com uma foto de nós os dois no Zimbabwe, ao lado daquele elefante que olhava para nós ameaçante. Ainda tens aquela foto no telemóvel? Espero. Também podemos fazer uma ronda de visitas com os colegas do Kuiper, com certeza ela irá apreciar e nenhum deles me odeia tanto para rejeitar um compromisso social tão simples, encontrar um tempinho para visitar uma senhora doente que é mãe de um amigo e companheiro de debates quotidianos. Estou a pensar em Ceres, Éris, Plutão, dona Aure e Horte, mas estes dois é melhor que venham separadamente porque o Kuiper não pode ficar desatendido, nem muito menos fechar. Se o Kuiper encerra, nem que seja por um dia ou umas horas, a nossa vila afunda.

– Ceres pode vir com o seu amigo, o edil – brinca Make, apoiando plenamente a ideia do seu marido. Com aquele homem, a mãe vai ficar cheia de alegria, tenho certeza. Não é que iam juntos à escola o nosso actual edil, dona Aure e a tua mãe? São da mesma idade, prontos.

– Mas o primeiro a visitar será Horte – corta abruptamente Hau.

No dia seguinte, discutem no Kuiper se o jogo da lotaria nacional está viciado e como se faz para derrotar um sistema que sempre beneficia às mesmas pessoas. Plutão está tímido, mas acaba por confessar a Ceres com quem se tinha encontrado alguns dias atrás. Horte escuta como que sem querer, de novo, e isto ajuda-o a prever o próximo passo da sua pesquisa, que agora estava em ponto morto. Dirige-se a Make. Não sei, estás a agir de uma forma muito mecânica, disse o coproprietário do Kuiper à Make. Já sei que fui eu que te aproximei e, por isso, devia ter maior iniciativa, mas tu também deverias entender que precisamos concordar mais nos passos a seguir. Não será que alguém ou alguma coisa está a interceder para que nós não pesquisemos mais, a traçar um estratagema para nos desviar. Mas quem iria querer entorpecer-nos?

Make e Hau, de acordo com o plano traçado pelo marido como forma de revitalizar o espírito da mãe, sugerem a Horte que os acompanhe a visitar a senhora no asilo. É um passeio, podemos ir a pé, são menos de trinta minutos num bom passo, mas eu sei que tu vais querer ir de carro; por mim, qualquer meio é válido. Está bem, podemos ir de carro. A minha sogra vai ficar tão feliz de ver pessoas. Uma vez, Make faz a proposta ao marido de dona Aure, que aceita imediatamente. Hau dirige-se à sua esposa.

Podes ficar com o carro, toda a tarde se quiseres, com Horte. Eu voltarei mais cedo para casa porque quero fazer umas videochamadas de trabalho. Está bem?

Hau conduz sabendo que irá ter que voltar de forma alternativa, e estaciona de frente para deixar o capô do carro, debaixo do qual se esconde o motor, resguardado pela sombra de uma frondosa mangueira. Só confia que não se desprenda nenhum fruto que fosse bater no vidro frontal da viatura, durante aquela tarde.

O asilo para pessoas mais velhas tem um portão exterior gradeado, que o porteiro abre manualmente, e uma outra porta automática de vidro que capta, sem problemas, a presença dos três visitantes. Passam um corredor com paredes falantes, igual ao da escolinha onde Éris dá aulas aos poucos meninos da vila. Make pensa por que razão não existem paredes que falam na maioria de centros de ensino secundário, médio, técnico-profissional e superior. Apenas no nível primário, como se a aprendizagem por meios visuais e divertidos estivesse reservada exclusivamente às tenras idades. Depois do corredor, abre-se um salão rectangular recheado de cadeiras no perímetro e algumas mesas na parte central, que não são grandes e, portanto, não obstaculizam a passagem de pessoas pela sala, algo essencial num lugar como aquele, onde os seus residentes são pessoas com dificuldades psicomotoras.

A sogra de Make está sentada numa cadeira com encosto acolchoado e revestido de um pano decorativo de motivos florais azuis e brancos, com braços de madeira onde ela repousa os cotovelos. Está consciente, acordou bem esta manhã, tomou o pequeno-almoço e agora está a acompanhar o telejornal pela televisão. Entretanto, Make observa que os olhos da senhora estão vermelhos demais e pergunta a uma das cuidadoras se já algum médico tinha visto aquilo. Responde amavelmente uma moça muito jovem e linda que o médico passa por aqui normalmente todas as terças-feiras se não se trata de uma emergência, e na semana passada o doutor falou, após breve observação, que não é nada grave, mas que, se persiste ou não diminui (querendo dizer, se os olhos ficam ainda mais vermelhos), num período de dois meses, deverão ser receitadas umas gotas diárias que aliviem a circulação sanguínea da mãe de Hau. Mas, de princípio, nada, a vista da senhora está boa. Para além da questão ocular, a mulher está bem sentada, sem mais. Quando se dispõem a conversar, a idosa reclama que precisa de ir à casa de banho, e consegue locomover-se sozinha com ajuda unicamente das suas duas pernas. Não sem qualquer dificuldade e uma notável lentidão ao andar, mas consegue. Vai e volta, já está de novo na cadeira com os dois cotovelos nos braços de madeira.

– Sou a Make – começa a nora –, a esposa do seu filho Hau. Olha, hoje, está aqui comigo uma pessoa

muito especial, ele quer muito conhecê-la e estou convencida de que a mãe irá adorá-lo. É Horte, marido de dona Aure, os dois juntos fazem tudo no Kuiper. Se lembra do Kuiper, não é? Vamos levá-la para lá um dia, se quiser.

– Ahhhh, sim, o Kuiper. Dona Aure como está? – Pergunta a velha, quase sem olhar para a pessoa que acompanha a sua nora.

A sogra de Make menciona um objecto que o marido, pai de Hau, tinha trazido uma vez. Uma panela, creio recordar, sim, uma panelinha que nem uns poucos litros podia conter. Naqueles anos, eu andava muito de um lado para outro, por causa do trabalho que tinha na cidade, num supermercado que abria às oito horas da manhã, que me obrigava a entrar às sete, e fechava às vinte horas, que perfazia um imperativo de despegar do serviço às vinte e uma. Tinha uma pausa de três horas para o almoço e repouso, das catorze às dezassete horas; com esses horários de entrada, intervalo e saída, a decisão mais prática foi alugar um apartamento que usava de segunda a sexta-feira, e apenas passava os finais de semana em casa. Mas nem todos os sábados e domingos conseguia juntar o dinheiro para apanhar o comboio, coitada de mim, que vida miserável de tanto sacrifício para acabar assim, com um marido que manuseava ingentes somas de dinheiro físico quase todos os dias em actividades das mais ilícitas e cruéis. Mercenário. Eis a razão pela qual eu não

me encontrava em casa no momento em que o pai de Hau, mercenário, trouxe a menina em casa e a refugiou, uma menina que eu nunca conheci nem dela nada soube até muitos meses depois.

– O seu filho estava no internato – intervém Make – também naquela mesma altura. Assim, a família de três, em raras ocasiões, passava tempo em conjunto.

– Isso é muito delicado – continua a velha, com um gesto amável como que agradecendo a Make por aquela intervenção, de modo que ela pudesse apanhar um ar e molhasse a garganta com um copo de água – em breve terei que ir de novo à casa de banho, com tanta água. É verdade, o Hau já era um homenzinho, andava pelos seus dez ou onze anos, como passa o tempo. Como já lhe faltava pouco para entrar na escola secundária, fiz a proposta ao meu marido, um dia de sábado em que jantámos os três juntos em casa, de internar o miúdo, para seu bem, num centro escolar com alojamento e três refeições diárias, por questões práticas. No fim das contas, seria mais económico porque pouparíamos em dinheiro de transporte, ele ficaria num local seguro com outros colegas da sua idade e far-se-ia um homem de pleno direito. Durante o jantar, o pai não se mostrou nem a favor nem contra, apenas deixou claro que o menino tem de crescer e isso implica poder sair de casa. Eu pensei que tinha errado por falar do futuro do filho, no jantar, na presença dele e do pai, sem antes ter consultado o chefe da família,

em particular, mas, logo que terminámos a refeição e o pai me ajudava a lavar a pouca loiça que tínhamos usado, ele mostrou-se favorável à minha proposta e ainda disse que não me preocupasse com o dinheiro, que ele iria fazer um esforço para que o Hau tivesse boas condições e se tornasse um homem bem capaz. Assim, adicionou o pai, se calhar sairá da escola tão bem formado física e intelectualmente que nem será necessário que vá para o serviço militar. Não quero aquele inferno para ele. Mas como foi capaz de ter tal sangue frio, mercenário, ele que se dedicava a uma coisa ainda pior que aquilo que criticava. Mercenário (abre os olhos como se fossem sair-lhe das órbitas e serra os dentes com raiva cada vez que pronuncia esta palavra, de uma forma que, praticamente, silencia os dois sons vocálicos “e” das primeira e segunda sílabas, *mrrrsnário*). E pagou a escola do miúdo. E o Hau feliz, sem medo, foi para aquela nova etapa no internato. E eu feliz porque estava a conseguir dar um futuro ao meu filho com melhores oportunidades das que eu tive. E o pai, feliz também porque ficava com o caminho livre para continuar ou, se calhar, aumentar o ritmo das suas actividades ilícitas, na altura em que a guerra lá fora estava a recrudescer. Mercenário.

Horte ainda não tem aberto a boca em todo este tempo, mas está a sentir-se bem, porque a mulher idosa não parece cansada de falar e contar coisas do passado, episódios que não seriam agradáveis

de recordar, mas que ela recorda com vivacidade. A mãe de Hau levanta-se de novo para ir atender necessidades fisiológicas. Na ausência momentânea da sua sogra, Make pede opinião a Horte. Não será que estou a obrigá-la demais, coitada? Horte considera bem a sua opinião e finalmente a exprime. Não me preocupa que fale muito, desde que ela esteja à vontade. Problema é que só fala desgraças. Temos que procurar uma forma de que se recorde de coisas boas, da infância de Hau, por exemplo, apesar de que tu já deves saber tudo isso, é o teu marido e estás com ele há mais de oito ou nove anos. Ou, simplesmente, que nos conte o que faz aqui neste local, se tem amigos, se gosta da comida, do telejornal, do clima, das pessoas que a tratam. Ou se gostaria que lhe trouxéssemos alguma coisa da vila. Eu, quando estou em casa doente, aprecio que dona Aure me traga um jornal, uma caneta ou uma fotografia antiga.

A sogra de Make faz-se presente de novo, e adopta, pela terceira vez no espaço de tempo de menos de meia hora, a mesma posição na cadeira, com as costas perfeitamente acopladas ao encosto alto e os braços em forma de “vê” com os cotovelos a descansarem na madeira dos braços da cadeira. Terão que perdoar-me, em pouco tempo, vão trazer o jantar e já sabem, uma idosa como eu precisa muito tempo para tudo, de fazer as coisas com calma. Mas

gostei imensamente da vossa visita. Cheguem bem a casa.

– Com licença, senhora, permita-me só perguntar uma última coisa: de tudo isto que nos contou, o seu filho sabe alguma coisa?

Horte podia perfeitamente ter perguntado algo assim a Make, previamente. Mas prefere que seja a mãe a pronunciar-se, pois, com Make, pode falar todos os dias no Kuiper ou na vila, mas com a mãe é apenas hoje e quem sabe quando, a próxima vez.

A viúva do mercenário responde sem articular palavra, só mexe a cabeça com celeridade, como se fosse um micro-ondas em plena acção, de um lado para o outro, em rotunda negação. Horte fica convencido da convicção da senhora. Fique bem, sogra, despede-se Make, com um beijo na parte externa da mão direita da mulher. Até à próxima, Horte diz enquanto faz uma saudação juntando as duas mãos e fazendo uma genuflexão, mantendo uma distância com a idosa.

Os visitantes saem pela porta da residência e entram no carro, tudo em silêncio. Make liga o motor e movimenta a viatura, incorpora-o na estrada principal e celebra, com um sopro prolongado, que ainda não está na hora do engarrafamento. Uns minutos mais tarde, e os escassos quatro quilómetros da residência até ao cruzamento da barraca da dona Maluia ter-se-

iam convertido num pesadelo de uma hora a andar, parar, voltar a andar e voltar a parar. Só quando giram pela rotunda que dá entrada à vila, Horte faz a sua primeira comunicação oral de todo o trajecto para dizer a Make que não é necessário chegar até ao Kuiper. Vai como se te dirigisses à tua casa e eu te digo onde vou descer, em qualquer caso, a distância não é nada e me faz bem caminhar. Está bem, responde a motorista, que aproveita para perguntar de forma directa, como se estivesse a cortar cebola com uma faca recém-afiada: o que achaste da conversa com a minha sogra?

Horte põe a mão direita na boca, depois no queixo, e fecha os olhos, em atitude reflexiva. Ela contou muita coisa, nem sei se tudo que ela disse vai ajudar-nos a encontrar uma linha de pesquisa ou informação de valor, mas seja como for, ela falou muito mais do que eu esperava ter ouvido. E está relativamente bem de saúde, a senhora, tinha imaginado uma situação mais penosa. Eu fico aqui, muito obrigado de verdade pela tua prestância. Falamos com mais calma depois de amanhã, é que amanhã tenho que levantar o Kuiper eu sozinho, dona Aure vai fazer compras e, desta vez, não manda nenhum moço de confiança, é ela própria que deve ir com o fornecedor para assinar uns convênios ou algo assim. Bom, que estarei bastante ocupado daqui para lá dentro da cinquentena de metros quadrados do local, para além de analisar todas as palavras que ouvimos hoje

da tua sogra. Bom, isso não vou poder fazer amanhã, terá que ser esta mesma noitinha, na minha solidão. Depois de amanhã, vamos conversar no Kuiper. Entendido – responde a Make, de pleno acordo – e não te esqueças de que também deves descansar, não és um adolescente que anda daqui para lá sem dormir.

Quando a Make comprova pelo piloto indicador do volante que a porta do lado do passageiro está correctamente fechada, decide que este é o melhor momento para enviar uma mensagem de whatsapp a meio caminho entre o textual e o visual ao seu marido. Já estou em casa, tudo bem, a tua mãe cada vez melhor, seguido de uma tartaruga, cinco pinguins, duas girafas e duas linhas completas de beijos. Cada elemento visual numa mensagem separada. Poucos instantes depois, Make estaciona o carro na porta de casa e entra no lar, derrotada pelo cansaço emocional e também pela quantia de informações que terá de arrumar antes de encontrar-se com Horte, em menos de quarenta e oito horas, para continuar a esclarecer este assunto em que estão envolvidos.

Aquele moço que estudara com tanto afincio Ciências Políticas tinha acabado por odiar todos os sistemas políticos do mundo e a trabalhar para uma ONG orientada para a gestão, conservação e melhoramento da utilização de espaços verdes. Isso é vida, costuma dizer a Make na cama antes de dormir, das poucas vezes que passam a noite juntos. Ganho pouco

dinheiro, mas o trabalho que faço e as pessoas que me rodeiam substituem todos os milhões de quilogramas de ouro que se possam auferir. Sei que é uma frase típica de quem ganha pouco, mas é o que eu sinto. Hau responde às mensagens da sua senhora imediatamente. Em breve estarei de volta, já falta um dia menos. Estou bem, tudo controlado do meu lado.

6

O advogado Arreug é alguém que até hoje recebe uma subvenção encoberta, resíduo de uma lei que não se modificou em muitos anos. De facto, a lei foi eliminada oficialmente pelo novo governo nacional, escolhido um ano atrás por sufrágio universal, mas o procedimento administrativo que tramita o quantioso subsídio, em reconhecimento aos seus anos de serviço à justiça no estrangeiro, permanece intacto, cada mês sem falha. Para revogar essa lei, apenas é mister uma assinatura ou reconhecimento carimbado de qualquer autoridade contemporânea com os dois olhos abertos. Nós, os humanos, sempre queremos mais do que nos pertence, nunca ficamos satisfeitos, especialmente, quando a opulência está ao alcance da mão. Um homem reformado com uma pensão totalmente digna, por que razão deve ainda receber um reconhecimento que já não existe por lei? O crime do último enforcado no rio tem algo a ver com tudo isto? Brada acha que está a conseguir juntar as peças

do episódio: a panela que levou de casa de Plutão era aquela panela do inferno, sem dúvida; Make está a investigar, com o apoio inestimável de Horte, um livro publicado por Arreug e que pode incriminá-lo, definitivamente, e vinte anos mais tarde. Brada está firmemente convicta de que este homem tem que cair, o que não sabe é quando e como.

Arreug entra no Kuiper da mesma forma discreta como acedeu ao local pela primeira vez, alguns dias atrás. Usa a mesma roupa ou um fato escuro exactamente igual àquele. Sabe que a maior parte dos clientes que se encontram ali o reconhecem, porque correu a voz que lhe atribui um passado conflituoso. Senta-se numa mesa afastada do bar, ao pé do televisor, mas sem obstaculizar o campo visual de quem estivesse a assistir ao jogo de futebol entre as selecções nacionais da Argentina e do Brasil. Pura paixão, as bancadas de espectadores no estádio estão cheias de bandeiras e símbolos coloridos que representam os valores, pátria e cultura de um e do outro país. Ainda bem que é um jogo amigável, nenhum troféu será dado a ninguém, mas, da forma como as pessoas torcem, bem parece que a comida já está pronta num refeitório de ajuda social para desempregados sem abrigo. Também no Kuiper, há pessoas a vestir camisetas com as cores correspondentes: um jovem brasileiro de rastas, copo de cerveja na mão, mesmo quando não está a tomar, e uma moça da vila que é namorada de um argentino, hoje ausente no Kuiper

porque está nas bancadas do estádio e não levou a namorada ao estádio porquanto ela não gosta de eventos multitudinários. É incrível como esta coisa que chamam nacionalismo chegou para ficar e se espalhou tão facilmente pelo mundo todo, mesmo em povos indígenas que não conheciam as fronteiras nem as leis ocidentais. Invenção de europeus que navegavam e expropriavam territórios do mundo como se não houvesse habitantes locais e os que encontravam, acreditavam sem remorso que Deus todo-poderoso os tinha colocado ali como figurantes de um filme, exclusivamente para servir-lhes a eles na sua odisséica descoberta do redondo globo planetário.

Arreug espera pacientemente, pois não tem nenhuma pressa. Dona Aure aproxima-o e traz uma TonnaH. Mas eu não pedi isto – rejeita o velho, com um sorriso irreal, de pura cortesia. Dona Aure responde que esta bebida é por conta da jovem que está sentada no grupo dos aficionados pelo jogo. Está sentada ao lado da moça que namora com o argentino e veste a camisola nacional branca e azul celeste por baixo do casaco verde pistache. Arreug faz um gesto eclesiástico, juntando as duas mãos, e uma pequena reverência em sinal de agradecimento. Enquanto o velho e a jovem mantêm contacto visual, o único brasileiro, no local, celebra efusivamente o golo que o seu país marca e que serve para empatar a contenda, a seis minutos do apito final. Não tem

nenhum compatriota para abraçar, mas recebe o sorriso cúmplice de alguns consumidores de cerveja que não mostram nenhum interesse por quem ganha o jogo. Tudo volta à calma, e, neste momento, Arreug encontra-se cara a cara com a misteriosa moça.

– Sabia que te encontraria aqui – inicia ela, com confiança e decisão.

– Peço desculpas, a minha idade não me permite recordar as caras das pessoas, especialmente, das que não são da minha geração – admite o advogado, sentindo-se confuso e perdido.

– É normal que não te recordes das caras, tu que dedicaste uma parte da tua vida a mandar cobrir rostos de pessoas antes de executá-las – profere Brada severamente, sem deixar de examinar todos os detalhes do rosto do homem. Deixa de dizer que és velho como escusa para esquecer. Vinte anos não é nada, a tua atitude criminosa ainda está fresca em ti. Tu mandaste enforcar o único homem que me tratou bem na minha infância, eu cresci e me fiz adulta, estudei e faço a vida como posso, mas ninguém me dará de volta uma figura minimamente paterna; tu a levaste. E agora diz-me, a quantos mais mandaste executar?

Brada está em posição de ataque verbal, e sabe que o velho advogado e carrasco não tem condições físicas de escapar do Kuiper. Longe da saída como está, o

advogado teria que levantar-se e correr discretamente por entre o grupo de assistentes do jogo. Impossível. Faz uma tentativa de abandonar a mesa.

– Obrigado pela cerveja, moça, mas eu não te chamei, apenas vim para cá assistir ao jogo e socializar um pouco. Nasci nesta vila e gosto de vir cá de vez em quando, mesmo que viva na cidade. Se não tens mais nada a dizer, para além de fantasias, eu vou retirar-me.

– Quando apareceste em casa com três homens e levaste o meu salvador para o rio, um homem, o sabichão da vila, intercedeu para que não confiscasses também a mochila. Dentro dessa mochila havia uma panela que ainda existe – Arreug escuta estupefacto, cada vez mais nervoso qual um imputado que fica sem álibi em pleno interrogatório policial. Pensa usar uma via escapatória mais expeditiva e efectiva, mas não consegue pensar bem.

Nesse momento acaba o jogo de futebol na televisão, empate a uma bola e todos felizes, enquanto os clientes do Kuiper parecem fazer uma troca de turno colectiva: saem os da tarde e entram os da tarde-noite, entre os quais, encontram-se Plutão, Éris, Haumea, Makemake e Ceres, que acedem ao local e ocupam a sua mesa habitual, no centro da sala, a uma distância prudencial de Arreug e Brada, como se tivessem ensaiado esta cena. Plutão é o primeiro que reconhece a jovem, mas fica calado. Make

pergunta a Plutão se está tudo bem. Vamos pedir o quê? Há séculos que não como a mandioca com molho de tomate e cebola que dona Aure prepara tão bem. Plutão e Éris apoiam a iniciativa e Ceres, sem dizer nada, faz um gesto a dona Aure, que se aproxima imediatamente. Hoje, eu pago – diz o diplomata – amanhã faço anos, mas, hoje, o ambiente está agradável aqui no Kuiper, os da tarde parece que vibraram com a paixão do jogo e os da tarde-noite somos um bom número. Traga dois pratos com pedaços de mandioca e o famoso molho de tomate e cebola.

Durante a espera para que servissem a encomenda, Plutão não consegue entender que Make não tenha ainda virado a cabeça para o lado direito e não se tenha apercebido da presença de Brada e Arreug, a três mesas de distância. O corredor de eventos populares faz um gesto com os olhos para que a esposa de Hau se vire. Ela reage imediatamente e procura aproximar-se silenciosamente, para assim confirmar o resultado das suas pesquisas. Se olha nos olhos daquele homem por um segundo, Make pressente que será capaz de desvendar toda a verdade. Repentinamente, o velho advogado está encurralado por duas jovens mulheres que não somam juntas a sua idade, e que podiam ser duas suas netas ou filhas, dependendo de se as tivesse tido sendo ele muito jovem, no caso de serem netas, ou muito velho, no caso de serem filhas. Arreug sabe

que o ambiente é hostil, e deve fugir. Dona Aure tinha deixado uma faca de cozinha na parte visível da cozinha, onde a proprietária do local costumava deixar as encomendas antes de transportá-las às mesas. O velho carrasco agarra a faca e aponta para as duas mulheres jovens, mas só consegue que elas fiquem firmes, paradas a um metro dele. Todo o mundo está paralisado no interior do Kuiper, à excepção da proprietária, que anda atrafegada na parte dos fogões, dentro da cozinha, e não viu ainda nada da loucura que está a estragar o ambiente que até aquele momento tinha sido tão agradável, como em tantas outras jornadas. Quando dona Aure sai com a encomenda da mandioca e o molho, Arreug coloca a enorme faca no pescoço dela e ameaça cravá-la no corpo da mulher, indefensa.

– Deixem-me sair daqui em paz, eu sou um homem inocente e esta menina nojenta – em alusão a Brada – enlouqueceu contra mim sem motivo. Apenas estou a defender-me, nada mais. Não quero nem tenho motivo para fazer mal a esta senhora, mas para isso preciso de sair daqui sem sobressaltos.

Make sabe que o homem está a falar para distrair a atenção do pessoal. É verdade que Arreug não teria motivo para fazer mal à dona Aure, mas o homem que agora ameaça a mulher de Horte, no passado, tinha-se dedicado a actividades de todo tipo, das mais lícitas e das mais indecentes. As duas mulheres jovens, Make e Brada, traçam uma estratégia de acção

sem necessidade de se olhar nem falar uma com a outra. Enquanto Brada fica mais perto do homem que ameaça a proprietária do Kuiper, Make guarda uma distância, faz um pequeno passo a um lado e incorpora-se no grupo maior de pessoas que estão no local. Nesta situação, a jovem que trabalha na editora OriOn aproveita para mandar, furtivamente, uma mensagem pelo telemóvel a Horte, que, neste momento, se encontra no mercado a fazer compras de material higiénico para o funcionamento do Kuiper.

Oi, Horte. Há uma emergência no Kuiper. Tens que vir para cá imediatamente com a polícia. Há um homem em atitude violenta que pretende atentar contra a saúde de alguém. Por favor vem já.

Make priva-se de mencionar o nome do atacante em atitude violenta e também não refere a identidade da “alguém” cuja integridade física está ameaçada pelo homem. Todo o mundo imóvel dentro do Kuiper, Brada ainda é a pessoa que está mais perto de Arreug e de dona Aure. Aproveita esta situação para estabelecer diálogo com o velho. Ela faz uma proposta. Deixa a ela, que não tem culpa desta barbárie, e mata-me a mim. Eu já te dei muitos problemas, tinhas que matar-me na mesma jogada em que mataste a última pessoa que foi enforcada nesta vila, na zona do rio, com quem eu tinha uma forte ligação. Mas decidiste que não, que aquela menina era insignificante e somente te preocupavas em eliminar o homem, teu assalariado, que tinha tirado a vida a um outro dos

teus mandados para poder salvar a minha. Tu é que fizeste pagar o preço mais elevado, a vida, ao meu salvador como vingança da morte de um estuprador. Olho por olho, todo o mundo vai ficar cego, dizia Gandhi, e tu agora estás cego.

Naquele momento, escuta-se o som das sirenes de vários carros da patrulha policial da província, que chegam à vila guiados pela carrinha de Horte, que, apesar de tudo, consegue trazer todos os produtos de higiene porque já os tinha dentro do carro no momento em que recebeu a mensagem de auxílio da Make. Os agentes cercam o Kuiper e, nesse instante, todos pensam que Arreug, por estar sem escapatória legal, iria tomar a decisão mais radical, a de morrer a matar; mas também os homens como ele podem agir de forma sensata em determinadas ocasiões, especialmente, quando os uniformes da lei e ordem estão por perto. Depreende-se da faca, que cai no chão, mais perto de Brada do que dele, e dá um empurrão à dona Aure para que voltasse à parte interior da cozinha, o seu local habitual de trabalho de toda a vida.

No interrogatório policial, usa-se pouco tempo para falar sobre o quase crime do Kuiper. Arreug explica, com a mesma voz firme que usou durante toda a sua carreira profissional como advogado, que foi ele quem mandou aos três homens de que ainda dispunha que executassem o pai de Hau, o salvador da Brada, vinte anos atrás. E acrescenta informação,

dizendo que contemplara o enforcamento. Arreug foi a última pessoa que viu os olhos do enforcado com vida, a menos de um metro de separação. Antes da execução sumária, vítima e carrasco ainda tiveram um instante para cruzar umas palavras. O homem que se despedia deste mundo estava de cabeça coberta com um pano sujo, que um dos três assalariados às ordens de Arreug lhe tinha colocado enquanto a comitiva percorria os metros finais até à beira do rio verde-amarelado. Arreug continua com o escabroso relato. Recomendei-lhe, igual que os oficiais da prisão inglesa com Roger Casement, conter a respiração no momento em que sentisse que os seus pés já não estivessem em solo fixo, porque assim a viagem é mais rápida e menos agónica, sofre-se menos. Tínhamos trazido uma mesinha de madeira para dar altura à vítima e, simplesmente, retirar a mesinha quando a corda estivesse bem amarrada ao pescoço, deixando que a lei da gravidade culminasse a operação. Curiosa a comparação que Arreug faz do pai de Hau com Casement. Dois enforcados por fazer o que deviam, no momento não devido. Sem nenhum orgulho pelo qual lutar, agia como se estivesse a dar uma aula de História ou Direito Penal aos jovens agentes da polícia que o interrogavam.

Arreug fica livre com vigilância domiciliar por vários motivos, mas ninguém lhe tira de cima a alteração da ordem pública e ameaça de morte a uma civil. Não executou a ameaça, ou seja, rectificou-a

sensatamente no último momento, como um cidadão honesto; declarou tudo o que sabe e não ousou, pela sua idade, obstruir o trabalho dos agentes no momento da detenção e colocação das algemas; precisamente este factor, a idade avançada, é o determinante para que não entre na prisão, onde corria risco de ser feito papinha em menos de uma semana pelos jovens criminais famintos de acção.

Dois dias depois, Haumea volta a sair por uma viagem de trabalho na capital da província, e despede a sua esposa com um abraço emocionado e prometendo que tudo vai ficar bem, mas que vai rezar todos os dias pela sua segurança e bem-estar.

Horte, como um irmão mais velho do casal, assegura ao marido que a sua esposa irá ficar bem. Não precisa pedir-me nada, vou pôr toda a atenção nela para que as nossas vidas voltem pouco a pouco à normalidade que conhecíamos antes deste indesejável atentado público. Tudo está interligado, portanto, se o meu vizinho não está bem, eu sou quem sofre as consequências e vice-versa. Numa das tardes que Make, sozinha, toma uma infusão no Kuiper, depois do trabalho, Horte arranja um tempo para conversar com ela, apenas para controlar se tudo anda bem.

– Estou bem, obrigado pelo interesse – agradece Make, que abraça a chávena para aquecer as suas mãos geladas. Só que hoje passei muito tempo fora do escritório de um lado para o outro, e sou muito

teimosa de tirar e voltar a colocar as luvas a cada momento, e acabei arrumando-as na pasta até ao fim do dia.

O coproprietário do Kuiper abre um sorriso tímido e olha nos olhos da sua interlocutora. Agora, já passou tudo, refiro-me ao pesadelo do advogado Arreug, mas também àquela guerra que os livros dizem que terminou, há quase vinte anos. Sinto que este é o melhor momento para desvelar mais algumas vivências que o meu pai me contava. A minha memória me trai muito e, com as preocupações diárias aqui no serviço, tudo foge com facilidade. Assim que me recordo de alguma coisa, apreciarei que estejas atenta. Make pisca os olhos lentamente em sinal de aprovação. Podes falar, Horte, sempre é bom saber mais para descobrir o quanto que ainda não sabemos.

– Imaginas um médico que fuma? – Provoca Horte.

– Um autêntico ridículo, tanto profissional como pessoal – respondeu sinceramente Make, com os olhos muito abertos.

– Tens razão. Mas cada um é adulto e faz as escolhas pessoais que quer ou acha mais convenientes na sua vida. Se é médico é porque quer trabalhar e ganhar salário em algo, que é diagnosticar os problemas das pessoas e ajudá-las a ficarem bem. A escolha profissional do médico não implica que no privado

tenha que adoptar um certo comportamento. Ninguém poderá privá-lo de fumar mesmo com um montão de decretos-lei.

– A escolha pessoal é privada, mas um médico que fuma me parece como um professor que não sabe ler, escrever nem contar, sinceramente.

Terminada a conversa, Make usa o telemóvel para entrar no whatsapp e verificar que hoje não tem muitas chamadas nem mensagens, apenas alguns recordatórios do grupo de trabalho na editora, que Make ignora porque já tinha resolvido todas as preocupações laborais que os seus colegas ainda estavam para iniciar; também entraram algumas mensagens num grupo de ex-alunos da Faculdade de Língua e Literatura, onde se comentavam notícias gerais do mundo e se actualizavam os aniversários e novidades dos membros do grupo, tais como casamentos e filhos. Depois, escreve para o seu ausente marido uma mensagem textual breve, só um sinal de vida para que ele contasse como está e como vai o trabalho mais logo, quando tivesse um momento. Não é estilo da Make perguntar coisas pesadas ou comprometidas a Hau nem a ninguém pelo telefone, por exemplo, se opina que é lícito que um médico fume. Mesmo assim, se tivesse perguntado essa questão em concreto, já sabe qual seria a resposta do marido: não me preocupa o médico que fuma, mas o médico que não exorta os doentes para que deixem de fumar. Finalmente,

coloca as seguintes mensagens separadas, todas para o mesmo destinatário: dois pinguins e dois passarinhos cinzentos, uma tartaruga, uma cara amarela feliz com olhos fechados e bochechas avermelhadas, uma cara com dois corações no lugar dos olhos, uma fila de beijos e um coração. Make bloqueia o ecrã do telemóvel e introduz o aparelho no bolso direito das suas calças.

A guerra civil que houve neste país foi iniciada por um médico que fumava – explicava o pai de Horte ao seu filho, que ainda não tinha entrado no mundo juvenil de provar nada parecido aos cigarros nem às ervas alucinogénias. O homem em questão era militar de carreira e trabalhou sempre na enfermaria castrense dentro do país e em várias missões pacificadoras no estrangeiro. De volta a casa, cansado de guarnecer companheiros conhecidos, decidiu que queria tratar de desconhecidos; seria igualmente duro, mas não tão sentimental. Assim é como pretendia deixar de ver o sofrimento de amigos e colegas de aventuras, mas, infelizmente, a permuta não deu certo, saiu-lhe o tiro pela culatra da forma mais ironicamente cruel. Diagnosticou-se a si próprio um possível cancro de pulmão, e, nesta tessitura, a única ideia que teve foi auto prescrever-se ir ter com um eminente pneumologista, o único que havia em toda a província na altura, e que era o Presidente do Colectivo Nacional de Médicos. Quando chegou à consulta, sacou uma pistola de um bolso interior

da bata branca que usava tanto quando estava de serviço como não, e apontou a arma de fogo para os testículos do especialista. Se te mexes ou tentas gritar, queimo-te os colhões. Obrigou-o a mandar embora amavelmente e com um sorriso na boca a todas as pessoas que esperavam para ser atendidas, e a fechar a porta principal do centro de saúde, dispensando inclusive o guarda de segurança da porta, quem agradeceu porque já lhe faltavam poucos minutos para despegar e o lugar não estava muito concorrido. Tu e eu sabemos que os militares não gostam deste governo. Apontando agora na cabeça do especialista, o médico da vila que, presumivelmente, tinha cancro de pulmão, mandou-lhe escrever e emitir um comunicado para todas as casernas militares de cada província dizendo que o Colectivo Nacional de Médicos apoiava um levantamento armado contra o governo inútil da nação, com o objectivo de restabelecer a ordem total. A acção poderia ser executada de forma dura ou leve, com ou sem derramamento de sangue. Esta já era uma decisão que dependia exclusivamente dos capitães generais de cada região. O médico da vila já tinha cumprido a sua parte. Tudo estava desencadeado graças a ele. Já que podia morrer em breve, nem se preocupou mais de tratar a sua insuficiência pulmonar, que se agravou consideravelmente e, em poucas semanas, tirou-lhe a vida. O devir dos acontecimentos já os conheces, meu filho, seis anos, dos quais o primeiro apenas serviu como estabelecimento das posições

por cada capitania geral e cada partido político; os outros cinco anos, cinco longos e infindáveis anos de cruentas batalhas, o nosso país foi um crematório gigante, uma prisão aberta, um campo de tiro ao prato onde havia mais balas do que pratos e o sangue jorrava em abundância mais do que as correntes de água pelos rios.

Horte escutava o seu pai e assentia rapidamente com a cabeça, pretendendo aparentar que já conhecia aquilo que, na realidade, ignorava, mas que o seu pai considerava evidente: que a guerra tinha durado seis anos. Seguramente, filho – continuava o pai de Horte – na escola não te contarão que alguns milicianos internacionais vieram para cá, lutar por uma causa inventada pelos seus governantes. Alguns vinham de nações europeias, outros de países como Canadá, Cuba, Argélia, Austrália, Rússia, Irão, Uganda, Laos e Kuwait, entre outros cantos deste planeta. Era um caos, porque cada um falava a sua língua e vinham com as suas próprias estratégias militares, com exercícios matutinos ou vespertinos, sem planificação nem coordenação, e muito menos em função da situação lá fora. Parecia que esses milicianos tinham saído de algures para virem fazer um treinamento na nossa terra. No caso houvesse uma guerra nos seus países, ficariam a saber de todos os erros que não deviam cometer. Ninguém queria nem podia escutar os outros, e acabavam matando-se uns aos outros, quando, supostamente,

tinham chegado aqui para ajudar juntos ao nosso país sufocar o levantamento militar, que já tinha avançado um pedaço e aproveitara a oportunidade provocada pelo desconcerto dos grupúsculos estrangeiros. Os dirigentes nacionais que tinham requisitado a ajuda internacional não podiam acreditar. Tive muitos amigos, inclusive, alguns da vila, que tinham confiado quantias somas de dinheiro e ouro, as suas poupanças de toda uma vida, para pagar a viagem, armamento e manutenção desses milicianos que, na verdade, só estavam a piorar a situação do conflito e a fazer com que o nosso país contraísse imensas dívidas pós-bélicas. Porque já deves saber que, dentro da barbárie e incerteza de uma guerra, uma coisa é segura: não se perdoa um centavo. Uma outra coisa que os livros não te contarão é que a missão principal dos milicianos de apoio internacional devia ter sido dismantelar os refúgios criados pelos militares sublevados, de forma a controlar as zonas próximas das fronteiras, possíveis canais de fornecimento de abastecimento alimentício e balístico para os desesperados que ainda permaneciam fiéis ao governo prévio ao levantamento armado despoletado por um médico que fumava. O nosso país tem quatro fronteiras principais, uma em cada extremo da extensão do território nacional, sendo que três dos quatro passos fronteiriços ligam o país com o nosso vizinho terrestre, e o outro ponto nem sequer é uma fronteira, é o mar de Posséidon, via internacional de navegação frequentemente

usada para o abastecimento das nossas provisões em grandes cargas. A fronteira mais próxima desta nossa vila ficava ao lado de um recanto paradisíaco de belas praias. Todas essas quatro fronteiras tinham sido historicamente muito permeáveis em termos de produtos ilegais, mas, infelizmente, a guerra fez-nos apreciar o bem que vivíamos antes com o contacto dos estrangeiros que nos visitavam por terra e por mar.

– Não é bom estar sempre a pedir ajuda – dizia o jovem Horte, que aprendia mais com os monólogos do seu pai do que nunca podia imaginar encontrar nos livros ou nas aulas de História. Só um detalhe, continuava o pai depois de apanhar um pouco de ar, os próprios países que enviavam os milicianos se esqueciam deles aos poucos dias, e, algum tempo depois, vendo como estava a escalar a situação, decidiram não enviar mais e ficar à espera de acontecimentos. Esses milicianos eram carne de canhão, moeda de troca dentro de um intercâmbio de bens entre os poderosos, que observavam a cruenta guerra como quem assiste a um jogo de futebol ou a uma corrida de cavalos. Olhando bem, somos assim desde os tempos dos imperadores romanos, em honra dos quais se encontram ainda hoje numerosas estátuas em Roma e outros lados. Sanguinários que se divertem com o sofrimento alheio.

No asilo estão a celebrar o aniversário da mãe de Hau. Não é hoje que completa anos, foi há cinco dias, mas,

de facto, estão a juntar, como cada mês, todos os aniversários do mês numa única festa. A celebração começa com as boas-vindas dos residentes aos visitantes, que trazem refrescos, sumos de frutas, bolinhos, frutas para todos e presentes particulares para o seu familiar internado. A maioria são filhos, sobrinhos ou irmãos mais novos dos idosos; no caso de mãe de Hau, os seus parentes são o único filho, a nora e o filho de um amigo da infância: Hau, Make e Horte. Primeiro, o pessoal do asilo endereça umas breves palavras de agradecimento a todos pela presença, e informa que o tempo disponível para toda a celebração é de duas horas, porque, por regras internas, não se pode expor àquela população a uma possível desordem mental provocada por stresse, ansiedade ou saturação. Considerando que a maior parte dos idosos tem problemas físicos e a memória danificada, ninguém dos mais jovens protesta. A mãe de Hau está muito fresca mentalmente, mas desde que sofrera o hematoma subdural anda muito devagar, às vezes, com ajuda de um cajado de madeira. Comem e bebem, alguns dos visitantes ficam em pé, outros sentados, todos em forma de meia-lua ao redor do seu parente. Quando alguns já estão para sair e a sala fica menos congestionada, a sogra da Make olha para Horte e comenta que tem o mesmo nariz que o pai, em paz descanse. O tempo correu velozmente como um atleta batoteiro.

– Só temos mais cinco minutos, mãe – adverte Hau. Teremos que sair em breve.

A mãe de Hau faz omissão das palavras do seu único filho e conta que Arreug, de jovem e antes de sair da vila para estudar na cidade, nunca tinha feito nenhum sucesso com as mulheres, condição que acabaria sendo recorrente para toda a sua vida. Até quis paquerar-me, mas nem a mínima atenção lhe prestei. Recordo-me de que, numa altura, há uns vinte anos, Ceres estava numa viagem pelas Américas e voltou com uma vistosa camisola azul e amarela tipo túnica, que tinha comprado em Medellín, e uma máscara de pau tradicional venezuelana decorada com tempuras. Aquela foi a única anedota engraçada de que me recordo daquele dia. A idosa bebe um pouco do sumo que ainda resta no copo e explica que, quando ela era menina, ainda se podia tomar banho e lavar roupa no rio, aquilo era um rio de verdade, com água limpa e pura, mas já se falava de uma companhia de bebidas alcoólicas que iria usar este espaço perdido no fundo do mundo para depositar os seus resíduos, que iriam desaguar no rio da vila até secá-lo. Às vezes, imagino que se a natureza fosse ao contrário e pelo rio circulasse uma torrente de cerveja e não de água, nós, humanos, esforçar-nos-íamos para montar uma fábrica de água e poluir o rio de tal forma que ficasse sem cerveja. Assim, os peixinhos que vivessem no dourado e espumoso líquido iriam ter dificuldades para sobreviver na sua

ausência, e os pinguins do Antártico iriam morrer afogados em cerveja líquida, sem opção nenhuma de fazer a revolução que salvasse a cerveja e todas as espécies do planeta.

– Minha filha – fala a sogra para a nora, que está parada em frente da idosa, com um homem de cada lado – naquele tempo, eu recordo-me de que o pai deste senhor que tens à direita, Horte, intercedeu por recuperar a mochila que continha uma panela. Três homens de uniforme, altos e fortes, circundavam e marchavam ao mesmo passo que a figura central, um homenzinho de fato e gravata, com bigode e um penteado que parecia que tinha um capacete natural incorporado à cabeça. Esse homem baixinho andava com passo firme e decidido, ao mesmo tempo que obrigava uma quinta pessoa, um homem com aspecto de pobre andrajoso, com uma característica forma de caminhar que imediatamente reconheci ser a do meu marido. E entendi que o homem de fato e gravata que comandava o grupo só podia ser Arreug. Tentei gritar e correr, mas estavam distantes e eles andavam muito rápido para as minhas inexistentes capacidades atléticas. Segui a trajetória do grupo, na medida do possível, e ainda fui capaz de reconhecer, já com total certeza, que o chefe do grupo era Arreug, o homem a quem eu, como tantas outras mulheres da vila, tinha rejeitado porque não era atractivo, não tinha conversa, não dava para namorar ou casar com ele. Será que prendeu e executou o teu pai –

diz para Haumea – no rio por vingança comigo? Não quero imaginar se fez isso com todos os maridos das mulheres que o tiverem rejeitado anteriormente. Como pode o ser humano cair a um nível tão baixo de raciocínio? Depois de contar a lamentável e marcante experiência, sem poder conter as lágrimas, o seu filho abraça-a e despede-se. Era a primeira vez que escutava a mãe contar até ao último detalhe a morte do pai. Um mercenário. Horte e Make também acenam uma saudação à senhora, mas sem contacto físico.

7

Seguindo uma escala recorrente, hoje seria novamente Haumea a abrir um tema de discussão no Kuiper, mas, na ausência dele, é, mais uma vez, a sua esposa a substituí-lo. Assim, tudo fica em casa, troca-se um dia dela para um dele e prontos. Makemake começa por dizer que o clima muda tanto que olha, dizem os meteorologistas que este calor, quando está quente, não é habitual para a época do ano; este frio, quando bate frio, também não é habitual para esta época do ano. Mas, afinal, o que seria habitual para cada época do ano? Desde sempre que estou a ouvir que o tempo não é o normal. Mas esse normal é registado com que base? Desta vez, como ainda é cedo e estão todos juntos (Ceres, Make, Plutão e Êris. Haumea está novamente na capital da província a tratar assuntos de trabalho), pedem as habituais bebidas, cerveja, café e chá, e um pratinho de amendoim torrado, que dona Aure traz com muita alegria. Produto local, bom apetite. Já que estavas a comentar sobre o clima – comenta

Éris – eu li, não há muito, o livro *Seis Graus* de M. Lynas, e, para além de todas as verdades científicas que se dizem nele, o que mais me surpreendeu é que o ser humano adora, como se se tratasse de uma droga adictiva sem tratamento de desintoxicação, repetir uma e outra vez os mesmos erros: destruição, guerra, extinção. Make mostra a sua plena concordância com as palavras da professora de escolinha, que ainda tem algo para adicionar. Não sabemos o que temos até que o perdemos. E não somos apenas nós que estamos a perder o planeta. Onde é que irão as espécies animais? Será que os elefantes, as tartarugas, as cobras, os mosquitos ou os pinguins têm direito à manifestação? Make sabe que cumpriu com a função que lhe tocava por escala ao seu marido. Hau estaria tão feliz de participar neste debate sobre o clima e os comportamentos sociais ao longo da história da humanidade.

Make sente-se reconfortada e lembra-se de que tem uma questão pendente com o marido da proprietária do local. Horte está na cozinha, faz limpeza dos utensílios e fogões durante o tempo em que dona Aure prepara as refeições e serve as mesas, que hoje, por ser sexta-feira, estão a ficar mais concorridas à medida que passam as horas. Make ainda tem tempo de atirar um ponto à discussão do grupo.

– É assim, Éris – dirigindo-se à professora da escolinha, sentada ao lado de Plutão, que parece meio pensativo, concentrado em alguma inquietação

externa, talvez a preparação para a próxima corrida de montanha, marcada para duas semanas mais tarde, ou as saudades que sentia daquela noite quente que tinha passado com uma misteriosa desconhecida, da qual ele não sabia muito, mas ela parecia saber tudo dele. Seguidamente, Make aborda o assunto da temperatura normal ou não normal com uma comparação prática: hoje é sexta-feira, não é isso, colegas? Então, eu posso dizer que este local, o Kuiper, ou qualquer outro lugar de reunião e consumo público está a uma temperatura mais quente do habitual, pelo simples facto de que, nos dias passados (segunda, terça, quarta e quinta-feira), o tráfego de clientes é muito menor; mas também podemos olhar de uma outra perspectiva: hoje, sexta-feira, a temperatura do Kuiper, entendendo mais uma vez os graus de temperatura pelo número de pessoas que frequentam o local, podemos estabelecer que está mais baixa, faz mais frio do que seria habitual em comparação com sábado ou domingo, que são as jornadas estrela do lazer e consumo neste tipo de locais. Mesma coisa com a circulação nas estradas: daqui para a cidade, tenho certeza de que, agora mesmo, há mais congestionamento do que nos outros dias, a esta mesma hora, no meio da semana, e também menos do que os dias de fim-de-semana, por simples questão de hábitos e deslocações que as pessoas deixam de fazer quando estão ocupadas e as programam para os fins-de-semana.

– Brilhante comparação, sim – assente com a cabeça Ceres, o mais velho do grupo – só nos falta pedir a opinião aos pinguins que vivem na calota Antártica, e esclarecer se eles também notam esta temperatura um grau acima ou dois graus abaixo gradualmente, semana a semana, mês por mês ou ano após ano. Para nós, no ambiente dos pinguins sempre faz frio extremo, pelo que não haveria necessidade nenhuma de medir os graus naquele ambiente gelado. Mas eles são perfeitamente capazes de aperceber-se de uma mudança térmica, por exemplo, se estão habituados a andar por aí a beber água, comer, dormir, mictar e fornicar a setenta graus negativos, imagina que, em poucos meses, a temperatura aquece e muda até ficar uns vinte graus mais quente. Terão que fazer as suas necessidades fisiológicas básicas a cinquenta graus negativos, um calor extremo e insuportável para eles. Por isso, só quando todos os pinguins do continente Antártico (se é que tem vários países lá, cada um com o seu Presidente ou Rei ou Emir ou Primeiro-Ministro pinguim) façam a revolução, nós, os humanos, iremos agir em consequência e salvaguardaremos o planeta. Queridos, desculpem a minha forma de dar soluções fictícias para o mundo, é que já estou reformado e a ficar velho, portanto, é o que devo fazer.

Horte continua no fundo da cozinha, a mulher e proprietária do local está numa esquina longe das mesas dos clientes, a falar pelo telefone com um

fornecedor. Num momento concreto, Horte assoma para espreitar se Make ainda está sentada com o seu grupo de sempre. Quando Make desvia o seu olhar para a cozinha, em acto reflexo, o marido de dona Aure faz de tudo para que os seus dois olhos coincidam em linha recta com os da Make. Consegue estabelecer o contacto e aproveita para fazer um gesto equivalente a uma chamada apressada de vir ter com ele. Porque tem alguma coisa a dizer que pode ser do seu interesse, ela levanta-se da cadeira, argumentando uma necessidade fisiológica que só na casa de banho podia ser satisfeita, e entra subrepticiamente na cozinha. Cara a cara, Horte e Make, ele mostra com o dedo índice da mão direita a panela assassina. Seguramente, tu já sabes o que significa esta panela e porque está aqui agora, quase vinte anos depois do episódio que a fez ficar famosa. Tendo dito isto, oferece duas opções. Se queres, podes levá-la, mas não quero saber nada do assunto. Apenas posso colaborar contigo, dizendo algum pretexto à minha mulher, que me esqueci de lavar só esta panela e, por isso, a deitei no contentor de lixo porque já está meio queimada e enferrujada, e não prestei mais atenção a ela, algo assim. Mas dona Aure nunca pode saber que eu te entreguei. Então, minha irmã, tu decides. Levas ou deixas?

– Peço-te mais um favor. O último. Diz aos meus colegas da mesa que o meu marido me ligou por uma emergência de trabalho, nada grave, e tive de ir

para casa mandar-lhe uns emails com documentos importantes.

Makemake agarra a panela com decisão, a faz encaixar na sua bolsa e abandona o Kuiper a uma velocidade de relâmpago. Já em casa, tira foto da panela com o celular e envia-a por whatsapp ao seu marido. Acto seguido, fica a rir pela ironia de ter cumprido a mentira inventada *in extremis* ao Horte para que explicasse aos amigos o motivo da sua saída repentina, apenas trocando os emails de trabalho por uma fotografia de uma panela por whatsapp. O destinatário era o mesmo. Volta a olhar para o telemóvel e comprova que Hau recebeu a mensagem, mas não a leu, isso deve ser que está imerso numa tarefa importante, mas que está num lugar com boa rede. Pensa que não é necessário mandar esta foto agora, um assunto tão importante para as memórias familiares não se trata com uma foto pelo celular, e ele irá saber de tudo, cinco dias depois, para quando está marcada a sua viagem de volta para casa. Mas, mesmo assim, Make ainda acha pior apagar a foto, vale mais a pena escrever uma mensagem, para que fique a saber, mas não se preocupe. *Tás a ver esta panela, tem uma história de quase vinte anos que incumbe a tua família, a panela não pode falar, mas eu, sim, e vou explicar-te tudo com detalhes, fica bem.* Seguidamente, a habitual série de pós-mensagens: uma tartaruga, dois pinguins, duas zebras, girafa, cara amarelada com olhos acoraçados e beijos.

Cada elemento numa mensagem exclusiva para beneficiar o tamanho.

Make leva a panela e empreende uma investigação bibliográfica. O livro do advogado contém uma foto na qual se visualiza o quarto das atrocidades e, no canto superior, a panela da discórdia pendurada na parede por um prego mais enferrujado que a própria panela. No centro da mesma foto, na parede, uma palavra em letras maiúsculas e de tamanho bem visível: “DRÔLE”. Como pé de foto, uma frase que resulta interessante à Make: “O passado é a única coisa que nunca passa”. A mensagem é extremamente familiar para o seu colega de pesquisa, Horte, especialmente, após o falecimento do pai. Quando alguns dias mais tarde Make entra no Kuiper com o livro, o local está sossegado. A obra é tão volumosa, de capa dura, que Make prefere usar uma mochila para carregá-la de casa até ao local de recreio, onde o coproprietário a espera ansiosamente. O ambiente no Kuiper é calmo porque apenas abriu faz alguns minutos e os clientes da faixa horária do pequeno-almoço ainda estão presentes em um número escassíssimo. Na televisão pública, emite-se o telejornal matutino, onde passam notícias de âmbito local. Numa das reportagens aparece o Director Gerente da TonnaH a anunciar uma fusão com uma companhia multinacional de refrescos. Nas palavras do Director Gerente, essa união iria trazer um impulso produtivo às duas empresas e

que os consumidores não deviam preocupar-se com a qualidade e sabor da cerveja porque os princípios de elaboração permaneceriam os mesmos, para além de dar emprego a mais pessoas da zona. Que forma de jogar para baixo. Horte desacredita do discurso de um homem engravatado, com capacete branco e colete amarelo reflector; num efêmero desabafo, o marido de dona Aure diz, em voz alta, que o produto continuaria a ser a mesma porcaria de sempre só que agora multiplicada por dois. Aproveitando o pouco movimento no local, Horte manda a visitante sentar-se. Make aceita e se posicionam cara a cara. Ela tira o livro da pasta, abre-o na página quatrocentos trinta e sete e começa a falar.

– Olhemos juntos para esta página, toda ela, com a sua imagem, pé de foto e texto. Por enquanto é a única informação de certa relação com o nosso episódio, porque, para além da panela, aparece uma cama sem lençóis, um quarto vazio, mais alguns utensílios de cozinha espalhados pelo chão, uma farda militar e, na parede, uma palavra escrita. Horte, tens ideia do que significa *drôle*?

– *Drôle* é um termo francês – explica Horte, que tempo atrás sentiu curiosidade pela língua francesa porque pensava que o seu nome era francês – que ganhou popularidade durante e depois da Primeira Guerra Mundial, porque ninguém mais que umas oito ou nove pessoas em todo o planeta quiseram aquele confronto; os outros, em milhões, atrincheiravam-se

de forma estúpida para cumprir ordens superiores. Enquanto tinham uma trégua, por exemplo, na celebração do Natal, os soldados rasos optavam pela solução mais prática: como estavam longe das suas famílias e não tinham mais ninguém com quem festejar, abandonavam as trincheiras e iam comer e beber com os inimigos. Passada a celebração, como não conseguiam recordar-se da localização da trincheira por causa da bebedeira, cavavam novas fossas, uma de cada lado, desciam e continuavam a obedecer as rígidas instruções superiores que mantinham o conflito activo.

Make também assinala com o dedo índice da mão direita uma passagem concreta do texto, pouco antes da fotografia, e localiza uma passagem de poucas linhas que fazem alusão ao último enforcado no rio. A frase assegura textualmente que um dos seus homens, com todo o pesar para o autor do livro, foi sacrificado por ter desobedecido as ordens superiores e não cumprir com o objectivo geral da missão que a chefia lhe tinha encomendado, que era controlar movimentos estranhos da população civil e eliminar qualquer tentativa humana de movimentos suspeitos. A menina que capturaram cumpria este requisito, de ser suspeita nos movimentos, assegura o livro, porque, na altura, muitos homens do bando contrário ficavam escondidos e enviavam crianças inofensivas à procura de informação acerca da posição do inimigo. Porém, o mesmo livro não diz nada das

atrocidades cometidas em forma de violência física ou de abusos sexuais contra uma menina de oito anos. Nenhuma referência de algo que para ela foi um verdadeiro inferno no planeta Terra. Com isto, o texto vinha justificar que aquele homem tinha sido executado de forma justa e legítima. Na televisão, o Director Gerente da TonnaH termina de falar e saúda os meios de comunicação, qual fosse uma estrela do *Rock n' Roll* ou um famoso desportista de elite. A notícia que vem a seguir ajuda a entender a anterior.

O Presidente do Governo exorta às empresas públicas e privadas de todo o país a contraírem uniões de cooperação, de forma a eliminar burocracia, aumentar a produção com o intuito de alavancar a capacidade exportadora da nação, e criar mais ofertas de emprego para a população.

Make acompanha o breve discurso emitido pelo chefe do poder executivo da nação. Se Hau – pensou ela – tivesse presenciado esta comunicação oficial na sua época de estudante, agora mesmo estaria a imaginar situações hipotéticas da vida dos poderosos e como fazer para reverter tudo e ganhar bem-estar para todos. Se por acaso um dia o Presidente do Governo vai visitar a planta de produção da TonnaH, poderá tomar uma cerveja? Quem pagaria essa consumição? Se considerássemos isso como um acto de serviço para promoção do produto nacional, seria o estado, ou seja, todos nós, a pagar a cerveja do Presidente como parte do orçamento oficial da visita de trabalho

efectuada à planta. Mas se quiséssemos entender que o Presidente teve um momento de lazer e ainda se encontrava nas instalações produtoras de cerveja, aquela água de cevada que ele teria bebido seria da sua inteira responsabilidade e deveria pagá-la do seu próprio bolso, evidentemente com o salário que ganha através, também, de todas as nossas contribuições. Bom, eu nunca fui Presidente do Governo – Make continua a imaginar as prováveis palavras de Hau – mas acredito que, depois das saudações protocolares, as sessões de fotos com o Director Gerente e o discurso orgulhoso de enaltecimento do produto nacional, num certo momento residual do acto, a conversa informal poderia convidar-me a beber uma cervejinha, de forma extraoficial, acho eu. Olhando bem, na República ideal de Platão, não havia espaço para a democracia como a entendemos hoje, e ninguém tinha direito a férias ou descanso, nem sequer o filósofo-rei. Será que um chefe de estado ou de governo de um país actual tem tempo livre ou direito a férias? A solução que o meu marido teria proposto, tenho certeza, é que cada cidadão comparticipasse ao erário público com o valor que achasse conveniente em função das suas preferências e possibilidades. Assim, o Presidente iria dar-se conta de quanto custa poupar para beber uma cerveja.

Esta cena televisiva, incluindo a notícia da fusão da TonnaH com uma multinacional, e o discurso do

Presidente do Governo sobre a gloriosa capacidade exportadora do país, resultou, aos olhos da Make e de Horte, mais própria de um teatro do que de um telejornal de um canal público nacional. Consequentemente, despoleta-se uma nova explosão antissistema, antipolítica e antitudo de Horte. Make vê naquele homem, doze anos mais velho do que ela, uma imagem do seu marido Hau quando ainda eram namorados e ele estudava Ciências Políticas com extrema paixão. Não passava um dia sem criar uma nova teoria de organização socioeconómica mundial, muitas vezes, contradizendo-se com ele próprio do dia anterior.

O coproprietário do Kuiper arranca, e diz que uma ditadura funciona igual que um gerador de energia eléctrica: apenas precisamos dela no tempo em que a linha pública está ausente. Enquanto há combustível, a ditadura funciona de forma estável e ninguém reclama, porque é a única fonte. Quando acaba o combustível, alguém deve procurar mais para que não pare de funcionar. Se o combustível escasseia e ninguém traz mais, o país fica na escuridão e a única opção de voltar a iluminar é restabelecer a linha proveniente das barragens, nem que seja a curto prazo e sem plenas garantias de que satisfaça a todos. Esta linha pública em raras ocasiões funciona tão estável como uma ditadura bem abastecida, porque sofre cortes frequentes e a sua capacidade de fornecimento precisa da

participação colectiva. Igual que para o caso da linha pública de electricidade, a duração da vida útil de um sistema democrático depende, essencialmente, de uma manutenção eficiente e constante. Lavar as mãos antes de entrever a oportunidade de sujá-las.

Depois daquela brilhante descoberta bibliográfica (Make estava convencida de que quatro olhos iriam ver algo mais do que dois, e acertou), a dupla sente que o motor da pesquisa acaba de reabastecer-se automaticamente, o depósito normal e inclusive alguns bidões extraordinários de reserva. Decidem que, como Horte anda atarefado no Kuiper e não é questão de deixar a dona Aure sozinha tantas vezes, seria Make sozinha a visitar a casinha, numa primeira ocasião, e, no seu regresso, deslocar-se-iam para o rio da vila. Vai com o carro azul, segue a estrada contígua à via-férrea e estaciona no parque de um restaurante, dizendo ao segurança que volta já.

Make encontra-se com a Brada no local onde a capturaram, vinte anos atrás, ao pé da mesma via. Não se conhecem muito, mas o suficiente como para querer ter uma conversa longa, calma e amigável. Não se viam desde o dia em que Arreug foi preso pela polícia no Kuiper. Make convida-a a tomar um café no restaurante, pois não está com pressa. Os sorrisos e boas maneiras abundam no encontro entre as duas moças. A mais nova das duas mulheres (Brada teria aproximadamente vinte e sete anos,

e Make trinta ou trinta e um, no máximo) aceita o convite, e entram no restaurante, onde ocupam uma mesa ao lado da janela, para controlar o carro, argumenta a proprietária da viatura. Um homem de aproximadamente quarenta anos de idade com avental vermelho e branco, aproxima e oferece os menus, mas as duas clientes rejeitam-nos e pedem café capuchino. Feitas as saudações iniciais e antes de receber as bebidas, Brada toma a iniciativa e começa a contar um pouco de si. Eu não tinha pais, vivia com um homem privado da fala que bebia muito e abandonava-me cada vez que queria, sem mais. Depois de um ou dois dias, voltava a aparecer e colocava todos os alimentos que conseguira na mesa, e comíamos. Nem conheci escola. Um dia, pelos meus oito anos de idade, eu vagava sozinha pelos arredores desta via-férrea porque gostava de esperar a passagem do comboio, contemplar a velocidade da sua locomoção e sonhar que um dia iria viajar dentro de uma dessas máquinas. De repente, apareceram dois homens grandes e fortes, e sem falar comigo me pegaram do corpo, um de cada lado, e me fizeram andar para dentro da mata, nesta direcção – Brada gesticula e aponta através da janela, perpendicularmente à trajectória da via-férrea. –Eu queria levantar as mãos, pelo menos uma, e acenar para pedir auxílio, mas virei-me e detrás de mim vi que não havia ninguém a rondar pela zona. Nenhuma presença humana, muito menos a coincidência de que o comboio fosse passar naquele momento. A

minha tentativa desesperada de captar a atenção de um inexistente salvador foi em vão. Recordo-me perfeitamente do percurso, de uns dois quilómetros, da via-férrea até a uma casinha. Daquele momento não me recordo mais, só que acordei no dia seguinte na cama e com os dois homens a olharem para mim.

Make paga a conta dos dois cafés, as duas jovens senhoras levantam-se e saem do restaurante. Antes de iniciar a caminhada para dentro da mata, pois Make não contempla ir para outro sítio, Brada pergunta à Make o que faz num lugar como aquele uma mulher como ela, precisamente hoje que ela, Brada, também anda por aquela zona. Venho contrastar umas informações históricas. Quero andar pela mata e saber se de verdade existe aquela casinha ainda hoje. Examinei toda a informação, que não é muita, num livro que foi publicado, há dois anos, pela editora onde eu trabalho, e, portanto, é sempre bom saber que tipo de informação manuseamos. Tudo o que me explicas faz todo o sentido porque esta zona é relativamente acessível como refúgio, por não ser muito concorrida, para quem quiser chegar à fronteira. É um bom sítio para parar, esconder-se e preparar a escapada final se o motivo é fugir de uma guerra.

– É exactamente isso que aconteceu aqui há vinte anos, uma guerra que provocou mortos e exilados – adiciona Brada, que conhece a história não precisamente pela sua profusão leitora.

– Este é apenas o primeiro passo, ainda tenho que voltar para a vila e fazer uma ronda de reconhecimento do terreno com Horte, o coproprietário do Kuiper. Ele recorda-se bem das conversas que tinha de jovem com o seu pai, que era um sabichão que observava e não perdia detalhe de tudo, inclusive dos actos mais escabrosos daquela guerra sem sentido.

– Todas as guerras são sem sentido, só que algumas um pouco menos e outras um pouco mais.

Andam pela mata, em sentido perpendicular à via-férrea, seguindo um caminho que discorria entre árvores de eucaliptos. Brada espeta que lembra muito bem esse detalhe, só que as mesmas árvores vinte anos atrás estavam a uma altura muito mais baixa, como se fossem recém-plantadas. Agora estão a mais de dez metros do solo, e produzem uma sombra que dá a sensação de microclima frio de alta montanha. O dia de hoje é cálido, mas com um sol tímido, e o contraste entre o exterior e o interior da zona dos eucaliptos é notável. Um outro arrepio ataca Make e Brada quando chegam a uma zona de falsa planície, sem árvores e carente de pegadas humanas nem de animais na terra batida. Agora já estão bem dentro da mata.

– Aqui mesmo, havia uma casa – fala Brada. O lugar é este, mas foi demolida. Não há restos de bloco, cimento, varão, vidro ou ferrinho exterior pela zona. Muito menos objectos servíveis que existiam na

casa, no tempo em que a menina Brada tinha ficado encerrada ali dentro por uma semana, sejam panelas, colchão, cadeiras, papéis, pratos, talheres. Nada. Como se um ciclone ou furacão tivesse passado por ali e, em vez de destruir tudo sem contemplações, tivesse apenas arrancado e levado a casa.

– Eu deduzi, pelo livro de Arreug e pela sabedoria do pai de Horte, que o seu filho me tem transmitido, que a casa só podia estar aqui. Outra coisa é se hoje ainda estaria em pé ou não. É isso que me fez vir para cá hoje, e já tenho a resposta. Não existe agora, mas existiu. Qualquer pessoa a quem você explicasse que aqui havia uma casa onde passaste um inferno quando eras uma menina, teria pedido que mostrasses uma evidência. Mas eu, que não preciso de evidência nenhuma porque já investiguei por conta própria, de certeza que acreditaria. Eu agora já sei que aqui aconteceram coisas terríveis, cometeram-se atrocidades que só as guerras trazem. Quando se estuda guerra nos livros – diz Make em tom pedagógico – é bom não esquecer que também há um pós-guerra. A guerra termina quando calam as armas. Não porque acabem as munições, isso é impossível. Antes pode acabar toda a água doce e salgada no mundo, mas as balas não, nunca. As armas calam porque alguém que um dia mandava disparar e matar já conseguiu o que queria, ou porque, simplesmente, morre e os que sobrevivem a ele decidem que se deixe de disparar. Make faz uma

pausa e dá uma volta de trezentos e sessenta graus sobre si mesma, contemplando toda a zona, que é uma terra sem ninguém, e continua a aula que está a dar ao ar livre para a sua única aluna.

– Quando alguém manda calar as armas, a linguagem castrense e os livros de história chamam a isso ganhar a guerra; e o caso contrário, em que a pessoa que mandava disparar e matar é morta, designa-se perder a guerra.

– E o pós-guerra? Como se determina quem ganha ou perde? – Pergunta curiosa Brada, não motivada pelo conteúdo da resposta a tal macabra colocação, mas interessada em saber que tipo de engenhosa consideração pode rondar a cabeça da Make, comportando-se como uma aluna que apresenta dúvidas à sua professora com perguntas provocadoras não para conferir se a docente sabe a resposta, mas para sacar alguma frase brilhante que possa levar para casa e recordar para sempre.

– Dizia-te que a guerra termina quando calam as armas, seja pelo motivo que seja. Mas, quando termina o pós-guerra, isso não pode responder ninguém, sinto muito – assume Make como se acabasse de descobrir uma verdade evidentíssima, mas que andava fugidia. Make acaba de experimentar que ensinar a outros é o melhor método de aprender. E agora entende a paixão de que a professora Éris fala frequentemente.

As duas jovens mulheres concordam que encontrar-se-ão em breve.

De volta à vila, à tardinha, Make entra no Kuiper e pede uma TonnaH a Horte, enquanto dona Aure está no interior da cozinha a lutar com os fogões, panelas e sacos de batatas. Make informa a Horte que a casa que aparece no livro já não existe. Desapareceu. Levaram-na. Make admite, desapontada, que esperava ver aquela escrita em Francês “DRÔLE”, ainda lá, mas acaba assumindo que terá de consultar a imagem no livro se quiser voltar a apreciar a cena, por aquilo que dizem que sempre se aprende alguma coisa nova por muitas vezes que façamos a mesma actividade. Horte toma imediatamente a decisão de que, no dia seguinte, cedo de manhã, iria visitar o pai no cemitério para transmitir aquela notícia. Mas conhecendo o meu pai, pensa Horte, é bem possível que, mesmo estando morto, ou precisamente porque está morto e tem muito tempo para as actividades contemplativas, já tenha conhecimento do desaparecimento ou demolição daquela casinha. Visto assim, a morte é apenas um prolongamento silencioso da reforma. Na reforma fica-se em casa ou num asilo a fazer coisas que ocupem a mente e o corpo, sempre que for possível e se cumpra com os medicamentos, a alimentação e as visitas ao especialista dos olhos, dos pulmões, do coração, da próstata, dos ossos, da pele, dos rins. Mas, na morte, não se visita a nenhum especialista, o especial é o

finado, que recebe visitas e flores e é deixado em paz pelo resto do tempo, faça sol, chuva, ventania, caia neve ou arremeta um ciclone de nome artístico.

Quando conversa com a campa do pai, Horte inventa uma resposta que o falecido teria dado a uma ou outra intervenção, assim sempre sai do cemitério com alguma coisa, uma nova aprendizagem. Ao explicar que a casinha já não existe, o pai não parece emitir nenhum tipo de reacção. Isso significa que, em vida, não tinha grande interesse pelos acontecimentos que se passavam fora do perímetro da vila ou arredores, e a casa ficava a mais de vinte e cinco quilómetros. Antes de sair do cemitério, Horte faz a tradicional volta de reconhecimento e saudação aos vizinhos que jazem impertérritos. No portão principal do elevado cemitério, o marido de dona Aure contempla a paisagem que se estende aos seus pés. Por um lado, a estrada que vai à cidade. Por outro lado, a vila, os campos de batata, pimento, cebola e alho e o rio sem água. Decide que o progenitor, desde dentro da campa, tinha falado para pedir-lhe que fosse ao rio e se sentasse no mesmo sítio desde onde o pai divisava famílias inteiras a refugiarem-se das inclemências da pré-guerra, da própria guerra e do pós-guerra. Convida Make para irem juntos ao rio e contemplar aquele lugar. O rio está sujo e seco de água, mas as montanhas ainda permanecem majestosas, impacientes por ter uma nova guerra entre os humanos que trouxesse mais refugiados,

mais vida. Talvez essa seria a única forma de fazer limpeza no rio, porque as pessoas que ficassem lá como refugiados iriam precisar de um local limpo onde viver. Outra coisa seria como procurar água nas condições actuais para poder satisfazer as necessidades humanas mais básicas. Não é por acaso que, durante uma guerra, as necessidades fisiológicas continuam sendo indispensáveis, tanto para os refugiados escondidos na montanha como para os poderosos que decidem mandar disparar ou calar as armas.

Make e Horte estão sentados à beira do rio, a apreciar o silêncio absoluto. Ela tira o telemóvel do bolso e escreve uma mensagem de whatsapp ao seu marido, que volta hoje à noite. *Já estás a caminho? Sabes que te amo muito e não vejo a hora de que estejas de volta. Preparei uma surpresa para esta noite.* Seguidamente, muitas caras amarelas de olhos acoraçados, duas filas de lábios famintos de ósculos e uma mensagem individual para cada espécie: uma tartaruga, um pinguim, dois passarinhos cinzentos, duas zebras, uma girafa. Fecha com uma cara sorridente. Make introduz o aparelho de novo no bolso e curte a companhia do honrado amigo Horte. Fizemos tudo que estava ao nosso alcance. É claro que não íamos salvar a vida de ninguém que já não está, o que a guerra tira, dinheiro ou seres estimados, não se devolve jamais. Mas para isso existe o pós-guerra,

que é de tempo indeterminado e abre espaço para a reparação perpétua.

– Ficamos assim, então? – Questiona ela, retoricamente.

– Reparado seja o Senhor. O melhor pós-guerra é aquele que nunca acaba, assim, ninguém mais vai querer uma nova guerra.

Horte e Make descem ao rio, isto é, a zona por onde circulava o líquido transparente quando o rio era um rio de água. Agora apenas há lixo, e entre tantos objectos que um dia tinham valor e agora estavam apilhados sem dono nem procurador, Make divisa um pedaço de lenço, que, seguramente, um dia tinha sido uma impoluta camisa branca com todos os seus botões e bolso onde colocar caneta. Nesse estado, aquela veste não tinha nenhuma utilidade, mas Make decide levá-la para casa e guardá-la assim, sem lavar nem nada. Considera interessante imaginar que talvez aquele lenço rasgado fosse parte da roupa que o seu sogro teria usado pela última vez na vida, quando foi enforcado naquele rio, vinte anos atrás.

A morte de Arreug, provocada pelo abuso propositado de comprimidos durante a liberdade com vigilância domiciliar, surpreende a todos na vila. A polícia descobre o cadáver de Arreug porque a pulseira telemática que lhe tinham colocado não dava nenhum sinal de movimento desde as últimas vinte e quatro horas. Como o velho não tinha família, os agentes da lei e ordem contactam Horte, por ter sido a pessoa que ligou à polícia no dia da detenção no Kuiper, e Horte decide que ele e Make deviam ir ver o cadáver e cooperar com a polícia no acto de levantamento do corpo e tratar as diligências oficiais da defunção. Já tinha despedido, aquele homem, mas ninguém tinha entendido que a sua rendição, no dia em que o Kuiper se tornou um búnquer, tivesse um verdadeiro sentido de adeus ao mundo. Um assassino que não é mais capaz de assassinar quando tem todos os meios, mais vale a pena desaparecer, pois já é inútil. Não deixa nada escrito, apenas as caixas vazias dos comprimidos

que lhe provocaram a morte propositada. Duas de Paracetamol, quarenta comprimidos de 500 mg (vinte em cada caixinha) e duas de Prednisolona, dez comprimidos de 20 mg em cada caixa. Todas as sessenta pílulas foram ingeridas em menos de cinco minutos. A última acção consciente que o advogado teria feito em vida seria evitar que ninguém descobrisse o seu suicídio até que o corpo começasse a apodrecer.

Naquele dia, um pouco mais tarde do habitual, há tema de discussão no Kuiper. Brada também está com eles, começa a gostar da vila. Fala-se sobre Mozart, um génio avançado ao seu tempo, dizem os entendidos. A professora Éris aventura a dizer que os meteorologistas poderiam perfeitamente dar nomes aos ciclones e outros fenómenos climáticos a partir de artistas avançados ao seu tempo, seguindo a lógica que quando faz frio é mais frio do que seria habitual pela época do ano, e quando faz calor está mais quente do que é esperável nestas datas. Ciclone Mozart, *tsunami* Goya, furacão Shakespeare, tufão Malangatana. Make e Hau divulgam algo inesperado aos seus amigos. Fazem uma breve referência à viagem ao Zimbábue, na qual se conheceram, e custa-lhes acreditar numa verdade de um tamanho iniludivelmente mastodôntico, e não por isso menos surpreendente: se não fosse pelas mudanças climáticas, não teriam feito aquela viagem de juventude e, seguramente, nunca ter-se-

iam conhecido. A essência de Mozart acompanhou Make não só nos estudos, mas também no tortuoso caminho do amor. Tudo deve sair perfeitamente e de acordo com a projecção mental ideal, pelo que não é necessário calcular tempo para corrigir, tudo tem que acontecer logo, à primeira, sem ocasião para erros nem desvios ou escutar opiniões de outros, dentro dos limites de tempo estabelecidos. A primeira grande frustração na vida adulta da Make ficou inesquecível, e, neste momento, junta coragem para partilhá-la com os seus amigos e companheiros de debates.

Make passou o exame teórico de condução, à primeira, com apenas dois erros num total de quarenta perguntas tipo teste. Até aí, Mozart estava a funcionar. Algumas semanas depois, veio a parte prática, onde a cura de humildade foi simplesmente de proporções colossais, por ter reprovado quatro vezes o exame e só passar na quinta tentativa. Isso deixou-me exausta e colapsada – recorda dolorosamente Make. Continuo adorando Mozart, mas, quando a resposta ou solução a algum problema não é autoevidente e escapa do tempo marcado, já não fico tão mal. Aprendi a controlar as situações e deixar passar o tempo como recurso para ganhar perspectiva.

No entanto, Plutão atreve-se a contar que um dia que trocou a corrida pelo ginásio, gostou, mas apenas experimentou os pesos mais ligeiros e fez

poucas repetições. Não serei bom no levantamento de pesos pesados – alega o corredor – mas, se as competições de halterofilia contassem o somatório total de quilogramas levantadas num período de tempo determinado, por exemplo, um minuto, eu teria sérias opções de levantar mais pesos, em repetidas subidas e descidas, do que levantam os homens mais musculados de uma só vez. Seria interessante calcular o peso por tempo, quilogramas por minuto. Tudo depende de como se calculam as coisas, na halterofilia, nas taxas de câmbio bancárias, na atribuição de notas escolares ou na política democrática. O sistema eleitoral de alguns países não dá a vitória ao partido que obtém mais votos, mas àquele que obtém uma maior presença de votantes no cômputo global das regiões do país, relativamente ao número de habitantes em cada região e em todo o país; em contrapartida, outros sistemas não se complicam tanto, e atribuem a responsabilidade de governar automaticamente ao partido que mais votos totais recebe, nem que fosse um voto a mais. Na maioria dos casos desta segunda vertente, os dois partidos mais votados passam a uma segunda volta e acabam condenados a distribuir-se as pastas governamentais. Seja como for, tanto na halterofilia como na política é sempre uma bênção descobrir novas coisas, novas possibilidades e novas maneiras de fazer as coisas. Nunca é tarde para aprender.

Ceres, que tinha estado em silêncio a escutar atentamente as intervenções dos seus amigos mais jovens, pede a palavra para reconhecer que aprendeu a lição. Confessa a ligação que tinha com Arreug, desde alguns anos atrás em que, por caprichos do destino, Ceres tratava de corrigir um documento oficial. Admite que caiu rendido às palavras de apreço que lhe oferecia aquele homem de vasta cultura refinada e imensamente inteligente. Eu era e ainda sou – inicia Ceres – um homem liberal e proactivo no campo laboral. Como amante de fazer contactos e procurar oportunidades, pois, no mundo diplomático em que me desenvolvi toda a vida, entre governantes e empresários, tinha aprendido uma coisa essencial: a melhor forma de ganhar-te uma boa imagem e atrair negócios é vender uma coisa que ainda não existe porque não foi criada, ou que já foi criada, mas tu nunca fizeste. Assim é fácilimo, falo-vos por experiência, meus amigos, que um desconhecido escute atentamente a tua proposta e decida querer saber mais e formule perguntas habituais: mas vocês podem criar um tipo de janelas inteligentes que se adaptem para permitir passar ou não os raios solares, em função da temperatura exterior e interior? E a vossa empresa (me perguntavam assim, apesar que eu nunca tive uma empresa minha. Inventava nomes de empresas, como parte de toda o estratagema) pode fabricar volantes de camião, que contenham microfone e áudio incorporado e funcionem como um telefone, permitindo fazer chamadas de mãos livres

durante a condução? Os vossos serviços incluem computadores ou celulares com acesso à internet incorporados, independentes da conexão da rede, dados móveis ou palavra-passe? Em todos os casos, basta escutar com cara de intelectual e pessoa com visão, a olhar sempre para cima ou para longe, nunca nos olhos do interlocutor, isso fica para o momento da resposta, em que ele ou ela aprecia a confiança que alguém tão importante como tu, com tantas inovações para o mundo, deposita nele ou nela, até ao ponto de gastar uns valiosíssimos segundos do teu tempo em olhar para ele ou ela nos olhos. Deve-se responder sempre que sim, podemos fazer isso; de facto, não estaríamos a mentir tecnicamente, porque não se fala ao cliente que não tens o produto, simplesmente estás a dizer que vais trabalhar para fornecer aquilo que corresponde à sua exigência. Desta forma, o futuro cliente (ainda nem sequer pode ser chamado de cliente) começa a acompanhar o processo produtivo e, em muitos casos, dá sugestões para fazer as coisas de uma forma ou doutra, com alguns valiosos detalhes e sem se esquecer de que a durabilidade do produto é muito valorizada hoje em dia no mercado. Clientes potenciais que falam muito são os melhores, porque, simplesmente, ditam o que querem que tu faças, onde comprar a matéria-prima, como processá-la, como empacotar, embalar, polir para entrega final e o formato de entrega. O cliente faz tudo, é um ideólogo e criador, ele faz todo o trabalho e você é que cobra por cumprir as ordens

dele, ao preço que tu queres. É assim como ajudei grandes empresas e altas posições do Estado a fazer aquisições importantes – conclui Ceres. É claro que sempre levava a minha comissão como conselheiro, pessoa intermédia entre A e B, e, às vezes, também entrava uma parte C, D, E ou muitas mais, pelo que eu multiplicava a minha fatia do bolo – remata.

Éris, funcionária do estado, sempre a depender das vagas que surgem para poder exercer, fica admirada pelas capacidades de Ceres, mas autoconvence-se de que a sua área é a docência com meninos, com muito orgulho, e nunca vai entrar nesse mundo de negócios, gravatas protocolares e falsas verdades.

Continua o velho Ceres, depois de ultimar um copo de água que andava pela metade. Eu, de princípio, era um homem de letras pela minha formação em Teoria da Literatura. Adorava a leitura e até, em alguns espasmos revolucionários, permiti-me a frivolidade de experimentar a criação poética, mas nunca publiquei. Dei aulas de língua e literatura, como interino nalgumas escolas secundárias da cidade para ganhar os meus primeiros modestos ordenados, enquanto vivia num quarto alugado, e pouco a pouco ia fazendo um tempo para angariar contactos e imaginar ideias para que outros criassem estratégias que reportassem benefício às partes e uma comissão para mim. Parece complexo, mas é bem simples, na prática, como já expliquei. Numa ocasião, eu fui convidado a uma reunião de pequenos

empresários da província, na qual, o Delegado do Governo Central alertou-nos que o Presidente do Governo precisava apresentar números elevados de exportações, de qualquer produto, num foro internacional em que o Chefe do Executivo iria participar dentro de duas semanas. Fui selecionado para ir com a delegação presidencial ao encontro por duas razões: a primeira é que eu tinha contactos com muitos empresários que lutavam para alavancar as exportações nacionais, pelo que eu seria como um representante dessas todas empresas, apesar de não trabalhar em nenhuma delas. A segunda razão é que, como literato e professor de língua e literatura, devia corrigir algumas comunicações oficiais da Presidência do Governo e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O foro celebrar-se-ia numa cidade ao sul da Alemanha, um país que era e é potência económica global, até hoje, apesar de não ter-se saído bem nas duas maiores aventuras bélicas mundiais. Suspeitei que a pilhagem colonial dos alemães, num tempo passado, não excessivamente remoto, teria tido algo a ver com aqueles níveis de riqueza e domínio socioeconómico.

– Se estamos cansados de ouvir a tua voz, podemos exigir-te que entres directamente para o assunto das tuas andanças com Arreug? – Exclama Makemake com olhos cansados.

Ceres pede mais uma água, que Horte traz imediatamente agora que dona Aure passa mais

tempo dentro da cozinha já que sente arrepios cada vez que circula pela zona onde um homem esteve prestes a esfaqueá-la. De facto, continua o diplomata, já estou no assunto das andanças. Para o Ministério de Negócios Estrangeiros, eu devia revisar uma comunicação oficial na qual o Ministro do ramo decidia mandar investigar um fracasso recente, o caso de uma equipa de inspetores destacados para localizar armas de destruição maciça no deserto do Iraque, onde supostamente estariam escondidas. Honestamente, eu só corrigia o conteúdo das cartas linguisticamente, em termos de ortografia, coerência frásica e coesão textual. O conteúdo me interessava menos do que pode interessar a utilidade de uma geleira às aves palmípedes da calota Antártica. O caso é que, durante os dias em que eu, numa sala do hotel das delegações, preparava a versão melhorada do texto oficial, pedi à organização do foro internacional se podia contar com o apoio de um jurista ou pessoa das leis para rever um termo específico que resultava ambivalente. Um assessor de comunicação e imagem dentro da organização aproximou-me e dirigiu-se a mim em Inglês.

– *What language do you speak, Sir?* – Questionou-me secamente, e fiquei uns segundos a meditar.

– *I speak... I speak Lozi, Guaraní, English, Farsi, Mirandês, a bit of Greek and some basics of Chinese* – respondi, mas, pela expressão facial do homem, vi que a minha prolífica resposta não era a informação

que ele queria de mim realmente. Ficou claro para ele que eu não era chinês, mas o meu anglófono interlocutor precisava de saber donde eu vinha, de que país, porque, para além da correcção linguística, a minha dúvida jurídica só podia ser resolvida por alguém do meu país ou que conhecesse as normas judiciais do meu país. Aqui é onde aparece o nosso homem, Arreug, que nem sequer fazia parte de nenhuma delegação, só estava hospedado no mesmo hotel porque estava em trânsito para uma cidade do norte da Alemanha, onde tinha um caso judicial. Conversámos as mínimas palavras introdutórias, de forma amigável, e logo descobrimos que os dois tínhamos nascido na mesma vila, numa diferença de idade não superior aos três anos, ele mais velho do que eu. Apesar de sermos ambos oriundos desta vila, ele contou que teve de sair muito cedo, ainda menino, primeiro para a cidade capital da província (explicou-me uma longa história de um piano de igreja que tocava de memória), depois para a capital do país e, finalmente, lá, na avançada, tecnológica e democratiquíssima Alemanha. Naquela altura em que o conheci, Arreug tinha trabalhado fora de casa e longe da sua cultura por mais de vinte e cinco anos, e confessou-me que estava cansado, não conseguia ver a hora de descansar para se entreter a ler livros e beber vinho, branco ou verde, ao almoço, e tinto, ao jantar. E nem mencionar que resolvemos o problema jurídico do texto oficial, apenas trocámos uma palavra por uma outra que tinha menos acepções, nada

mais. Aliás, foi ele quem resolveu e eu apresentei ao Ministro, pelo que, pela primeira vez na minha vida, não fui eu a receber comissão, mas a entregá-la a um intermediário.

Horte passa para retirar as bebidas já consumidas, duas infusões da Make, um café de Plutão, a água de Ceres, o refresco da Brada e o chá de gengibre de Êris. Com confiança, o coproprietário do Kuiper fica a escutar a conversa dos amigos, interessado pelo episódio que Ceres estava a revelar, acerca de um homem que poucos dias atrás tinha estado perto de enlouquecer e levar a vida da sua esposa.

– Arreug admitiu – continua Ceres – que na Alemanha tinha feito uma carreira brilhante, sentia-se quase como mais um alemão de nascimento. Lá fora da sua pátria, era reconhecido, pagavam-lhe táxis, abriam-lhe as portas das salas onde devia entrar, esperavam por ele se atrasava ou estava na casa de banho. Era, em geral, bem considerado, mas tinha medo de voltar para casa e sentir-se como numa prisão, um desconsiderado, um ninguém. É verdade. Era respeitado por todos a nível profissional e sem problemas sociais ou matrimoniais, ele que toda a vida foi solteiro. Dizia-me que, se voltasse agora para casa, a viver na vila onde nasceu, seria mais por saudades dos campos de batata do que por outra coisa. Para ver o lugar onde passou a primeira parte da sua infância e onde a sua mãe ganhava um miserável salário em troca de intermináveis jornadas a dobrar

as costas. Tinha medo de ficar na Alemanha, porque já não sentia motivação nenhuma, mas também observava um receio de voltar e ser tratado como um ninguém na sua própria casa depois de tantos anos de fama e prestígio além-fronteiras. Agora já não vou estender-me mais, o caso é que aguentou mais alguns quatro ou cinco anos em terras germânicas e, finalmente, voltou porque sentiu uma veia patriótica e necessitava pôr a sua sabedoria jurídica ao serviço deste nosso país, que estava numa guerra recém-iniciada. Ele devia estar aqui para fazer justiça, paz e prosperidade. Há vinte anos, treze meses depois do início da nossa guerra civil, quando ele cá chegou, era uma temporada em que eu viajava muito pouco e passava tempo aqui. De facto, foi logo mesmo que voltei da América do Sul e fiquei uma longa temporada cá. Ofereceu-me um trabalho bem remunerado tanto na vertente económica como na do orgulho patriótico. Ele chefiava um grupo de cinco homens que faziam trabalhos de limpeza que nenhum oficial do exército queria fazer, muito menos nenhum político. Mas eu neguei, aquilo não era para mim e desejou-me sorte com os meus projectos, que, naquela altura, eram muitos, mas não com a mesma regularidade, por causa da guerra. Recordo-me de vocês que ainda eram meninos, e senti uma pena enorme quando vi que o pai de Hau andava colado a Arreug, com um fardamento militar duas medidas maior para o seu corpo e arma (a arma, é claro, também era grande demais porque todas as armas são grandes demais).

Este foi o fim do teu sogro, estimada Make – Ceres olha para a esposa de Hau colocando as suas mãos em paralelo, em cima da mesa, apontando para ela. Certo dia, Arreug andava com cara de pouca alegria, rodeado apenas de três dos seus homens e não os cinco. Dos dois em falta, um tinha sido morto pelo pai de Hau, numa tentativa de salvar a vida inocente de uma menina, esta menina que está aqui connosco agora a tomar um refresco, a quem chamamos Brada. Aquela menina agora é graduada em Jornalismo, ela mesma que não recuou nem sequer um passo no dia da bunquerização deste local, o Kuiper; e o outro, o próprio pai de Hau, foi levado para o rio e já não voltou mais. Quem me contou tudo isto, e, várias vezes, sempre com a mesma pronúncia enfática, foi o teu pai, em paz descanse, Horte – o diplomata muda a direcção das suas mãos e olhos para cruzá-los com os do coproprietário do Kuiper.

Eis a história de como sabia, desde faz tempo, tudo sobre o pai de Haumea, o mercenário. Arreug, nesta etapa como chefe de um grupo de mercenários, sempre quis extrair o máximo benefício com a lei do mínimo esforço. Aproveitar-se-ia das situações pessoais de almas desesperadas, e o pai de Hau era o candidato perfeito para ser mandado fazer qualquer tipo de coisas. Ceres encerra, já está cansado de falar, com umas frases de intelectual maduro e realista.

– Agora, demonstra-se que paixão e lei são dois elementos dificilmente misturáveis. Água e sede,

tanto em guerra como em paz, são um problema sério.

Pelo gesto de querer confessar voluntariamente, nota-se que Ceres é um homem bom, apesar de tudo. Fez a parceria com o representante da liga de basquetebol americana de forma honesta, se bem que um pouco ofuscado por iniciar uma carreira de diplomata brilhante, com contactos e resultados de prestígio. Admite isto e pede desculpas públicas num discurso no Kuiper.

Estimados todos,

Eu sou uma pessoa de boas intenções, como acredito que vocês aqui presentes também o são. Levanto a voz agora neste lugar para pedir desculpas sinceras a quem dê direito, pelo meu intolerável comportamento. Há pessoas a quem eu feri e maltratei psicologicamente, e o pior não é acto cometido, mas a inexistente capacidade de reacção por mim mostrada, motivada por puro egoísmo e ignorância. Roubei dois anos e meio da infância desta jovem chamada Brada, a quem eu admiro pela sua luta e resiliência.

Juro pelo poder da única autoridade sobre-humana que não reservo nenhum tipo de condição pelo facto de desculpar-me publicamente. Aprecio bastante pela vossa atenção e tempo dispensados em escutar-me. Muito obrigado e continuação de uma boa tarde.

A receptora principal do discurso aceita gratamente as desculpas, e, seguidamente, Ceres estabelece conversa afectiva com a jovem Brada, a quem oferece ajuda económica (imediatamente rejeitada) e prático-moral, na forma de conselhos, contactos, visitas regulares para conversar e entender mais sobre o sabor do inferno, caso ela quisesse dar campo aberto a essa experiência.

Make está perto, escuta este último oferecimento e não pode evitar recordar que ela trabalha numa editora, e que Brada pode contemplar a possibilidade de publicar experiências do inferno, caso ela considerasse que fossem de ajuda para alguém.

Ceres faz um gesto ocular de aprovação. Ceres olha para Make e pede-lhe desculpas, pois, hoje, é o dia em que as torneiras estão abertas para isso. Arreug é que era inteligente e manipulador demais. Explica que a visita que fizera em casa de Hau e Make foi um vulgar estratagema para evitar que o casal saísse malparado de toda esta situação. Depois de um ano a viver na vila, tinham boa reputação entre os vizinhos, de quem recebiam a admiração e o respeito, não só por organizarem os sábados abertos, mas também por serem exemplarmente simples e agradáveis. Portanto, não convinha, segundo entendia Ceres, que se soubesse muito sobre o pai dele. No dia em que Arreug montou o espectáculo no Kuiper e quase tirava a vida da proprietária, o diplomara Ceres não podia parar de imaginar as consequências

penais que podiam pesar em cima de Make por ter feito pesquisas de um documento jurídico sensível, mesmo que público, sem autorização expressa do autor. Felizmente, todos estamos bem, e dona Aure vai servir-nos uma excelente mandioca, amendoim torrado e umas TonnaH bem geladas, chá, café ou infusões por muito tempo. Quero colaborar com Horte na organização de uma pequena festa para a senhora. Desde que teve uma faca no pescoço por mais de dois longos minutos, ninguém além do marido se preocupou por ela.

Haumea volta da viagem com um dia de antecedência e sabe perfeitamente, ninguém precisa informá-lo, que Ceres acabaria por soltar tudo de forma pública em relação ao caso de Arreug, aproveitando a sua ausência, para ficar como bonzinho. Bom, nada contra, também é meu amigo, a partir de agora, sem ressentimentos – assegura à sua esposa, os dois sentados no sofá lado a lado, como na primeira vez que se sentaram juntos, no avião para o Zimbábwe. Hau prefere conhecer toda a verdade e satisfazer o esforço que a esposa faz para que tudo se saiba. Fala com ela como se estivesse a dirigir-se a uma audiência numerosa, talvez ainda mentalmente dirigido pela imperativa prática laboral. A minha senhora escolhi por vontade própria; o meu pai não. Estou eternamente agradecido a ele por como me criou e tudo que fez por mim com inúmeros sacrifícios, mas isso não implica ter que ocultar nada do passado.

Aliás, prefiro honrar as coisas boas que o meu pai fez por mim, porque se eu próprio carrego com o peso de algo tão terrível é uma forma de libertá-lo. Ele merece e o mundo também.

Numa guerra entre bandos, o normal é que haja abusos policiais, mas nenhuma causa judiciária contra nenhum oficial, precisamente porque os mesmos oficiais da lei e ordem, para além dos grupúsculos extraoficiais, estão todos cheios de lixo até às sobancelhas, pelo que é mais prático varrer tudo por debaixo do tapete, onde ninguém vê e poucos perguntam. O sacrificado a enforcamento, pai de Hau, tinha sido deputado na Assembleia Nacional antes da guerra, fervente partidário de intervenção armada onde fosse necessária. E ele achava-a necessária com muita frequência, e quem joga com fogo acaba queimado. Alguns sobrevivem e outros não, mas todos acabam queimados. Brada deixa uma carta em casa de Haumea e Makemake. Usa o mesmo procedimento que tinha implementado para fazer chegar a missiva no quarto de hotel de Plutão: aproveita que os destinatários estão ausentes para meter um envelope pelo sulco inferior da porta de entrada, assim seria inevitável para o campo visual dos receptores no momento em que entrassem à casa.

Queridos amigos Hau e Make,

Lamento não ter escrito antes esta carta, e, por isso, desculpo-me em primeira ordem. Tenho certeza de que poderão entender, mais cedo ou mais tarde, as dores de cabeça que sinto cada vez que penso nos acontecimentos do passado. Uma mulher jovem como eu, que não atingiu os 30 anos de idade, a falar do passado como se fosse uma anciã não é um bom sinal. O caso é que sofri os tratamentos mais indesejáveis que o género feminino pode sentir, independentemente de se se trata de uma fêmea de ser humano, de leão ou de pinguim. Eu fui capturada durante esta absurda guerra nacional que todo o mundo conhece, mas que na vila todos se calam e engolem, como se tivesse acontecido duzentos anos atrás e não fosse mais do que um tema de conversa, uma disciplina escolar ou uma lenda popular que origina nomes de praças, avenidas, ruas ou montes. Me levaram para uma casinha abandonada a meio caminho entre a capital da província e esta vila. Acho que nasci nesta zona também, mas isso ainda é mais remoto e difícil de lembrar para mim. Quando chegámos a essa casinha abandonada, dois homens grandes e fortes, com fardas militares dos pés à cabeça me fizeram entrar apressadamente, como se tivessem receio que eu captasse alguma imagem exterior e a guardasse na minha memória. Uma semana mais tarde, quando saí daquele inferno, ouvi eles a conversarem, e depois de alguns anos acabei entendendo que eles não

eram militares do exército, mas sim mercenários, e abilhavam-se igual para passarem despercebidos na barbárie. Um dos homens tinha estado a maior parte do tempo à procura de comida, carvão, água e ferramentas para limpar a casa. O outro ficava todo o tempo comigo no quarto, saía muito pouco, falava comigo, me prendia as articulações quando eu zangava de desesperação e queria mexer-me, e ali aproveitava para penetrar-me qual projectil destrói um vitral de uma igreja e o despedaça em mil partes minúsculas, isso eu sentia no meu coração; se ainda tinha forças para resistir, ele pegava uma panela enferrujada e batia-me em todo o corpo menos na cara, para que assim eu continuasse consciente e a presenciar forçosamente o divertimento dele. Das muitas vezes que usou a panela para silenciar-me, não me recordo de que o outro colega estivesse por perto para o fazer parar.

Apesar que os dois eram mercenários, desgraçados, desalmados e despiedados analfabetos, o meu cérebro automaticamente reconhecia um como o burro bom e o outro como o burro mau. Uma semana depois, num momento como qualquer outro em que eu já não tinha mais esperanças de sair dali, o burro bom, o pai de Haumea, descobriu o que o burro mau estava a fazer comigo, agarrou a mesma panela que o burro mau usava para bater em mim e espancou o burro mau na cabeça, no pescoço e no peito até deixá-lo deitado na cama, ao meu lado, a sangrar profusamente.

Não conheço a identidade do burro mau nem me interessa. Se vocês tem alguma curiosidade por saber mais sobre ele, lamento não ser eu a pessoa que vos poderá dar dados. Recordo-me de que, depois de assassinar o burro mau, o burro bom carregou-me para fora, lavou algumas das minhas feridas mais visíveis e começámos a andar. Caminhámos por dois dias apenas a comer pão seco e beber água de rios e lagoas até que chegámos a esta vila, onde dormi num colchão decente por primeira vez em muito tempo.

Acabei sabendo, meses mais tarde, que a casa do burro bom estava vazia não porque não tivesse família, mas porque a esposa, mãe de Hau, se encontrava fora da vila a trabalhar de segunda a sexta-feira na cidade, e o filho, Hau, estava a estudar no internato, na cidade, sétima classe. Assim, ficámos sozinhos, o burro bom e eu. Os dias passaram-se e eu habituava-me a uma vida rotineira com aquele homem, pouco comunicativo, mas muito correcto em tudo, em geral. Mercenário. Porém, esta tranquilidade não durou mais de dois meses: o chefe maior dos mercenários vinha buscar o assassino da pessoa que tinha estado a cometer estupro em mim em repetidas ocasiões naquela semana infernal que nunca esquecerei. Me senti tão fútil e anónima porque alguém fosse incriminar um homem que matou um violador para salvar uma menina, enquanto eu ficava desconsiderada, como um objecto ou prenda de guerra que já ninguém queria. O burro bom, o pai de Haumea, tem sido a única pessoa

que me tratou com uma mínima humanidade durante todo aquele tempo. Quando já se fazia impossível escapar dos mercenários, ele se aproximou a mim e entregou-me a panela, a mesma que tinha sido usada contra mim pelo burro mau e que o burro bom utilizou para libertar-me. Guardei a panelinha na mochila das minhas coisas, e, acto seguido, três homens altos e fortes, que secundavam um senhor baixinho e de barriga, vestido de fato e gravata, arrombaram a porta de casa e levaram o burro bom e a minha mochila, com a panela dentro. Um homem sábio da vila, que agora sei que é o pai de Horte, coproprietário do Kuiper, intercedeu com aqueles quatro elementos, concretamente, com o senhor de barriga, um advogado conhecido pelo apelido Arreug, para que pelo menos, ao executar o burro bom, permitissem que ele levasse a mochila com a panela e a entregasse à família. É assim como a panela chegou à mãe de Haumea, e da mãe ao filho, que inocentemente a ofereceu a Plutão, campeão da corrida de um sábado aberto, numa ocasião em que os organizadores, Make e Hau, se esqueceram de comprar a premiação e acabou saindo esta panelinha de casa de Hau e Make, como último recurso para que o evento não ficasse sem premiação. Quando estive em casa de Plutão não tive dúvidas, e quando vi aquela panela enferrujada e assassina, levei-a comigo e pedi a dona Aure do Kuiper que a guardasse. Após a execução do burro bom, fiquei sozinha e sem protecção nenhuma, pelo que tive de andar e andei, até chegar a uma casa de acolhimento

para crianças órfãs, onde cresci e ganhei uma bolsa de estudos nos Estados Unidos da América, graças a uma gestão de um vosso conhecido, Ceres. Este foi o segundo inferno da minha curta vida.

Termino já, desejo que as informações que dou neste escrito não vos resultem indigestíveis. Eu, simplesmente, creio que todo o mundo tem o direito e dever de conhecer a sua história. Caso queiram contactar-me, podem solicitar o meu número de telefone a Plutão, pois não gostaria de deixá-lo escrito aqui, espero compreendam e não me guardem ressentimento.

Brada

Epílogo

Hau e Make regressam a casa. Poderão ficar juntos por uma longa temporada, meio férias meio trabalho à distância. Travam uma pequena conversa, na qual surge o tema ambiental. Sempre que estão juntos em casa, dá-lhes por recordar os bons tempos de quando se conheceram numa viagem ao Zimbabwe, e recorrem a estilismos literários de dar e tomar instantaneamente, como bolas que se lançam e se recebem num jogo de ténis. No que se refere aos estilismos literários, Make sabe que os domina infinitamente melhor do que Hau. Mas, sobre jogar ténis, não sei o que dizer, confessa ela. Tu jogaste alguma vez? – Pergunta ao marido, que responde negativamente com um movimento hierático da cabeça. Make pensa que podem mobilizar a população e angariar fundos para a construção de uma pista de ténis aqui na vila. Talvez a companhia cervejeira TonnaH pode aceitar e participar, já que passou a ser uma empresa eternamente aflita, como um marido que se comportou mal e lhe foi dada

uma segunda oportunidade condicional. Olhando bem – intervém fugazmente Hau – todo o dinheiro que a empresa arrecada é nosso, que bebemos no Kuiper e pagamos para que dona Aure possa encomendar mais caixas de pretas, douradas, leves, com e sem álcool e de vários tamanhos. A TonnaH nunca entra em crise porque o seu produto é consumido massivamente tanto em tempos de paz como de guerra. Mas, claro, meu querido – adverte Make – esta negociação para uma pista de ténis só podemos fazer quando mudarmos de edil, não quero que ele e o cunhado, com apoio do diplomata Ceres, levem a fatia maior do bolo e construam uma vulgaridade de instalação que em três meses fique obsoleta, entendes? O problema é que a metade da população desta vila é família directa, indirecta ou imaginária do edil, e todos acabam comendo algo do bolo maior, pelo que se torna impossível que seja escolhida uma outra pessoa por meios democráticos, num futuro próximo.

Não, nunca joguei ténis – lamenta Hau, reforçando a sua resposta gestual agora com palavras – e apoio que a iniciativa só poderá ir a frente quando as circunstâncias sejam mais favoráveis. Concordo contigo, mais da metade da escassa população desta vila está comprada e ninguém sequer ousa candidatar-se para a edilidade, porque todo o mundo conhece o labirinto que existe na Administração. Então – argumenta Make – se nenhum dos dois

jogou ténis, fiquemos com os estilismos literários ou pseudoliterários. A diferença entre ter cultura ou aparentar ser culto é, em incontáveis ocasiões, tão invisível como uma fronteira internacional no meio do oceano. Dispara Make em primeira ordem.

– O degelo das calotas polares do planeta vai ajudar o comércio global porque haverá mais superfície marítima navegável.

– Esse degelo faz desaparecer as espécies que vivem no gelo – replica Hau. Por exemplo, os pinguins, orcas, ursos polares, focas, morsas e leões-marinhos.

– Os dinossauros também desapareceram há muitos milhões de anos e nós humanos continuamos aqui – provoca Make. Não sejas pessimista, tudo vai ficar bem. Diferente, mas bem.

– Claro, e o comércio vai aumentar, como dizias, porque o tempo de navegação de grandes buques entre a China, o maior produtor mundial de tudo, e a Europa, o maior consumidor, será reduzido à metade.

– E nós, que estamos aqui perdidos no meio do nada, tão perto e tão longe de tudo, vamos continuar a consumir ainda mais Made in China e admirar as culturas consumistas ocidentais por cima do que é nosso. Tudo vai mudar para ficar igual como é agora

e como foi sempre. Todas as coisas têm um lado positivo e um lado negativo.

A troca de estilismos é a melhor forma que este casal tem de passar as horas da tardinha até ao jantar. O esforço intelectual traz fome e os ajuda a equilibrar as coisas boas e as coisas más deste planeta. E podiam continuar até amanhecer: o processo evolutivo que alguns chamam humanidade falhou inúmeras vezes. Falha a interpretação da Bíblia e do Alcorão, fracassa a convivência religiosa. Falham os sistemas de saúde, morrem pessoas jovens cheias de vida. Falha o uso das tecnologias (não o fabrico delas), esmagam-se culturas tradicionais; falham os sistemas educacionais, promove-se a ignorância às posições mais altas do poder social; dá-se rebuçados a crianças que choram sem fome, mas não há pão para crianças e adultos carenciados de forças para chorar.

No dia seguinte, domingo de manhã, Hau entra em casa ainda cedo. Tinha saído vinte minutos antes para comprar pão, bolinhos e o jornal na padaria da vila mais próxima, uma curta distância num golpe de carro e sem tráfico. Começa a ler o rotativo e, quando a sua esposa se junta à mesa e aceita o aspecto delicioso dos bolinhos recém-comprados, Hau chega à última página do jornal e presta atenção ao anúncio da exposição Making off the Shapes que o autor, renomado escultor do país vizinho, tinha decidido prolongar por mais duas semanas. Visitas

guiadas individuais ou em grupo aos domingos, entre as dez e as quinze horas, para quem apresente este anúncio em formato físico. A duração das visitas é de cinquenta minutos aproximadamente. Hau comenta que, agora que temos tempo juntos, quero que façamos actividades culturais, passeios ou festas como a que devemos à dona Aure.

Finalmente, o casal acaba decidindo que seria bom contactar a Brada e agradecê-la por duas coisas: a primeira, o gesto de recuperar a panela, pelo valor simbólico, e a segunda, contar toda a história do falecido pai de Hau, pelo valor emocional. Para além de agradecer, uma recomendação.

Vingança é um sentimento natural das pessoas humanas, também dos animais. Girafas, pinguins, elefantes, tartarugas e mais espécies também usam a vingança. Não queremos que te esqueças do que te fizeram, tanto o meu pai como o burro mau, Arreug e Ceres.

Cada um à sua maneira, por culpa deles tiveste que passar por vários infernos, mesmo que um fosse uma prisão de luxo onde te tiraram o teu nome original e ficaste como Brada; só recorda que a melhor vingança será a reconstrução de ti mesma.

Redactam a mensagem composta de dois parágrafos, a quatro mãos em papel A4 e numa caligrafia limpa e clara, quase nem se difere o parágrafo escrito por

Make do escrito por Hau. Make opina que o seu marido é muito forte e humilde. Tu me tens protegido sempre sem querer ser herói. Pelo mundo já passaram muitos heróis. Se calhar o que precisamos agora não são novos heróis, mas sim que não haja mais acontecimentos que provoquem a aparição deles. Hau pensa interiormente, concordando com a sua senhora, que mais vale não sujar para lavar menos do que estar a lavar a toda hora para se autoproclamar campeão da limpeza. De repente, olha para baixo e nota uma ondulação pronunciada no corpo jovem da Make.

– A tua barriguinha deixa ver uma curva. Não tens nada por explicar-me? – Pergunta Haumea.

– Casamos pela igreja ou pelo civil? – Retorque Makemake. E adiciona algo mais, engraçada. Amanhã vamos à loja de bebés para vasculhar algumas roupas e brinquedos, que tal? Ainda temos alguns meses para pensar – diz ela para acalmar o ambiente, e abraça o seu marido com lágrimas de alegria nos olhos.

Colecção Xikalavitu

Livros Publicados

Autores

- 1 - Dores do Parto, Dores da Inspiração (2013)
_____ Alex Barga
- 2 - Sonhos, Caminhos & Lutas – Antologia Poética (2015)
_____ Vários Autores
- 3 - Aliança com a solidão (2016)
_____ Alex Barga
- 4 - Pedido de Madrinha de Guerra (2016)
_____ Miguel Sumburane
- 5 - A Sombra dos Sonhos (2017)
_____ Matos Matosse
- 6 - Leis de Amor – Laws of Love (Bílingue:2017)
_____ Alex Barga
- 7 - Eterna Paz (2018)
_____ Bee Yoni, o Dragão
- 8 – O cão e o gato – The dog and the cat (Bílingue:2020)
_____ Angelina Neves
- 9 - As Cinco Pragas do Divórcio – (2020)
_____ Fernando Parruque
- 10 – Contos e Descontos – (2021)
_____ Daniel Mabjaia
- 11 - Quem Me Dera Ser Puta - I Wish I were A Bitch
(Bilingue 2021)
_____ Alex Barga
- 12 - A Revolução dos Pinguins - (2021)
_____ Roger González Margalef

